

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA



BERNARDO DOLABELLA MELO

**QUANDO A BELA É A FERA:  
INVESTIGAÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO PERVERSO EM  
MULHERES SERIAL KILLERS**

Belo Horizonte

2016

BERNARDO DOLABELLA MELO

**QUANDO A BELA É A FERA:  
INVESTIGAÇÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO PERVERSO EM  
MULHERES SERIAL KILLERS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra Pereira França

Belo Horizonte  
2016

150  
M528q  
2016

Melo, Bernardo Dolabella

Quando a bela é a fera [manuscrito] : investigação sobre o funcionamento perverso em mulheres serial killers / Bernardo Dolabella Melo. - 2016.

99 f.

Orientadora: Cassandra Pereira França.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Metapsicologia - Teses. 3. Homicidas em série - Teses. I. França, Cassandra Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

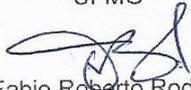
**QUANDO A BELA É A FERA: investigação sobre o funcionamento perverso em mulheres serial killers.**

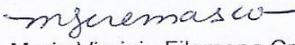
**BERNARDO DOLABELLA MELO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 30 de maio de 2016, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Cassandra Pereira Franca - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Fabio Roberto Rodrigues Belo  
UFMG

  
Prof(a). Maria Virginia Filomena Cremasco  
UFPR

Belo Horizonte, 30 de maio de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Por várias vezes durante o percurso do mestrado, rascunhei mentalmente meus agradecimentos. Chegado o momento de se concretizar a escrita, confesso certo embaraço, não por não saber a quem agradecer, mas por me questionar sobre como agradecer todos os envolvidos, direta e indiretamente nessa conquista. Tentarei, em vão, transcrever sentimentos em palavras, já com a certeza de que não serei capaz de encontrar palavras que realmente descrevam minha gratidão pelo momento que se finda.

Quebrando um pouco o protocolo, no momento me vem à mente um trecho de uma poesia de Vicente de Carvalho que diz: “Essa felicidade que supomos; Árvore milagrosa, que sonhamos; toda arreada de dourados pomos; existe, sim: mas nós não a alcançamos; porque está sempre apenas onde a pomos; E nunca a pomos onde nós estamos”. Hoje, sinto que me encontro em um momento onde contradigo a poesia, e me encontro onde também está a felicidade. E por isso sou grato.

Agradeço imensamente a professora Cassandra por ter aceitado assumir a orientação de um projeto tão incomum e trabalhoso. Agradeço também pela dedicação, interesse, acolhimento, carinho e bom humor, capazes de diminuir o cansaço das maratonas de estudo e injetar empolgação. Agradeço a sua família pela hospitalidade nos encontros realizados no Retiro.

Agradeço a minha família, não simplesmente pelo momento atual, mas por serem as pessoas fantásticas que sempre foram, por se preocuparem comigo e me auxiliarem a ser quem eu sou hoje. De início já afirmo: Amo vocês!

À minha mãe por todo o suporte, apoio, dedicação e preocupação. Sem seu carinho e amor, esse trabalho não seria possível. Poderia escrever várias páginas que ainda não seria capaz de expressar o tamanho de minha gratidão.

Aos meus irmãos: Evandro, pelo apoio, conversas, companheirismo e pela acolhida em sua casa em um momento crucial; e Renato, pelo exemplo e suporte, mesmo que as vezes não verbalizados.

Meu pai pela compreensão, incentivo e preocupação, não só pela minha jornada, mas também pela minha ausência.

Cecília, doida bonita, por ser peça fundamental nessa conquista e por ser peça fundamental em minha vida. Por todo o amor, carinho, cumplicidade, paciência, gostosidades e disposição para me ajudar não só na escrita, mas também a lidar com momentos ruins e de desestímulo. Te amo monte sempre!

Aos tios, tias, primos e primas pelo incentivo e paciência. Por aturarem minhas loucuras e excentricidades.

Rô, Tinho e Dani, pela paciência, carinho e afinidade.

Palmira e Chico, pelos almoços, jantares e outros momentos tão agradáveis. Pela receptividade que me receberam em sua família e pelo incentivo e assistência à minha carreira.

Gustavo, Luis e Vanessa, pela afinidade.

Snarf, Jota e Rhino pela companhia nas inúmeras madrugadas dedicadas aos estudos e a escrita.

Às participantes da “Escola Anglo-Porteña”, Isa e Nay, por percorrerem junto comigo esse percurso, compartilhando ideias e força em momentos de desesperança.

Aos colegas de mestrado, que tornaram essa jornada mais leve ao compartilharmos angústias, informações e amenidades. Pela afinidade que se firmou e impediu que divergências teóricas tomassem o lugar do contato humano. Conforme foi dito, “há amor entre os psicanalistas”. Ao Alvaro pelas diversas conversas e compartilhamento de ideias.

Aos amigos de sala, que desde 2004 compartilham comigo suas ideias, conhecimento, discussões e momentos de lazer. Agradeço principalmente pela amizade! Baiano, Gi, Marcus, Tainah e Cyro, agradeço a importância que vocês têm em minha vida.

Chris, pelas risadas, bobagens, preocupações, incentivos e oportunidades. Cris e Vinícius, pelas risadas, bobagens e bons momentos. À mini-Cecília pela felicidade que causou com sua chegada.

Aos amigos Pedro, Alex, Hudson, Pedro, Alfredo e Igor, membros do grupo até o momento conhecido como “O divã do Alex” pelas inúmeras bobagens e nonsense que me arrancavam gargalhadas nos momentos mais necessários, tanto virtualmente quanto pessoalmente.

Cajão, Lisa e Léo, pela amizade incondicional.

Aos amigos e amigas da Psicologia, pelas inúmeras conversas, discussões e momentos bons. Mariana e Marcela, pela amizade.

Agradeço aos meus colegas de trabalho no CETAS, pelo incentivo e interesse por minha pesquisa, e por transformarem o ambiente de trabalho em um lugar leve.

Aos amigos do CAVAS, pelo acolhimento, interesse e disposição em ajudar.

Por último, agradeço novamente à Cecília e Alex, agora pelo caráter obsessivo de suas personalidades no auxílio da revisão e formatação da dissertação.

*If I were a swan, I'd be gone  
If I were a train, I'd be late  
And if I were a good man,  
I'd talk with you more often than I do  
If I were to sleep, I could dream  
If I were afraid, I could hide  
If I go insane, please don't put  
Your wires in my brain  
If I were the moon, I'd be cool  
If I were a rule, I would bend  
If I were a good man, I'd understand  
The spaces between friends  
If I were alone, I would cry  
And if I were with you, I'd be home and dry  
And if I go insane,  
Will you still let me join in the game?  
If I were a swan, I'd be gone  
If I were a train, I'd be late again  
If I were a good man,  
I'd talk with you more often than I do  
(If / Pink Floyd)*

## RESUMO

Melo, B. D. (2016). Quando a bela é a fera: Investigação sobre o funcionamento perverso em mulheres serial killers. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O presente estudo busca questionar o nosso aprisionamento numa estreiteza de entendimento teórico da perversão, que acaba por nos conduzir a uma trilha bem estabelecida e que vincula tal funcionamento psíquico a sujeitos do sexo masculino. Adentrando as obscuridades do funcionamento psíquico perverso, encontramos uma bifurcação inquietante e muitas vezes ignorada, que nos conduz a um novo caminho ainda pouco percorrido e desbravado, o da perversão feminina. O pressuposto da existência da mulher perversa encontra grandes obstáculos, inclusive, dentro da metapsicologia freudiana, uma vez que a mulher não necessitaria da *Verleugnung*, por já ter sido, fantasisticamente, castrada. Numa tentativa de forçar a necessária mobilidade conceitual, a proposta da dissertação é a de abrir espaço para uma reflexão que, ultrapassando a ofuscante luz da mídia, nos permita pensar sobre um fenômeno que nos intriga, o das mulheres *serial killers*, e que parece ser uma contundente prova do dinamismo da organização psíquica perversa nas mulheres. Sem a pretensão de obter conclusões, intencionamos apenas questionar a defasagem existente entre a teoria psicanalítica e a realidade factual onde os conceitos de perversão e *serial killer* confluem, e vão ao encontro ao feminino.

Palavras-chave: Metapsicologia freudiana. Perversão. Perversão feminina. Serial killer. Mulheres assassinas.

## ABSTRACT

Melo, B. D. (2016). When the beauty is the beast: Investigation regarding the functioning of perversion in female serial killers. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The present study aims to question our imprisonment in a narrow theoretical knowledge of perversion, which leads to a well-established route and associates this psychic functioning to male subjects. When accessing the obscurities of the psychic functioning of perversion, an unsettling bifurcation that is frequently ignored is found, which leads to a new route that is seldom explored and investigated, female perversion. The assumption of the existence of a perverse woman faces great obstacles, including in Freudian metapsychology since the woman does not need *Verleugnung* because she has already been castrated through fantasy. In an attempt to force a necessary conceptual mobility, the purpose of the dissertation is to promote a reflection that is beyond the confounding influence of the media and that enables us to think about a phenomenon that is intriguing: women serial killers, which seems to be irrefutable evidence of the dynamics of the perverse psychic organization in women. Without the pretention of obtaining conclusions, our intention is solely to question the existing discrepancy between the psychoanalytic theory and the factual reality where the perversion and serial killer concepts converge, further combining with the feminine.

Keywords: Freudian metapsychology. Perversion. Female perversion. Serial killer. Female killers.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sumário de Classificações .....	26
QUADRO 2 - Relação de alguns casos conhecidos de <i>serial killers</i> femininas .....	28

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. A REALIDADE MUDIÁTICA DOS CRIMES ABRINDO QUESTÕES PARA A PSICANÁLISE.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Por trás dos holofotes.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Grandes atuações perversas.....</b>	<b>27</b>
<b>3. PARALELAS FREUDIANAS.....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 A edificação da recusa.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 A edificação da feminilidade.....</b>	<b>41</b>
<i>3.2.1 A mulher invejosa.....</i>	<i>41</i>
<i>3.2.2 A mulher mãe.....</i>	<i>46</i>
<i>3.2.3 A mulher castradora.....</i>	<i>52</i>
<i>3.2.4 Conclusão.....</i>	<i>55</i>
<b>4. OBSCURIDADES DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO PERVERSO.....</b>	<b>57</b>
<b>4.1 A escuta contemporânea da perversão.....</b>	<b>62</b>
<b>4.2 O enigmático impulso compulsivo.....</b>	<b>68</b>
<b>4.3 Perversão: montagem ou estrutura?.....</b>	<b>71</b>
<b>4.4 A difícil demarcação entre o diagnóstico de perversão e de psicose.....</b>	<b>74</b>
<b>4.5 A especificidade da perversão na mulher.....</b>	<b>79</b>
<b>5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: REVISITANDO A PERVERSÃO FEMININA.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do processo civilizatório é possível encontrar relatos de comportamentos aberrantes, relacionados à crueldade e à maldade, e que nos levam a crer que “as referências históricas são sinalizadores, vestígios e cicatrizes da destrutividade e da crueldade constituinte das relações entre os homens” (Arantes 2013, p. 259). Tais práticas pediram a criação e manutenção de regras civilizatórias que permitissem o convívio de pessoas em grupos, a fim de definir quais atitudes seriam permitidas e quais deveriam ser evitadas e punidas. Um bom exemplo de como a cultura de cada época tentava coibir a crueldade e comportamentos considerados impróprios, impondo como limite castigos físicos e torturas incorporadas aos códigos, ocorreu na Inquisição da Igreja Católica, em suas diversas versões<sup>1</sup>. Peters (1989) aponta que a função da Inquisição era proteger as crenças religiosas de ataques hereges. A tortura e os castigos físicos presentes nos interrogatórios realizados pelos inquisidores tinham como propósito obter a confissão de pessoas, principalmente mulheres, acusadas de bruxaria – informações que não poderiam ser obtidas de outra maneira. Pires (2013) pontua que os interrogatórios e os castigos físicos associados tinham como finalidade não só obter as confissões, mas também manter a ordem social imposta pela Igreja.

Dentre as obras produzidas na época da Inquisição, um livro se destacou entre os demais, tornando-se referência para a realização dos julgamentos de casos de heresia e bruxaria. A obra, chamada *O Martelo das feiticeiras* (1484/2015), foi considerado como um manual para a Inquisição. Os autores, Kramer e Sprenger, dois inquisidores, descrevem de maneira extensa e detalhada a prática a ser adotada pelos inquisidores ao realizarem as investigações, interrogatórios e julgamentos. Divide-se em três partes distintas, sendo a primeira uma descrição de características comuns a bruxas, auxiliando na identificação das mesmas; a segunda, as formas manifestas da bruxaria, classificando os malefícios perpetrados através da bruxaria; e por último, são descritas as formas de se inquirir e acusar as mulheres do crime de bruxaria. O livro alega legitimidade na utilização da tortura, afirmando que ao se instituir um interrogatório, depois de observados alguns ritos investigativos e processuais, a tortura se faz necessária a fim de extrair o conteúdo verdadeiro da confissão. Desconfia-se do material

---

<sup>1</sup> A Inquisição aparece no século XII, com atuação na Europa ocidental até o século XVI. Em países como Espanha, Portugal e Itália, e suas colônias, a atuação da Inquisição se estendeu até o século XIX (Peters 1989). A Inquisição Espanhola, talvez a versão mais famosa da Santa Inquisição durou oficialmente de 1478 a 1834. (Green, 2012).

produzido em interrogatório sem a presença da tortura, como é possível perceber na passagem a seguir:

depois de manter a acusada em estado de suspense, e de adiar continuamente o dia do exame, a par de frequentes persuasões verbais, que proceda ao interrogatório, mas sem derramamento de sangue; sabendo que tal interrogatório será falacioso e muitas vezes, como já se disse, ineficaz (p. 431).

Pouco após esta instrução, sobre a condução de um interrogatório, o livro recomenda ainda o uso da tortura como instrumento válido para a obtenção da confissão:

E enquanto estiver sendo interrogada a respeito de cada um dos pontos, que seja submetida à tortura com a devida frequência, começando-se com os meios mais brandos; o Juiz não deve se apressar em usar dos meios mais violentos. E enquanto isso é feito, que o Notário a tudo anote: de que modo é torturada, quais as perguntas feitas e quais as respostas obtidas. (p. 433).

Durante um exame mais detalhado da obra é possível reconhecer passagens semelhantes, onde demonstram a legitimidade dada à prática de tortura para se obter as confissões. Existem também recomendações que aparentemente buscam refrear os possíveis excessos em relação às práticas do suplício. Todo o processo deve ser calculado pelo Juiz, incluindo a frequência, duração e severidade da tortura. Os auxiliares, responsáveis por infligir a prática determinada pelo Juiz, não deveriam demonstrar prazer na realização do ato e, recomendava-se que, após a confissão sob tortura, um novo interrogatório fosse realizado contemplando as mesmas questões, para garantir que a confissão obtida fosse verdadeira e não só resultado da tortura.

Foucault (1991) aponta que somente no fim do século XVIII e início do XIX, as práticas de suplício começam a ser percebidas como algo absurdo e que deveriam ser extintas, já que não promoviam uma punição de acordo com o crime cometido, mas sim uma vingança desproporcional e um espetáculo macabro, praticados muitas vezes, em praça pública.

Apesar de possuir a punição física incorporada em sua constituição, os códigos de lei buscavam o estabelecimento da ordem, mesmo que através da força. Ainda que haja discordância das regras estabelecidas, os membros adotam a postura de resignação e conformidade, ou, quando muito, buscam ativamente a substituição de tais regras por outro conjunto de normas mais adequadas (Thomson, 2002). A forma como as leis são construídas facilitam sua aceitação e cumprimento, já que seguem preceitos que vão de encontro aos anseios coletivos. Mas tais normatizações nunca se apresentam como algo unânime, existindo sempre indivíduos que, pelos mais diversos motivos, quebram a regra estabelecida e acabam justificando o estabelecimento das punições em consequência das transgressões. É possível observar esse fenômeno mesmo considerando a variação de culturas e períodos históricos. A partir dessa constatação, seria possível pensar que para uma regra ser transgredida, basta que a mesma exista.

Seguindo um caminho oposto, existem indivíduos que se distanciam das concepções partilhadas pela sociedade vigente, para adotar um entendimento singular dos códigos que a regem, provando-nos que estes não possuem força suficiente para barrar seus impulsos e desejo. Roudinesco (2008) sugere que tal característica não pertence a uma época ou cultura específica, pois trata-se de uma característica humana. A autora afirma que a perversão é “um fenômeno sexual, político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas.” (p.12). Mas o perverso, foco de nosso estudo, como será demonstrado mais adiante, possui outra relação com a lei, já que seu descumprimento não se dá pontualmente. Ele utiliza a lei para obter prazer, através de sua transgressão. Sem a lei para transgredir, ele não encontra prazer (Benvenuto, 2015).

Partimos do pressuposto de que a perversão, na concepção psicanalítica do termo, possui um papel importante nessa questão, mas a relação entre essa organização psíquica e o conceito de *serial killer*, que será discutido posteriormente, necessita de maiores investigações teóricas, o que tentaremos fazer ao longo do trabalho. Para justificar a escolha de nosso objeto de estudo, parece-nos necessário fornecer duas explicações inicialmente distintas, considerando a existência de duas características impossíveis de serem negligenciadas ou desconsideradas na explicação: o que levou ao estudo dos *serial killers* e o que levou ao estudo das mulheres, e como esses atributos se unem. A escolha por se trabalhar com o fenômeno *serial killers* surge a partir do entendimento de que o assassinato, independente do motivo, se localiza no extremo das transgressões possíveis – pensamento corroborado pelo entendimento jurídico que classifica o ato como crime hediondo, ou seja, de maior gravidade. O homicídio perpetrado por *serial killers* possui uma configuração que o localiza no limite das possíveis motivações para um assassinato, já que alia muitas vezes ao crime, características de crueldade e de prazer. Essa combinação de fatores nos leva a pensar que o caráter patológico não se faz só presente nessa situação, como escancara-se em atos. Aliados a esses fatores, é possível perceber a presença de um caráter agressor e ritualístico, sugerindo a existência de uma fantasia motivadora no comportamento manifesto – fatores que seriam suficientes para justificar um estudo da temática. Mas existe mais um fator que nos chama atenção e merece ser destacado, a saber, a questão serial. A repetição compulsiva do ato criminoso eleva exponencialmente a gravidade do comportamento, já que o ato não é mais pontual, mas parte de um fenômeno muito mais complexo. A transgressão patológica, a repetição compulsiva e a presença da fantasia, dentre outros fatores, nos indicam a possibilidade de se estabelecer o diagnóstico de perversão para vários dos casos de *serial killers*, e analisá-los à luz da psicanálise.

Voltaremos agora nossa atenção para o outro fator presente na equação proposta: por qual motivo estudar a mulher? Essa particularidade aparece posteriormente à escolha do fator anterior, aliando questões até então não relacionadas. Na psicanálise clássica, a teorização relativa ao desenvolvimento da mulher se apresenta de forma muito mais precária do que a mesma teorização relativa ao desenvolvimento masculino. As brechas e incertezas em relação a esse desenvolvimento suscitam uma série de questões sobre o funcionamento feminino. Ao se pensar na organização perversa, não encontramos discussões acerca da mulher, cabendo então um estudo justamente pela falta de material existente. O trabalho com a mulher nos permite adentrar em um campo ainda pouco explorado pelos estudiosos e teóricos da psicanálise, instigando a construção de um caminho ainda a ser descoberto, ao contrário do que ocorreria ao estudar uma perversão masculina, onde as trilhas teóricas já se mostram muito mais desenvolvidas. A lacuna teórica existente e o ineditismo possível no estudo da perversão feminina justificam a escolha da mulher como ponto focal do estudo. Sem muito esforço, agora é possível alinhar os atributos discutidos para a obtenção de um único objeto de pesquisa.

A partir de uma rápida pesquisa nos meios de comunicação e em produções acadêmicas, é possível encontrar inúmeros exemplos de *serial killers* masculinos, suas motivações e até seus possíveis diagnósticos. Em relação a essa busca especificamente sobre a produção científica, é possível notar dois fatores que merecem nossa atenção. O primeiro diz respeito às produções em relação às mulheres *serial killers* e se apresenta de forma muito mais escassa e superficial em relação ao montante encontrado em homens. Na prática, tanto homens quanto mulheres compartilham a mesma classificação de *serial killers*, mas a atenção existente é diferente entre os gêneros. A falta de trabalhos sobre as mulheres não nos permite obter maiores informações em relação às motivações, comportamentos compulsivos e outras características detalhadamente descritas quando se analisam os homens. A outra questão que chama nossa atenção é a raridade de produção psicanalítica sobre o tema dos *serial killers*, tanto masculinos quanto femininos, assim como também se mostra escassa a produção psicanalítica sobre a perversão feminina. Se o trabalho relativo à mulher perversa se mostra de difícil abordagem dentro da psicanálise, a escolha da mulher serial killer permite a observação e análise do comportamento serial manifesto, claramente patológico. O ato, cruelmente escancarado, nos serve de um ponto de partida exponencialmente mais robusto do que a análise de comportamentos sutis e passíveis de diversas explicações. A partir de todos os pontos discutidos, consideramos a mulher *serial killer* como capaz de quebrar a barreira teórica existente, que obstaculiza o estabelecimento da perversão feminina na teoria psicanalítica.

Apesar da existência de casos de grande repercussão midiática e de dados estatísticos relevantes, demonstrando uma incidência considerável de mulheres perpetradoras de atos criminosos, estudos psicanalíticos sobre os mecanismos e motivações dos crimes são raros. Até de relatos clínicos que apontam claramente para as características perversas das mulheres (França, 2014a), podemos notar que os estudos sobre o tema são recentes. Tal constatação abre uma inquietante pergunta: por que apenas autores contemporâneos levaram em consideração essa possibilidade?

Além do tema não ter sido foco dos estudos dos autores clássicos da psicanálise, o que ao meu ver influenciou a indiferença dos pesquisadores posteriores, para ainda sobre o sexo feminino uma aura de pureza e cuidado que obscurece o imaginário social e a realidade criminosa.

Vários fatores nos levaram a optar por fazer uma pesquisa teórica sobre o assunto. Dentre eles destacamos: dificuldade em se encontrar casos a serem pesquisados, através de entrevistas, ou mesmo de se localizar na literatura casos com estudo psíquico aprofundado e que nos permitam compreender melhor a estrutura psíquica da mulher serial killer.

Em nossa sociedade, nomenclaturas, tais como perverso, psicopata, maníaco e monstro, são amplamente utilizadas pela população leiga, mas também pela mídia e pelos chamados “talking heads”<sup>2</sup> que comentam os crimes nos meios de comunicação. No entanto, tal uso se mostra desprovido de sustentação científica, baseado somente no senso comum. Como nos diz Kernberg (2006, p.22) “e é nessa área [sexualidade] que a abordagem científica é particularmente vulnerável à contaminação por distorções ideológicas e culturais”<sup>3</sup>. Essas distorções influenciam boa parte da produção sobre a perversão e suas manifestações, já que dificultam a isenção de juízos morais por parte dos pesquisadores, principalmente no que diz respeito ao caráter transgressor e criminoso da organização psíquica.

Assim, o aprofundamento da questão acaba sendo dificultado pelo fato de o crime serial acabar sendo visto como algo simplesmente monstruoso. O rótulo de monstro retira do assassino suas características humanas e deixa a classificação esvaziada de sentido e de possibilidade de entendimento.

Questionamentos originados na existência da maldade, do crime, e de suas motivações, sempre foram foco de nossa atenção e acabaram servindo como pontapé inicial para os estudos

---

<sup>2</sup> Nomenclatura utilizada pelo FBI para designar profissionais que comentam crimes nos meios de comunicação, sem possuir nenhum envolvimento com a investigação ou possuir credenciais sólidas sobre o tema. (Morton, 2008).

<sup>3</sup> Tradução nossa: “and it is in this area that a scientific approach is particularly vulnerable to contamination by ideological and cultural bias”.

dessa pesquisa. Leituras genéricas sobre a temática e diversos filmes e documentários assistidos ao longo de aproximadamente dez anos, tiveram como efeito principal fomentar dúvidas, cada vez mais aprofundadas sobre as motivações envolvidas no ato criminoso e sobre o funcionamento psíquico de tais indivíduos. À medida que as questões se aprofundavam, o mesmo acontecia com as leituras. A ânsia por respostas, culminou no trabalho atual que, com certeza, é apenas uma primeira etapa na organização das questões para as quais busco respostas. Assim, apresentarei o material coletado em quatro capítulos. O primeiro capítulo “A realidade midiática dos crimes abrindo questões para a Psicanálise” será dividido em duas partes: a primeira delas é uma tentativa de desmistificar os estereótipos relacionados ao tema e discutir os conceitos envolvidos, tendo como fundamento uma produção do FBI e artigos científicos. Na segunda parte do capítulo, buscaremos, a partir das descrições contidas em livros, geralmente de cunho jornalístico, e artigos científicos, reunir material relevante sobre casos emblemáticos de mulheres *serial killers*.

No segundo capítulo, “Paralelas freudianas”, apresentaremos de modo panorâmico a construção de alguns conceitos psicanalíticos que serão fundamentais para abordar a temática que ora nos ocupa. Para acompanhar a edificação do conceito de recusa (*Verleugnung*) na obra de Freud, seguiremos a divisão proposta por Chasseguet-Smirgel em 1991. O próximo tópico também irá se valer de uma guia, registrada por França (2013) e que permite um novo olhar sobre textos freudianos trabalhados no tópico anterior, mas acrescidos de outras fontes para elucidar os caminhos percorridos por Freud ao discutir o feminino e a feminilidade.

Já no terceiro capítulo, “Obscuridades do funcionamento psíquico perverso”, buscaremos em autores contemporâneos novas concepções acerca da perversão, ou seja, expansões, acréscimos, reavaliações e críticas às concepções clássicas da psicanálise sobre o tema. Definimos então quais são as principais incógnitas abertas ainda a decifrações: o enigmático impulso compulsivo presente nos *serial killers*, a interpenetração do funcionamento perverso e psicótico, e as especificidades do entrecruzamento entre feminino e perversão.

Por último, faremos um levantamento das conclusões provisórias e dos questionamentos que estas reabrem. Esperamos que, uma vez organizadas as grandes questões que nos intrigam, possamos, no futuro próximo aprofundar as reflexões psicanalíticas a ponto de podermos sintetizar as nossas conclusões através da escrita de artigos. No momento sentimos que a complexidade da temática obstaculiza a difícil tarefa de estabelecer uma linha de raciocínio que contemple respostas para as perguntas que ficaram em aberto a cada etapa deste percurso.

## **2 A REALIDADE MUDIÁTICA DOS CRIMES ABRINDO QUESTÕES PARA A PSICANÁLISE**

“JACK the RIPPER” CLAIMS 5<sup>TH</sup> VICTIM: WOMAN BRUTALLY HACKED TO DEATH – London Daily Post, 09/11/1888.

FIND 2 MORE TORSO SLAYING VICTIMS – The Sandusky Register, 17/08/1938.

10 SKULLS FOUND IN HOUSE OF HORROR – Oshkosh Daily Northwestern, 18/11/1957.

‘I GOT MAD AT PEOPLE’ SAYS SLAYER OF TEN. – Mirror News, 30/01/1958.

ACTRESS AND 4 SLAIN IN RITUAL: Sharon Tate Among Victims – Sunday News, 10/08/1969.

ZODIAC KILLER ENJOYS MURDER – Spartanburg Herald, 19/10/1969

SON OF SAM KILLER SAYS ‘UNKNOWN URGE TO KILL’ CAUSED RAMPAGE OF TERROR – Spartanburg Herald, 23/02/1979

BUNDY: HANDSOME FACE WITH MONSTER INSIDE – Schenectady Gazette, 02/07/1986.

FACE OF EVIL: THE TERROR AND THE TRIAL – Herald Examiner, 21/09/1989.

SKELETON OF GREEN RIVER KILLER’S 41<sup>ST</sup> VICTIM FOUND – The Register-guard, 12/10/1989

THE CANNIBAL: FACE OF MADMAN WHO KILLED 17 AND ATE THEM – Daily Mirror, 26/08/1991.

FREAKS OF NATURE – Daily Mirror, 25/11/1993.

MANÍACO ARRANCAVA PEDAÇOS DE VÍTIMAS MORTAS. – O Estado de São Paulo, 10/08/1998.

THE DEVIL: AT LAST, MYRA IS WHERE SHE BELONGS..HELL – The Sun, 16/11/2002.

FACE OF EVIL: An unlikely defendant is charged as a serial killer – Pittsburgh Post-Gazette, 11/03/2005

Hunt for seaside slayer HE’S OUT THERE – Daily News, 25/01/2011.

## 2.1 Por trás dos Holofotes

A mídia possui grande papel na divulgação dos crimes cometidos, sendo ela responsável por “definir” qual crime merece atenção e qual não representa uma história digna de figurar nos veículos de comunicação de massa. Os casos famosos de *serial killers* se tornaram famosos não só pela gravidade ou bizarrice dos seus atos, mas também pela cobertura da mídia. Mas essa atenção midiática além de promover a informação, também possui seu lado negativo, produzindo informações incorretas ou inverídicas. Na divulgação da informação as distorções ocorrem por descaso, despreparo, impulsividade, ou para corresponder aos valores morais esperados.

A cultura midiática, assim como qualquer outra cultura, tem sistemas de classificação que interagem com nossos hábitos mentais enraizados pela própria experiência cultural. A mídia de modo geral é uma instituição reguladora da ordem social e protetora da tradição, e trabalha para que a normatização e os sentidos morais de ordem permaneçam na cultura social. (Brasiliense, 2010, p. 14-15)

Sobre essa distorção, pouco podemos fazer para evitar sua ocorrência, mas devemos ter o cuidado necessário para que a mesma seja corrigida, ou pelo menos minimizada em nosso estudo. O material a ser apresentado nesse capítulo é uma mescla de informações das mais diversas fontes científicas e midiáticas e, como tal, deve ser analisado com discernimento e crítica. Assim como Keeney e Heide (1994) percebemos a falta de informação relativa à vida pregressa das mulheres citadas. Os dados se mostram superficiais e, por serem dados descritivos – e não clínicos – existem lacunas que seriam importantes para nosso melhor entendimento sobre o tema. Silvio, McCloskey e Ramos-Grenier (2006) comentam sobre a dificuldade em se localizar e produzir material qualitativo, pois mesmo quando se é possível a realização de entrevistas com os próprios *serial killers*, não existe garantia de que o material produzido será confiável. Os autores entendem que nenhuma fonte de informação sozinha pode ser considerada completamente confiável, mas essas fontes imperfeitas podem ser utilizadas para auxiliar na construção do conhecimento, desde que reconhecida suas limitações.

Para realizarmos esse propósito, devemos então desmistificar um pouco o termo *serial killer*, que, mesmo designando um fenômeno que não é recente na história da humanidade, pois segundo Newton (2005), o primeiro registro do fenômeno ocorreu no Império Romano, sendo seguido de outros exemplos que, no decorrer dos séculos, inspiraram mitos e lendas<sup>4</sup>. Ou seja, os fatos são transformados pelo imaginário popular que associam a imagem de *serial killers* à figura desumana de um monstro. Contudo, o imenso interesse sobre o tema apareceu somente

---

<sup>4</sup> Vlad Teps foi a inspiração para a lenda do Drácula, imortalizada por Bram Stoker. Gilles de Rais inspirou o conto “Barba Azul” de Ferrault. Erzebet de Báthory originou a lenda da Condessa Sangrenta, entre outros.

no final do século XIX, a partir do surgimento de Jack (O Estripador), quando os *serial killers* ganharam notoriedade e assumiram uma posição de fascínio perante a sociedade,

O interesse sobre o fenômeno excede sua ocorrência, existindo uma considerável produção cultural, a partir das mais variadas perspectivas. Apesar dessa vasta produção, até recentemente as tentativas em torno de se estabelecer um estudo teórico mais rigoroso sobre a temática foram incipientes (Morton, 2008). O *Serial Murder Symposium*, promovido pelo FBI, em 2005, teve como finalidade a coleta e articulação dos vários conhecimentos relacionados, culminando na organização da monografia intitulada *Serial Murder: Multi-Disciplinary Perspectives for Investigators* em 2008. Tal publicação oferece uma visão multidisciplinar, procurando estabelecer consensos e desmistificar vários aspectos distorcidos pela mídia e tidos como verdade pela cultura popular. Este estudo mostra que até mesmo pesquisadores e profissionais que tenham contato direto com os assassinos podem correr o risco de gerar distorções, ao assumirem generalizações falsas sobre as características presentes em um assassino serial. Cabe ressaltar que o trabalho, apesar de ter contado com a cooperação de uma grande variedade de profissionais, cada qual contribuindo com o ponto de vista de sua atuação, apresenta, em certos casos, critérios arbitrários, a fim de se determinar um padrão. O estabelecimento de valores arbitrários de forma alguma desvaloriza o trabalho ou suas conclusões, mas cabe atentar para esse aspecto antes de trabalharmos as definições apresentadas por ele.

O termo *serial killer* já possuiu diversas definições, levando em conta o número de vítimas, o tempo entre os crimes e a motivação dos mesmos. A definição atual, presente em Morton (2008) é “O assassinato ilegal de duas ou mais vítimas pelo(s) mesmo(s) criminoso(s), em eventos separados”<sup>5</sup> (p. 9). Vale esclarecer que a ênfase de que o assassinato deve ser ilegal serve como maneira de excluir dessa classificação qualquer profissional que possua autorização para uso de força letal no exercício de sua profissão, tal como policiais ou soldados. A necessidade de os crimes terem ocorrido em eventos separados<sup>6</sup> serve como base de diferenciação do conceito de *mass murder* (assassinato em massa), onde os assassinatos ocorrem em um único evento.

Outra característica presente no *serial killer* é denominada de *assinatura*. A *assinatura* se diferencia do Modus Operandi utilizado para o cometimento do crime. O Modus Operandi

---

<sup>5</sup> Tradução nossa: “The unlawful killing of two or more victims by the same offender(s), in separate events.”

<sup>6</sup> Não existe um consenso sobre qual o tempo mínimo para se considerar um evento separado de outro e qual é uma continuação do ato. Pensamos que qualquer valor estabelecido será arbitrário e não contemplará todas as possibilidades. O termo veio a substituir outro ainda mais problemático chamado de “tempo de resfriamento”.

representa o que o assassino teve que fazer para ter êxito no cometimento do crime, seja enganar a vítima para obter sua confiança, usar uma máscara, amarrar a vítima ou usar uma arma para obter o controle. Qualquer comportamento que seja necessário para o cometimento do ato ou para dificultar o trabalho investigativo entra nessa categoria. Já a *assinatura* pode ser entendida como algo que não precisa ser feito para completar o crime, mas que é realizado mesmo assim, como amarrar uma vítima cooperativa, estabelecer falas para a vítima, arrumar o cadáver em uma determinada posição ou com determinado objeto, entre outros exemplos. Vronsky (2007) expõe que “enquanto o Modus Operandi define *como* o assassinato foi realizado, a assinatura é frequentemente a chave para o *porquê* e raramente muda com os anos”<sup>7</sup> (p. 37). O autor aponta que apesar de ser uma característica comum em homens, sendo específica de cada assassino, no caso das mulheres, a assinatura se confunde com o Modus Operandi. O assassinato é pensado como o método para se obter algum outro ganho, mas em vários casos é possível perceber que o assassinato não seria necessário para se atingir tal objetivo. O autor então conclui que nessas situações, o objetivo almejado é o próprio assassinato, sendo os outros ganhos secundários:

A gratificação da serial killer feminina *começa* com a morte da vítima, e continua por dias, semanas e meses subsequentes. Enquanto para vários serial killers a morte é somente a conclusão de suas fantasias ou uma função da mesma, mulheres matam por matar. É o seu modo de expressão<sup>8</sup> (Vronsky, 2007, p. 35).

Dentre os mitos sobre o assunto, cabe destacar dois que são importantes para a construção deste trabalho. O primeiro mito que deve ser abandonado é que *serial killers* são solitários e disfuncionais. Essa ideia perpetua a crença errônea de que eles são pessoas estranhas, sem capacidade de estabelecer vínculos sociais, e por vezes imaginados até com deformações físicas. A realidade demonstra que essa concepção está longe de ser verdade, pois muitos *serial killers* mantêm uma vida social satisfatória, aparentando serem membros normais de suas comunidades<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “While the MO defines *how* the murder was done, the signature is often the key to *why* and it rarely changes through the years”.

<sup>8</sup> Tradução nossa: “The female serial killer’s gratification begins with the victim’s death and often continues for days, weeks, and months afterwards. While for many serial killers death is only a conclusion to their fantasy or a function of it, females kill to kill. It is their mode of expression.”

<sup>9</sup> Um exemplo que demonstra claramente essa afirmação é Theodore Robert Bundy. Conforme fala Casoy (2014) “Sua vida era uma farsa tão bem construída que, apesar de ter matado inúmeras mulheres, havia sido capaz de manter um longo relacionamento íntimo com Meg Anders, ajudando-a a criar sua filha” (p. 95). Bundy era um estudante de direito de boa aparência, educado e culto. Prometia uma carreira promissora e era bastante ativo na política, sendo que algumas pessoas o consideravam um potencial candidato para o partido Republicano, além de trabalhar como voluntário em um centro de prevenção de suicídio. Confessou 11 assassinatos, sendo suspeito de mais uma série de casos não resolvidos, além de vários ataques sexuais a outras mulheres. Afirmou que ‘estrangulava suas vítimas olhando-as nos olhos’. Depois, com a ajuda de uma serra de metal, desmembrava seus corpos pelas juntas e cortava-lhes a cabeça” (p.96). Além de Ted Bundy, é possível fornecer inúmeros outros exemplos que demonstram a falsidade do mito em questão.

Outra concepção errônea, mas comum, é que serial killers são sempre homens brancos, pois como demonstra Aamodt (2015), os casos registrados contemplam as mais diversas variações de raça e gênero. Os mitos agem de forma a enviesar as pesquisas realizadas, apontando sempre para um mesmo estereótipo de casos e não permitindo a observação e o estudo das diversas manifestações possíveis do fenômeno. Devido a essa contaminação, é necessário a constante desconstrução dos mitos por parte dos pesquisadores (Farrel, Keppel e Titterington, 2011).

Kelleher e Kelleher (1998) apontam que a mídia, a literatura e a indústria do entretenimento perpetuaram uma imagem de que o *serial killer* se resume a um único estereótipo descrito como:

Um predador sexual do sexo masculino que implacavelmente persegue sua presa em uma série de atos compulsivos que devem inevitavelmente terminar em assassinato. (...) um homem caucasiano, por vezes, de alta inteligência, geralmente em seus vinte ou trinta anos, cujos crimes são guiados por fantasias bizarras e inexplicáveis de dominação sexual e vingança<sup>10</sup>. (p. X)

No entanto eles chamam atenção para o fato de que o fenômeno é muito mais complexo do que inicialmente imaginamos e enfatizam, assim como Farrel, Keppel e Titterington (2011), entre outros, que os casos não encontram limitações devido a questões relativas a raça, gênero, época, país ou cultura. Apesar de que grande parte dos *serial killers* registrados no século XX (aproximadamente 67%) tenha atuado nos EUA, devemos afastar o mito de que se trata de um fenômeno estadunidense e que sua ocorrência se limita a esse país. Como exemplo, podemos observar a realidade brasileira em relação ao tema. Somente constam nas estatísticas brasileiras casos onde a autoria foi reconhecida e o autor admitiu as mortes: possuímos, então, um registro de 17 casos de *serial killers* (Aamodt 2015), sendo que todos homens, em sua maioria brancos<sup>11</sup>. O interesse em usar o exemplo brasileiro surge para demonstrar que apesar de termos somente 17 casos registrados, esse número pode ser muito maior. Gurian (2011) aponta como uma das possíveis causas para o maior registro de *serial killers* nos EUA “uma maior disposição das agências de aplicação da lei para reconhecer as ligações entre assassinatos”<sup>12</sup> (p. 31).

Sobre a questão do assassinato serial perpetrado por mulheres, os pesquisadores encontraram uma variação na qual 8,9 a 12% dos casos de assassinatos seriais do século XX

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: a male sexual predator who relentlessly stalks his prey in a series of compulsive acts that must inevitably end in murder. (...) a Caucasian male, sometimes of high intelligence, usually in his twenties or thirties, whose crimes are driven by bizarre and inexplicable fantasies of sexual domination and vengeance.

<sup>11</sup> Nenhuma série de assassinatos de autoria desconhecida entra nessa contagem, o que pode indicar uma considerável subnotificação dos casos brasileiros, já que possuímos uma taxa de resolução de homicídios baixa comparada aos padrões internacionais (Soares, 2011, p. 15), com o número de resoluções variando entre 5 e 10% segundo os veículos de mídia.

<sup>12</sup> Tradução nossa: “a greater willingness of law enforcement agencies to recognize linkages between murders”.

foram cometidos por mulheres (Newton, 2005, Aamodt, 2015). Paralelamente aos dados já constituídos pelos pesquisadores, realizei um levantamento estatístico<sup>13</sup> de 1387 casos<sup>14</sup>, e encontrei 11,75% dos casos registrados como perpetrados por mulheres atuando sozinhas ou com outras mulheres. Os casos de mulheres atuando com parceiros homens, em meu levantamento, chegaram à cifra de 1,66%. Esses dados são relevantes por enfraquecer a hipótese de que as assassinas seriais na verdade seriam submissas ao parceiro, sendo coagidas a agir apenas sob o comando ou vontade do homem<sup>15</sup>. Essa constatação permite a visualização de uma manifestação diversa do fenômeno entre os gêneros inclusive em relação à motivação apresentada para o crime, pois se atos com motivação sexual representam 60% nos casos de assassinatos seriais do sexo masculino (Newton, 2005)<sup>16</sup>, nas mulheres tal motivação é considerada rara (Myers, Gooche e Meloy, 2005).

Tais pontuações são necessárias para auxiliar na desconstrução da representação que o termo *serial killer* contem, afastando a concepção de que somente monstros são capazes de se tornarem assassinos seriais e de que esse fenômeno não ocorre em mulheres. Mitos esses, que por muitas vezes permeiam as pesquisas sobre o tema. A fantasia social existente sobre a pureza da mulher, onde ela possui o papel de “abrigar, criar e nutrir” (Vronsky, 2007, p. 6) contribui para que, na maioria das vezes, ela seja deixada de lado pela mídia. Quando o crime cometido pela mulher ganha notoriedade, é possível perceber que o tom utilizado para descrever a criminosa tende a priorizar um caráter monstruoso, pelo fato de a mulher não corresponder ao que é esperado dela socialmente. Como fala Farrel, Keppel e Titterington (2011):

O que isso significa é que essas mulheres [que não cometeram o crime para sua proteção ou após anos de espancamentos] não são retratadas como mulheres que fazem coisas ruins; elas próprias devem ser más ou loucas – elas não são sãs e não são mulheres<sup>17</sup> (p. 233).

<sup>13</sup> Para o levantamento as informações levadas em consideração foram apenas o nome, gênero e possíveis parcerias. A partir das informações foi realizada a porcentagem considerando as variáveis ‘masculino’, ‘feminino’ e ‘indefinido’ para os casos onde não se descobriu a autoria dos crimes.

<sup>14</sup> A análise foi feita a partir dos casos contidos em Kelleher e Kelleher (1998), Newton (2005), Vronsky (2007), Greig (2010), Roland (2010), Philbin e Philbin (2011), Casoy (2014a) e Casoy (2014b). As obras possuem em sua maioria descrição jornalística dos assassinatos e assassinos. Foram escolhidas a partir do acesso ao conteúdo, e as informações sobre o mesmo caso em diferentes publicações foram comparadas buscando diminuir erros ou distorções possíveis.

<sup>15</sup> Tal entendimento foi apresentado pela defesa de Karla Homolka, assassina serial canadense. O tribunal aceitou a tese de que sua participação nos crimes foi forçada por seu marido, Paul Bernardo. Isso permitiu um acordo de redução de pena em troca do testemunho de Karla contra seu marido. Posteriormente foram encontradas gravações em vídeo que demonstraram o real papel de Karla nos crimes. Sua participação foi ativa nas torturas e abusos sofridos pelas vítimas. (Casoy, 2014a).

<sup>16</sup> Nos casos de abuso sexual, a mulher não é a agressora predominante, porém é responsável por 11% dos casos registrados. (França, 2010).

<sup>17</sup> Tradução nossa: What this means is that these women are not portrayed as women who do bad things; they, themselves, must be bad or mad – they are not sane and they are not women.

Devemos esclarecer que essa reação ocorre quando a atuação da mulher é solitária. Quando se atua com um parceiro, existe a tendência de se entender a atuação da mulher como subordinada ao desejo do parceiro e, por isso, muitas vezes considerada como mais uma vítima, obrigada a participar das ações doentias de seu parceiro. Essa concepção é tão presente que, até o ano de 1995, a categorização existente para mulheres *serial killers* era justamente de cúmplice submissa e maltratada, sofrendo de síndrome de Estocolmo, Transtorno do Estresse Pós-Traumático ou Síndrome da Mulher Espancada (Silvio, McCloskey e Ramos-Grenier, 2006). Quanto ao perfil das mulheres, existe uma diferença significativa entre a mulher que atua com um parceiro e a mulher que atua sozinha. O perfil da mulher que atua com um parceiro é bem diferente<sup>18</sup>, principalmente no que diz respeito à idade do primeiro crime, escolha das vítimas, método utilizado e motivação. A fim de evitar confusões, focaremos nossa atenção para os casos de atuação solitária, sendo todas as características apresentadas observadas nesse grupo, salvo quando explicitado a referência a atuação em conjunto.

Kelleher e Kelleher (1998) consideram que, apesar da grande capacidade em perpetrar o homicídio, a mulher *serial killer* foi esquecida pela mídia, o que pode ter ajudado a aumentar o tempo de atuação das mulheres já que segundo os autores, elas acabam atuando pelo dobro de tempo que atua em média um *serial killer* masculino. O método utilizado para o assassinato e a escolha das vítimas também podem influenciar no tempo de atuação. Sobre o método, a grande diferença ocorre porque enquanto homens geralmente escolhem formas violentas para o assassinato, como estrangulamento e esfaqueamento, que claramente demonstra a existência de uma agressão, o sufocamento e envenenamento deixa poucos ou nenhum vestígio perceptível a olho nu, sendo mais difícil a constatação do crime. Quanto à escolha de vítimas, uma parcela considerável das mulheres escolhe vítimas que necessitam de cuidados, possuindo alguma fragilidade que, em uma análise superficial, poderia explicar o falecimento, como bebês, idosos e doentes. Devido a esses fatores, muitas *serial killers* acabaram não levantando suspeitas em relação a seus crimes e por isso atuam por mais tempo.

Apesar de existirem estudos que buscam entender melhor o fenômeno dos *serial killers* através de entrevistas sobre a infância, crimes e motivações dos assassinos, esses estudos em sua grande maioria se limitam a estudar a parcela masculina dessa população.

Dentre os estudos que versam mais especificamente sobre *serial killers* femininas, o mais antigo que encontramos foi realizado na década de 90, ou seja, é bem recente apesar de o fenômeno ser tão antigo. O estudo, realizado por Keeney e Heide (1994) tenta estabelecer uma

---

<sup>18</sup> Pesquisas como as de Silvio, McCloskey e Ramos-Grenier, (2006) e Gurian (2011).

comparação entre *serial killers* masculinos e femininos, mas logo de início aponta a dificuldade em se conseguir acesso às mulheres e afirma que “até esta data, nenhum estudo tradicional, acadêmico e empírico foi tentado”<sup>19</sup> (p. 383). Na falta de estudos específicos, as autoras analisam inicialmente o padrão apontado por outras pesquisas que tratam o tema do assassinato. A revisão das autoras sobre mulheres que cometeram assassinatos pontuais estabelece um padrão onde as mesmas são geralmente de classes socioeconômicas mais baixas e cometem o crime dentro de casa contra membros de sua família, preferindo facas ou armas de fogo. Veremos que pelo menos na escolha do método do assassinato, as *serial killers* preferem métodos mais “sutis”. Após uma revisão sobre as características encontradas nos assassinos seriais dos dois sexos, as autoras propõem uma comparação com dados obtidos de fontes primárias (com documentação original relativa aos casos) e fontes secundárias (através de reportagens sobre o ocorrido). Os resultados obtidos da amostra de 14 mulheres sugerem que, nesse gênero, o primeiro crime é cometido numa idade mais avançada do que a média dos homens, atuam em uma área específica, geralmente a própria casa ou um hospital e suas vítimas são principalmente pessoas sob seus cuidados profissionais ou membros da família. Nenhuma das vítimas apresentou sinais de violência ou tortura, sendo veneno e sufocamento os métodos preferidos para a realização do assassinato. As autoras apontaram para uma dificuldade em se conseguir dados sobre a vida pregressa das participantes, principalmente em relação a infância, o que não permitiu realizarem levantamentos e comparações mais aprofundados.

Dez anos depois do trabalho realizado por Keeney e Heide, o apelo de que o fenômeno das mulheres *serial killers* merece maior atenção é repetido por Arrigo e Griffin (2004), que propõem uma análise do caso Aileen Wuornos, utilizando a teoria do apego<sup>20</sup> e o conceito de psicopatia.

Segundo a análise proposta pelos autores, no caso estudado foi possível perceber a existência de cuidados inconsistentes em sua infância, assim como abuso físico, emocional e possivelmente sexual. Essas características, segundo a teoria do apego, impediriam o desenvolvimento de laços interpessoais e, conseqüentemente, da existência de empatia. Os autores chamam a atenção para a inversão de papéis no caso em questão: de vítima na infância ela se transformou em algoz na vida adulta. “Em tenra idade, Aileen aprendeu que o agressor físico mantinha o poder”<sup>21</sup> (p. 388-389). O artigo é finalizado com a conclusão de que maiores

---

<sup>19</sup> Tradução nossa: “To date, no traditional, academic, empirical research has been attempted”.

<sup>20</sup> Os autores descrevem a teoria do apego como o estudo dos laços interpessoais formados entre crianças e adolescentes e seus cuidadores primários, como forma de entender o desenvolvimento da personalidade.

<sup>21</sup> Tradução nossa: “At a young age, Aileen learned that the physical aggressor held the power”.

estudos sobre mulheres, psicopatia e homicídio predatório serial são necessários e precisam levar em conta a história de vida, os padrões de apego, os estados emocionais, as condições sociais, os traços de personalidade e os aspectos comportamentais das *serial killers*.

Conforme já mencionado anteriormente, na introdução deste trabalho, *serial killers* femininas existem, sendo registrados 363 casos desde o início do século XX (Aamodt 2015). O número pode ser considerado pequeno, mas conforme Vronsky (2007) comenta, 62 *serial killers* registradas nos Estados Unidos entre os anos de 1800 e 1995 são responsáveis por 400 a 600 assassinatos, demonstrando a letalidade e periculosidade das mesmas. O autor considera as mulheres *serial killers* mais letais do que sua contraparte, pois o assassinato não é o objetivo principal em vários casos masculinos. Ou seja, nesses casos, geralmente envolvendo criminosos sexuais, a morte pode ocorrer por consequência da violência do ataque ou para eliminação de testemunhas, com pouca ou nenhuma obtenção de prazer com a morte de sua vítima, mas sim com a violência física, psicológica ou sexual a que é submetida. No caso das mulheres, isso não acontece. Raramente uma *serial killer* que atua sozinha tortura sua vítima ou prolonga sua vida para a obtenção de prazer<sup>22</sup>. A morte em si aparece como o objetivo principal de sua atuação.

Em uma análise panorâmica sobre o fenômeno, podemos perceber algumas diferenças substanciais entre a atuação de homens e mulheres em relação ao assassinato serial. O primeiro ponto que chama a atenção é a escolha de vítimas. Os assassinos masculinos demonstram uma preferência por vítimas desconhecidas enquanto que nas mulheres há uma predileção para a escolha de vítimas que possuam uma relação pessoal com elas, pessoas que necessitam de cuidados, como crianças, idosos e doentes, ou então pessoas com quem possuam uma relação íntima, como maridos, noivos e amantes (Vronsky, 2007).

De maneira geral, as mulheres *serial killers* que atuam sozinhas apresentam características semelhantes, sendo elas

A perpetradora que atua sozinha será geralmente madura, cuidadosa, cautelosa, adaptada socialmente e altamente organizada; ela tende a atacar de maneira silenciosa, usando um método que é difícil para as forças policiais identificarem rapidamente. (...) geralmente ataca suas vítimas em sua casa, na casa delas, ou em seu local de trabalho, (...) tende a preferir métodos e armas como veneno, injeção letal ou sufocamento<sup>23</sup>. (Kelleher e Kelleher, 1998, p. 24)

Ainda discutindo o fenômeno de maneira mais geral, Kelleher e Kelleher (1998) construíram sete grandes categorias com a finalidade de estabelecer uma padronização de

---

<sup>22</sup> O prolongamento da vida pode ocorrer como medida para evitar suspeitas, principalmente no caso de envenenadoras.

<sup>23</sup> Tradução nossa: The perpetrator who act alone will often be mature, careful, deliberate, socially adept, and highly organizes; she will tend to attack in a secretive manner, using a method that is difficult for law enforcement personnel to quickly identify. (...) will usually attack her victims in her home, their home, or her place of work, (...) tend to favor weapons or methods such as poison, lethal injection or suffocation.

classificações a partir das motivações, assim como já ocorre nos assassinos de sexo masculino. Apresentaremos de maneira esquemática o modelo estabelecido pelos autores, já que é considerado o único modelo construído visando apenas a classificação da mulher.

**Quadro 1.** Sumário de Classificações<sup>24</sup>

<b>Classificação</b>	<b>Definição</b>
Viúva Negra	Uma mulher que sistematicamente assassina múltiplos maridos, parceiros ou outros membros da família. Ela também pode reivindicar vítimas fora de sua família. Os motivos para os assassinatos podem ser diversos e podem envolver outras classificações, como “Lucro ou Crime”.
Anjo da Morte	Uma mulher que sistematicamente assassina indivíduos que estão sob seus cuidados ou que dependem dela para alguma forma de atenção médica ou suporte similar. Os motivos para esses assassinatos podem ser diversos.
Predadora Sexual	Uma mulher que sistematicamente assassina outros no que aparentam ser claramente atos de homicídio sexual. O motivo para esses assassinatos deve ser sexual em sua natureza.
Vingança	Uma mulher que sistematicamente assassina indivíduos por motivo de vingança ou inveja.
Lucro ou Crime	Uma mulher que sistematicamente assassina indivíduos no curso de outra atividade criminal (ou por lucro) mas que não é membro de um time de assassinos e que não satisfaz os critérios para “Viúva Negra”.
Time Assassino	Em conjunto com pelo menos uma outra pessoa, uma mulher que sistematicamente assassina outros ou que participa sistematicamente do assassinato de outros. Os motivos para esses assassinatos podem ser diversos, e a mulher pode não ter cometido o diretamente o assassinato.
Questão de Sanidade	Uma mulher que assassina de maneira aparentemente aleatória, geralmente sem um motivo claro ou explicável e que posteriormente é julgada como legalmente insana. Alternativamente, uma mulher que assassina de maneira sistemática e posteriormente descobre-se que sofre de uma desordem mental que é conectada aos crimes. Em ambos os casos, uma desordem psicológica deve estar presente e deve ser severa o suficiente para levantar a questão da culpabilidade
Inexplicável	Uma mulher que sistematicamente assassina por razões que são completamente inexplicáveis ou por um motivo que não é suficientemente claro para que se enquadre em uma categorização. A perpetradora não pode ter sido julgada legalmente insana.
Sem Solução	Um padrão sistemático de assassinatos que pode ser atribuído a uma mulher (ou mulheres) com relativa certeza, mas que não foi solucionado.

A partir das classificações propostas pelos autores, pensamos ser necessário uma avaliação em relação a sua abrangência e eficácia como um instrumento válido para auxiliar no estudo de *serial killers* femininas. Como nos mostra Farrell, Keppel e Titterington (2011), discernir a motivação de um crime é algo muitas vezes complicado, muitas vezes sofrendo influência da interpretação subjetiva dos investigadores envolvidos. As diferentes categorias podem se excluir ou se sobrepor e, como foi possível perceber na descrição das categorias, os motivos podem ser os mais variados para cada uma das descrições, dificultando a sua utilização de maneira concreta. Sua importância em nosso trabalho se dá não só por oferecer um

<sup>24</sup> Tradução do quadro contido em Kelleher e Kelleher (1998, p. 15-16).

direcionamento para nossas escolhas, como também para demonstrar a diversidade e complexidade do fenômeno. Se logo de início estabelecêssemos o tipo de *serial killer* a ser trabalhado sem maiores explicações, não faríamos jus a amplitude do fenômeno e a heterogeneidade dos casos existentes.

Farrel, Keppel e Titterington (2013) em um trabalho recente reforçam a dificuldade de se estabelecer uma pesquisa sobre o tema, devido à falta de acesso ao material primário, e de referências anteriores. Os autores também questionam a classificação das *serial killers* femininas apenas pela motivação. A classificação proposta por Kelleher e Kelleher (1998) não contempla motivações complexas, que possuem características de mais de um item estabelecido pelos autores, entre outras limitações. Para Farrel, Keppel e Titterington, outras variáveis além da motivação devem ser consideradas para uma melhor classificação dos assassinatos, já que o fenômeno se mostra tão complexo que uma classificação puramente pela motivação é considerada por eles como um “reducionismo ingênuo”.

Seguindo a orientação dos autores, consideramos não ser prudente a utilização das classificações propostas como critério único para direcionar uma pesquisa, já que sua utilização sozinha pode ter efeito limitante e enviesado. Vronsky (2007) sugere a possibilidade de se classificar as *serial killers* a partir de outros critérios, como personalidade e relação entre vítima e agressor. Assim como as classificações de Kelleher e Kelleher (1998), os critérios utilizados por Vronsky parecem sofrer dos mesmos pontos complicados, por serem também de difícil percepção, limitantes e sujeitos a serem influenciados pela subjetividade do investigador. Pensamos que outras formas de agrupamento podem ser estabelecidas, como a partir do grupo-alvo, método utilizado para o assassinato ou qualquer característica que possa ser facilmente percebida ou mensurada de maneira objetiva. Especificamente para nosso estudo, tais classificações não possuem uma utilidade real, já que nosso foco é o estudo do fenômeno a partir da teoria psicanalítica.

## **2.2 Grandes atuações perversas**

Separamos nesse tópico alguns exemplos de mulheres que cometem crimes seriais. Assim como as classificações de Kelleher e Kelleher (1998), achamos interessante apresentarmos os dados de forma esquemática, organizando a partir de algumas características sobre essas mulheres. Posteriormente a essa apresentação, faremos alguns comentários sobre os dados apresentados.

**Quadro 2.** Relação de alguns casos conhecidos de *serial killers* femininas<sup>25</sup>

Nome	Classificação Provável <sup>26</sup>	Época	País de origem	Método	Vítimas <sup>27</sup>	Grupo-alvo	Motivo provável	Breve descrição
Amy Archer-Gilligan	Anjos da Morte	Início do séc. XX	EUA	Sufocamento e envenenamento	6+	Idosos e enfermos	Financeiro	Montou uma casa de repouso para idosos e enfermos. Cobrava adiantado pelos cuidados e encurtava a vida de seus clientes. Condenada à prisão perpétua, recebeu posteriormente o diagnóstico de insanidade.
Erzsebet Báthory	Inexplicável	Séc. XVI e XVII	Hungria	Torturas variadas	40+	Mulheres	Sadismo	Condessa de família nobre da Hungria. Mantinha em seus castelos masmorras com aparelhos de tortura projetados segundo suas especificações. Chegava a perder os sentidos durante as sessões de tortura devido a excitação.
Williamina Dean	Anjos da morte	Final do séc. XIX	Escócia	Overdose de morfina	3	Crianças	Financeiro	Atuou na Nova Zelândia, montando uma creche para bebês em sua residência. Adotava pseudônimos com frequência para divulgar seus serviços, já que as condições insalubres do local geravam censuras públicas. Corpos foram encontrados em seu jardim, famoso pelas flores.
Nanny Hazel Doss	Viúva Negra	Décadas de 1940 e 1950	EUA	Envenenamento	10+	Variado	Indefinido	Possui relatos de ter sofrido repetidos abusos sexuais durante sua infância. Casou-se cinco vezes, sendo que quatro maridos se tornaram vítimas dela, junto com filhos, netos, irmãs e sua mãe. Apesar dos seguros de vida em nome dos falecidos, Nanny declarou que sua motivação não era financeira, e que agia após se decepcionar por não ter encontrado o “companheiro perfeito”.

<sup>25</sup> A fonte utilizada para a construção do quadro foi Newton (2005).

<sup>26</sup> As classificações têm como modelo o construído por Kelleher e Kelleher (1998), já apresentado anteriormente.

<sup>27</sup> O número apresentado se refere a mortes confirmadas. Quando existem suspeitas de mais mortes cometidas, foi acrescido o sinal “+”.

Nome	Classificação Provável <sup>26</sup>	Época	País de origem	Método	Vítimas <sup>27</sup>	Grupo-alvo	Motivo provável	Breve descrição
Marti Enriqueta	Inexplicável	Início do séc. XX	Espanha	Desconhecido	6+	Crianças	Indefinido	Feiticeira profissional, se sustentava pela venda de suas poções. Existem relatos de prática de canibalismo e da utilização dos restos mortais das crianças em suas poções mais caras.
Ellen Etheridge	Viúva Negra	Década de 1910	EUA	Envenenamento	4	Crianças	Ciúmes	Casou-se com um viúvo rico, pai de 8 crianças. Não desejando dividir a atenção do marido com os filhos dele, começou a envenená-los. Foi descoberta devido a rapidez das mortes, ocorridas em um período de 4 meses.
Christine Laverne Slaughter Falling	Anjos da Morte ----- Questão de sanidade	Década de 80	EUA	Sufocamento	3+	Crianças	Insanidade	Diagnosticada com epilepsia e relatos de crueldade com animais na infância. Trabalhava como babá e afirmou que agia obedecendo vozes de comando.
Gwendolyn Graham	Time Assassino	1987	EUA	Sufocamento	5	Mulheres idosas	Emoção	Arrumou trabalho como auxiliar de enfermagem em uma casa de repouso, onde conheceu Catherine Wood. Foi a mentora dos crimes, e era responsável pela execução dos assassinatos. Por várias vezes após o crime pegava algum objeto da vítima para se lembrar do crime. Era considerada imprevisível por seus colegas de trabalho.
Catherine Wood							Sexual	
							Emoção	Supervisora das auxiliares de enfermagem na casa de repouso. Não possuía amigos até a contratação de Gwendolyn Graham. A amizade em pouco tempo se tornou um romance. Responsável por vigiar a movimentação enquanto Graham atuava. Muitas vezes imediatamente após o assassinato se dirigiam para uma sala vazia para terem relações sexuais.
							Sexual	
Belle Gunness	Viúva Negra	Final do séc. XIX e início do séc. XX	Noruega	Envenenamento	16+	Variado	Financeiro	Atuou nos EUA e se casou duas vezes, assassinando os dois maridos e filhos. Começou a executar pretendentes, interessados na fazenda que herdara de seu segundo marido. Apesar de ter sido acusada dos crimes, nunca foi capturada.

Nome	Classificação Provável <sup>26</sup>	Época	País de origem	Método	Vítimas <sup>27</sup>	Grupo-alvo	Motivo provável	Breve descrição
Locusta	Lucro	Séc. I	Império Romano	Envenenamento	7+	Variado	Financeiro	Envenenadora profissional do Império Romano, era protegida de Nero por ter envenenado seus rivais. Foi julgada e condenada à morte por Galba, sucessor de Nero.
Louise Peete	Viúva Negra	Início do séc. XX	EUA	Tiros	4+	Variado	Financeiro	Nascida em família proeminente, teve acesso a boa educação, até sua expulsão da escola. Começou a trabalhar como prostituta, se casando várias vezes. Quatro de seus companheiros se suicidaram, sendo dois ao descobrirem suas traições e dois ao descobrirem seus crimes.
Vera Renczi	Viúva Negra	Início do séc. XX	Romênia	Envenenamento	35	Maridos, amantes e um filho	Incapacidade de separação	Ainda em sua infância já demonstrava um precoce interesse por sexo. Se relacionou com vários homens, todos desaparecendo sem deixar vestígios. Confessou a morte de todos, afirmando que atuava sempre que eles começavam a se afastar.
Bobbie Sue Terrell	Anjo da Morte ----- Questão de sanidade	Década de 1980	EUA	Overdose de insulina	5+	Idosos	Indefinido	Mesmo com o diagnóstico de esquizofrenia, conseguiu se formar como enfermeira diplomada. Apresentava comportamentos de automutilação. Era responsável pelo turno noturno em uma casa de saúde, onde os crimes ocorreram.
Marybeth Roe Tinning	Questão de sanidade	Décadas de 1970 e 1980	EUA	Sufocamento	8	Filhos	Busca por atenção	Os crimes de Marybeth começaram três semanas depois de perder sua filha recém-nascida, vítima de meningite. Acredita-se que após essa morte, Marybeth começou a matar os filhos para receber atenção e simpatia durante os funerais. Foi diagnosticada com Síndrome de Munchausen por Procuração.

Nome	Classificação Provável <sup>26</sup>	Época	País de origem	Método	Vítimas <sup>27</sup>	Grupo-alvo	Motivo provável	Breve descrição
Debra Sue Tuggle	Questão de sanidade	Décadas de 1970 e 1980	EUA	Sufocamento	5	Filhos	Indefinido	Considera-se que o caso demonstre as falhas existentes na época no sistema de saúde, já que Debra Sue atuou por 10 anos, e assassinou 5 filhos sem levantar suspeitas. Seus filhos foram considerados inicialmente vítimas de Síndrome de Morte Súbita Infantil. Por serem de pais diferentes e, portanto, com isso de sobrenomes diferentes, as mortes seguidas não geraram nenhum alerta.
Sophie Charlotte Elizabeth Ursinus	Viúva Negra	Início do séc. XIX	Áustria	Envenenamento	3	Variado	Financeiro	Filha de um diplomata, casou-se em uma união arranjada por seus pais. Possuía um amante que, ao dar sinais de que a abandonaria, tornou-se sua primeira vítima. O marido e uma tia sucumbiram pouco tempo depois, dessa vez para receber a herança. Mesmo condenada pelos assassinatos, manteve suas posses, o que permitiu manter seu estilo de vida na prisão.
Jeanne Weber	Questão de sanidade	Início do séc. XX	França	Estrangulamento	10+	Crianças	Indefinido	Trabalhou como babá e como assistente em um hospital infantil, onde cometeu seus crimes. Chegou a ser julgada três vezes, sendo absolvida no primeiro julgamento por relutância do júri em condenar uma “mãe lamuriosa” e no segundo por uma mudança na causa da morte declarada da criança. Declarada insana, se suicidou, por meio de estrangulamento, no asilo onde cumpria pena.
Martha Woods	Questão de sanidade	Décadas de 1940 a 1960	EUA	Sufocamento	7	Crianças	Busca por atenção	Se mudava constantemente devido ao emprego do marido, percorrendo todo o país. Os crimes ocorreram de maneira semelhante, sendo descrito um padrão onde Martha corria para o hospital com uma criança no colo afirmando que a mesma tinha parado de respirar. A polícia calcula que ocorreram 27 ataques em 9 crianças diferentes, sendo que 7

Nome	Classificação Provável <sup>26</sup>	Época	País de origem	Método	Vítimas <sup>27</sup>	Grupo-alvo	Motivo provável	Breve descrição
								vieram a óbito. Foi diagnosticada com Síndrome de Munchausen por Procuração.
Aileen Carol Wuornos	Inexplicável	Entre os anos de 1989 e 1990	EUA	Tiros	7	Homens	Indefinido	Caso mais famoso entre as <i>serial killers</i> femininas. Sofreu abusos físicos e possivelmente sexuais durante sua infância. Se tornou prostituta na adolescência, se envolvendo em delitos cada vez mais graves. Durante o julgamento afirmou que todos os crimes foram cometidos em legítima defesa, já que as vítimas tinham tentando violentá-la, tese não aceita pelo júri.
Lila Gladys Young	Anjos da morte	Primeira metade do séc. XX	EUA	Negligência	2+	Crianças	Financeiro	Abriu, junto com o marido, uma casa de maternidade no Canadá, onde atuava como parteira. A instituição se comprometia, mediante pagamento adiantado, a providenciar a adoção de crianças não desejadas, nascidas fora do casamento, também lucrando de pais que gostariam de adotar as crianças, cobrando valores altos pelas crianças. Qualquer criança rejeitada para adoção era negligenciada até sua morte.
Anna Maria Zwazinger	Viúva Negra	Início do séc. XIX	Alemanha	Envenenamento	3+	Variado	Indefinido	Depois de perder o marido devido a complicações de saúde por causa de excesso de bebida, Anna Maria começou a trabalhar como empregada doméstica para lidar com suas dívidas. Manifestava o desejo de se casar e investia afetivamente em seus patrões, tentando se livrar de todas as pessoas que considerava possíveis obstáculos para seus objetivos. Em uma fala final, declarou que seria impossível desistir de praticar o envenenamento de pessoas.

Logo de início, a primeira questão a ser trabalhada é: por qual motivo estamos utilizando uma forma de descrição tão objetiva e qual seu propósito em nosso trabalho. Cabe ressaltar que as descrições disponíveis dos casos em questão não são consideradas descrições clínicas e, por isso não nos fornecem dados mais aprofundados, por vezes passando superficialmente por áreas que seriam de grande importância para nosso trabalho. Desconhecemos alguma fonte que trabalhe os casos femininos a partir de um viés clínico, por isso a utilização de uma fonte considerada midiática. Essa escolha se deu considerando que, como explicita Farrel, Keppel e Titterington (2013), apesar de Newton (2005) não poder ser considerado uma fonte acadêmica, sua obra possui uma metodologia sistemática para abordar o tema.

O quadro nos reforça a concepção da complexidade e variedade de casos existentes. Cada caso possui particularidades que, aliadas à falta de informação aprofundada, tornam impossível uma generalização sobre o fenômeno como um todo. Ao pensar no conteúdo apresentado, reforçamos a ideia defendida por Farrel, Keppel e Titterington (2013) de que a classificação estabelecida por Kelleher e Kelleher (1998) restringe e reduz a heterogeneidade e riqueza do fenômeno. Mesmo compartilhando classificações, os casos se mostram únicos, apresentando diferenças significativas entre si.

Reforçamos uma concepção apresentada anteriormente de que, de maneira alguma, podemos concluir que os exemplos apresentados correspondem a atos cometidos exclusivamente por mulheres perversas. Essa afirmação não é possível por não possuímos dados clínicos que nos permitam estabelecer um diagnóstico psicanalítico dos exemplos citados. Diante da impossibilidade de uma conclusão acerca da organização psíquica, buscamos outra forma de se pensar a respeito dessas mulheres. Recorremos a Marie-Laure Susini (2006), que cunha o termo *autor de crime perverso*, considerando que “o ato do crime perverso é uma *resposta particular à pulsão sexual*” (p.15). O termo foi utilizado pela autora para o estudo de criminosos do sexo masculino que cometeram crimes ligados a sexualidade. Apesar de não se encaixar diretamente em nosso estudo, o termo merece ser considerado por nos permitir uma outra visão. O termo foca sua atenção e classifica como perverso o crime em si, e não o autor. Na incapacidade de reconhecermos a organização psíquica envolvida, é possível pensar que, invariavelmente a atuação existente pode ser considerada como perversa. Essa questão específica será melhor trabalhada no Capítulo III, onde discutiremos sobre organização e montagem perversa.

### 3 PARALELAS FREUDIANAS

Os delineamentos apresentados no capítulo anterior apenas apontam para a complexidade do tema estudado, demonstrando que desde os primórdios das pesquisas sobre o tema, ocorria discordância em relação às características e causas dos fenômenos apresentados. Devido a isso, sentimos a necessidade de entendermos o conceito de perversão desde os primórdios da teorização psicanalítica. O caminho escolhido nos leva a uma criteriosa leitura da obra freudiana, a fim de acompanharmos o surgimento e evolução do conceito dentro da psicanálise. Também será foco da revisão a construção do conceito de *Verleugnung* na psicanálise freudiana, uma vez que representa o principal mecanismo de defesa da organização perversa.

Além da teoria envolvendo a perversão, cabe, ainda no presente capítulo, entender o lugar do feminino na obra freudiana. Apesar de o foco atual ser o entendimento do conceito de perversão, faz-se necessário investigar o feminino a fim de clarificar os posicionamentos de Freud em relação às mulheres e em relação às perversões. Seu posicionamento em relação aos fenômenos apresentados por cada gênero demonstra que esse tópico constitui um ponto fundamental para auxiliar o andamento da pesquisa.

#### 3.1 A edificação da recusa

O estudo de Freud sobre a perversão pode ser dividido em três eixos principais, como demonstra Chasseguet-Smirgel (1991). Segundo a autora, a primeira fase da teoria freudiana surge no artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006d), com o axioma “a neurose é o negativo da perversão”. A segunda fase da teoria surge com o Complexo de Édipo, sendo este considerado por Freud o núcleo das perversões, bem como das neuroses. O terceiro e último momento de teorização em relação à perversão surgiu no artigo *Fetichismo*, de 1927, onde Freud conceitua o mecanismo de recusa. Essa visão também é adotada por Ferraz (2008). Tentaremos explicitar de maneira cronológica a evolução do conceito na obra freudiana, buscando compreender a ideia central de cada texto que consideramos importante para a construção desse trabalho.

Freud começou a utilizar o conceito de perversão em 1896, na famosa *Carta 52* (1896/2006a), quando afirma que a histeria surge não como uma rejeição à sexualidade, mas

sim como uma rejeição à perversão<sup>28</sup>. Em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905/2006e), Freud considera que as tendências perversas existem em todas as psiconeuroses, mas essas tendências sofrem a ação do recalque, que as torna inconscientes. “Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento” (p. 56). Nesse artigo, Freud ainda mantém um vínculo entre perversão e histeria, ao afirmar que os sintomas histéricos também são produzidos pelas emoções perversas recalcadas.

Valas (1990) chama a atenção para o fato de que até 1905, a perversão não era um tema de interesse real para Freud, mas que ele teria atribuído às mulheres a essência das perversões sexuais, já que nelas o processo civilizatório era menos eficaz no controle dos instintos sexuais. O entendimento da perversão, entre 1896 e 1901, sofreu várias modificações, ainda apresentando grandes semelhanças com o pensamento e teorizações vigentes na época. A perversão, na psicanálise, começa a se distanciar das outras teorias da época em 1901<sup>29</sup>, quando Freud afirma “As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras.” (1905/2006e, p. 55-56).

Posteriormente, começa a ocorrer um distanciamento das diversas teorias existentes na época em detrimento da construção de uma teorização própria, apresentada a partir do texto de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Apesar da inovação contida em seu texto, Freud ainda sofre grande influência da sexologia do século XIX, considerando as perversões sexuais como aberrações. Como Havelock Ellis, Freud também a teoriza como uma interrupção do desenvolvimento sexual infantil (Valas, 1990).

A obra consiste na construção de um outro olhar em relação à sexualidade humana e a sexualidade infantil. Neste texto, a perversão é apresentada como a manutenção, na vida adulta, de características perverso-polimorfas, comuns à sexualidade infantil. Segundo sua teorização, toda pessoa atravessa, em seu desenvolvimento, fases onde a primazia da sexualidade se dá por uma zona erógena que não a genital, se organizando posteriormente em favor da genitalidade. Desse modo, o sujeito adulto se mantém preso a uma sexualidade pré-genital infantil, em prejuízo ao desenvolvimento da sexualidade genital, tida como sexualidade normal.

A sexualidade pré-genital é composta por diversos eixos desordenados e insubordinados. Para que ocorra o desenvolvimento sexual normal é necessário que a corrente

---

<sup>28</sup> É importante ressaltar que em 1896, Freud ainda acreditava que a histeria se originava a partir de um abuso real sofrido pela criança, inexistindo a possibilidade de um abuso fantasiado. Então podemos entender que essa rejeição à perversão corresponderia à rejeição da sedução do adulto perverso. O abandono da Teoria da Sedução, apresentado na carta 69 (1897/2006b) foi o que permitiu a Freud considerar a existência da sexualidade infantil.

<sup>29</sup> O texto em questão foi escrito em 1901, mas somente publicado em 1905.

libidinal genital assumam o papel ordenador das libidos sexuais. A perversão ocorre a partir de uma fixação numa fase pré-genital do desenvolvimento, desviando o comportamento sexual para algo considerado atípico. O comportamento desviante passa a gerar o prazer que deveria ser exclusividade da relação genital.

Laplanche & Pontalis (2001) reforçam essa concepção de Freud, ao afirmar que a perversão está presente quando o orgasmo é obtido a partir da utilização de outros objetos sexuais (homossexualismo, zoofilia, pedofilia), por outras zonas erógenas (sexo oral, anal) ou quando o orgasmo só é possível a partir de condições externas específicas (fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo).

Freud trabalha, no primeiro capítulo do artigo, com a noção de “aberrações sexuais”, onde estabelece que os desvios se dividem em desvios em relação ao objeto sexual, e desvios em relação ao alvo sexual. Em suas palavras “chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele.” (Freud, 1905/2006d, p. 128) A perversão se distingue do comportamento normal pela existência de uma fixação e exclusividade do prazer a partir de um comportamento desviante. A mera existência do comportamento desviante então não caracterizaria uma perversão, mas sim a necessidade de sua existência.

As fantasias pré-genitais predominantes na constituição do perverso também desempenham um importante papel na constituição do sintoma neurótico. Tais fantasias, na neurose, entram em conflito com o ego e sofrem o recalque. A partir do conflito com a censura, o sintoma é formado. Já na perversão, a censura não existe dessa maneira, permitindo ao perverso ser tudo que o neurótico só almeja.

Nesse sentido, Freud fala que a neurose é o negativo da perversão, pois na neurose os impulsos perversos são reprimidos e afastados da consciência, ao passo que a sexualidade perversa não sofre qualquer recalque ou sublimação. A fantasia perversa se mantém inconsciente no neurótico e consciente no perverso.

O inconsciente do neurótico é, portanto, habitado por desejos que os perversos põem em cena, mas que na neurose emergem sob a forma de sintoma. As perversões sexuais podem, então, estar presentes mesmo que a nível inconsciente, em todos os seres humanos. Na sexualidade perversa, que corresponde a uma manutenção da sexualidade infantil na vida adulta, tudo está cristalizado e a pré-genitalidade e seus objetos dominam a vida sexual do perverso. Como nos demonstra Valas (1990), a fantasia começa a adquirir papel fundamental na teorização sobre a perversão:

A partir da carta 69, abandonando sua *neurótica*, Freud põe em dúvida a sua teoria da sedução. Mesmo que conserve sua importância, a teoria do trauma vai se apagar diante da teoria da fantasia e, precisa ele, “vê-se melhor com a perversão o papel do fantasma”. A noção do sedutor perverso perde sua consistência” (Valas, 1990, p. 18)

Cabe pontuar que, já nessa época do pensamento freudiano é possível perceber que o falo terá papel fundamental nas suas teorizações sobre a perversão, assumindo papel central em alguns momentos da teoria, como veremos mais adiante ao discutirmos o texto *O Fetichismo*.

Valas (1990) cita que Freud, entre 1905 e 1915, confirmou vários aspectos de sua teorização apresentada nos Três Ensaio, realizando algumas correções e adequações em escritos que ainda admitiam, de certa maneira, a existência da perversão nas mulheres, quer fosse sua forma ativa ou passiva. Nesse meio tempo, Freud estabeleceu duas importantes contribuições para o conceito da perversão:

a da recusa, pela criança, da falta fálica na mãe, prolongada posteriormente pelo conceito de desmentido (*Verleugnung*), como mecanismo específico e como denominador comum de todas as formas de perversão; e as diferentes modalidades de escolha de objeto no contexto do narcisismo (p. 47)

Com o estabelecimento do complexo de Édipo (1919/2006k), as origens das organizações psíquicas passaram a ser explicadas a partir da resolução do mesmo. Nesse momento, a perversão passa a ser compreendida não mais como uma fixação sexual infantil que não foi recalçada, e sim como uma reação à castração através do mecanismo denominado desmentido ou recusa (*Verleugnung*), o principal mecanismo de defesa da organização perversa. Na obra freudiana, *Verleugnung* pode ser definido como “modo de defesa que consiste numa recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência de pênis na mulher” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 436).

Em 1923, no texto *A Organização Genital Infantil*, ocorrem avanços na compreensão do papel do complexo de Édipo e do complexo de castração, que levam Freud a afirmar que o menino, ao perceber a ausência do pênis na mulher, não abandona de imediato a concepção anteriormente formulada, de que o pênis existe “em todas as criaturas que a elas se assemelham” (Freud, 1923/2006n, p.159), consola-se com a fantasia de que o pênis existe e que crescerá com o tempo. Nesse momento, Freud admite desconhecer os processos correspondentes à organização genital nas meninas. No entanto, em 1924, no artigo *A Dissolução do Complexo de Édipo*, Freud retoma o assunto e amplia a explicação de tais processos. Na diferenciação sexual, inicialmente surge na menina a ideia de que quando ficar mais velha, “adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino. ” (Freud, 1924/2006o, p.198), mas, posteriormente, “aceita a castração como um fato consumado” (p.198). Esse entendimento, de que fora possuidora de um pênis e fora castrada, não é generalizado para outras mulheres, e sim vivido como um acontecimento individual. Em suas palavras:

Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. Ela parece não estender essa inferência de si própria para outras mulheres adultas, e sim, inteiramente segundo as linhas da fase fálica, encará-las como possuindo grandes e completos órgãos genitais – isto é, masculinos. (p. 198)

Mas o desejo de possuir um pênis será substituído em favor de possuir um bebê de seu pai – desejo que, gradativamente, poderá ser abandonado, diante da impossibilidade de se realizar. Posteriormente, no artigo *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1925/2006p), surgem explicações para o destino desse desejo: a possibilidade de uma atuação da repressão, ou ainda, a possibilidade desse desejo persistir na vida mental da mulher. Diante da persistência em vivenciar o temor da castração, o superego necessitará de outra motivação para se estabelecer, assim como a organização genital precisará de outro motivo para se interromper. Na busca por justificar essa motivação, Freud sugere que “nela, muito mais que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação, e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor” (Freud, 1924/2006o, p.198).

Essa reação à castração ocorre de maneira distinta entre os sexos. Enquanto no menino o complexo de castração atua no final do Édipo, na menina ocorre justamente o contrário, o complexo de castração é responsável por fundar o complexo de Édipo (1925). No texto *Feminilidade* (1932/2006s), Freud discorre sobre essa diferença fundamental do papel no que concerne ao temor da castração para a formação do superego. Segundo ele, o Édipo feminino é superado “tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.” (1932/2006s, p. 129). Essa superação incompleta do complexo de Édipo tem como consequência um prejuízo em relação a sua “intensidade e a independência” (p.129).

Enfim, ao longo de sua obra Freud, apontou distintas defesas usadas pelo psiquismo para lidar com a realidade e com a castração: o recalque (*Verdrangung*), a rejeição (*Verwerfung*)<sup>30</sup> e a recusa (*Verleugnung*). Cada um desses mecanismos propostos por Freud é descrito como mecanismo de defesa preponderante, mas não exclusivo, de uma organização psíquica. O recalque representa o mecanismo comum da neurose, atuando de maneira a repelir representações para o inconsciente, buscando o afastamento de muitas representações ideativas da consciência. A rejeição, mecanismo fundante da psicose, atua de maneira a “expulsar” representações do aparelho psíquico, não se integrando ao inconsciente. Laplanche e Pontalis (2001) distinguem a *Verwerfung* a partir de duas características, sendo elas “Os significantes

---

<sup>30</sup> Preferimos adotar a tradução do conceito *Verwerfung* como rejeição por se tratar nesse momento de uma revisão da obra de Freud. A tradução forclusão, cunhada por Jaques Lacan surge posteriormente aos escritos freudianos, e por isso não foi adotada.

forcluídos não são integrados no inconsciente do sujeito” e “não retornam do ‘interior’, mas no seio do real, especialmente no fenômeno alucinatorio” (p.195). Por último temos a recusa, que, a partir da clivagem do ego, mantém simultaneamente a coexistência de duas representações conflitantes no psiquismo. Portanto a recusa implica na aceitação da castração somente ao preço da transgressão contínua, à custa da monótona repetição de um mesmo ato. Apesar de constituir um mecanismo interessante para nossa discussão, a *Verwerfung* não foi trabalhada de maneira sistemática por Freud, por isso consideramos mais interessante nos atermos nesse momento ao mecanismo da recusa, promovendo posteriormente, no próximo capítulo uma discussão mais detalhada do mecanismo a partir de teóricos pós-freudianos.

O mecanismo de recusa está presente em diversos momentos da obra, mas somente no texto *Fetichismo* (1927/2006q) ele ganha seus contornos finais e se estabelece como modo de defesa próprio da perversão. Laplanche e Pontalis (2001), descrevem o mecanismo como “modo de defesa que consiste numa recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência de pênis na mulher” (p. 436). Freud irá considerar o fetichismo como um paradigma que explica o funcionamento da perversão. A construção do fetiche se funda no mecanismo de deslocamento e manutenção da contradição, marcando o perverso numa posição de mestre do seu saber e do seu gozo. O fetiche fica como um troféu que comemora o triunfo sobre a castração.

O fetiche é um substituto para o pênis, (...) não é um substituto para qualquer pênis ocasional, é sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar. (Freud, 1927/2006q, pág. 155).

O fetichista, portanto, recusa a realidade da falta de pênis da mãe, pois tal constatação acarretaria em uma ameaça ao seu próprio pênis (Freud, 1938/2006u), sendo que o fetiche será um substituto do pênis que falta à mãe. Para a manutenção dessa recusa da castração, será necessário a ocorrência de uma clivagem no ego, divisão que possibilitará a existência de dois registros contraditórios: o de reconhecer e também recusar a castração. A clivagem do ego, apesar de ser essencial para a manutenção da recusa, não é um mecanismo exclusivo dos perversos. Chasseguet-Smirgel (1991) explicita que a característica fundamental que diferencia a clivagem perversa da clivagem psicótica é a existência simultânea das atitudes paradoxais frente à castração. Freud, portanto, discute o fetichismo a partir da lógica fálica. Essa posição exercida ante a impossibilidade de reconhecer a existência de um ser não possuidor do atributo fálico põe em questão, no perverso, as teorias sexuais de universalização do falo.

Antes de iniciarmos o próximo tópico da discussão, consideramos interessante tecermos algumas considerações sobre um outro conceito freudiano – o complexo de masculinidade –, pois, apesar de pouco trabalhado, é importante para a construção da pesquisa, por representar uma possibilidade de explicação para a organização perversa na mulher a partir da teorização freudiana.

O termo foi introduzido em *Uma criança é espancada* (1919/2006k), sendo relacionado ao abandono do papel feminino. Sobre ele, Freud fala “Põem em atividade o seu ‘complexo de masculinidade’ (Van Ophuijsen [1917]) e, a partir de então, querem apenas ser meninos” (p. 206).

Em 1920, Freud retoma o termo complexo de masculinidade em seu texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920/2006m). Na época, a homossexualidade era considerada uma forma de perversão, mas é interessante notar que em nenhum momento do texto Freud faz alguma menção considerando se tratar de uma perversão. Apesar disso, existe a afirmação de que a jovem “deveria ter tido fortes tendências exibicionistas e escopofílicas” (p.181), características que poderiam indicar uma perversão. Assim como em 1919, o complexo de masculinidade foi citado sem maiores explicações, existindo apenas a afirmação de que “A análise demonstrou, além disso, que a jovem trouxera consigo, desde a infância, um ‘complexo de masculinidade’ fortemente acentuado” (p.180).

O complexo de masculinidade somente foi trabalhado de maneira mais aprofundada em 1932, onde é utilizado para explicar uma das reações possíveis da menina frente à castração, se assemelhando de certa forma à recusa do perverso, já que em suas considerações Freud afirma que “a menina se recusa, digamos, a reconhecer o fato indesejado, e, desafiantemente rebelde, até exagera sua masculinidade prévia, apega-se à sua atividade clitoridiana e refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai” (Freud, 1932/2006s, p.129). Mas logo após, ainda na mesma página, Freud afirma que o papel desse complexo seria, no máximo, influenciar a escolha do objeto de amor no sentido da homossexualidade, sem apresentar maiores elaborações sobre os possíveis papéis desse complexo ou compará-lo com as reações possíveis do menino frente ao temor da castração. Apesar de os processos semelhantes aos mecanismos perversos estarem presentes no complexo de masculinidade na mulher, não é possível encontrar na obra de Freud nenhuma referência clara sobre a possibilidade da existência de uma perversão na mulher.

### 3.2 A edificação da feminilidade

Ao percorrermos a trajetória teórica estabelecida por Freud sobre a feminilidade e o feminino, nos deparamos com concepções distintas produzidas por ele em relação ao desenvolvimento da mulher. Essas concepções ficam sobrepostas por quase toda a obra, exigindo do leitor idas e vindas nos esboços acerca do funcionamento do feminino e da feminilidade. Buscaremos então percorrer os escritos freudianos, no intuito de demarcar um roteiro de percurso dos artigos freudianos sobre essa temática.

França (2013), ao estudar qual o papel da mulher ao longo da obra freudiana, destaca que podemos ver três posições distintas: a mulher invejosa, a mulher mãe e a mulher castradora. Essa divisão não se faz de maneira tão clara quanto os marcos da perversão apresentados por Chasseguet-Smirgel, pois não preconiza uma divisão cronológica definida e, diferentemente das fases da perversão, as fases da feminilidade e do feminino, não são abandonadas em detrimento de uma nova teoria. No entanto, de certa maneira, Freud manteve durante toda sua obra o esboço dessas três posições ocupadas pelas mulheres.

Tendo em vista a necessidade de apresentar como o monismo fálico cerceou as possibilidades de destinos do feminino, por ter priorizado apenas sua relação com a falta do falo, retomaremos as marcações feitas por França (2013) para aproveitá-las em nossas reflexões sobre a mulher perversa.

#### 3.2.1 A mulher invejosa

Essa primeira etapa da teorização freudiana em relação ao feminino gira em torno da existência e primazia do falo na psicanálise. A construção da mulher se dá a partir da falta do falo e, conseqüentemente da inveja resultante. É possível observar a presença dessa concepção principalmente na primeira tópica da obra freudiana.

Segundo França (2013), essa concepção é sustentada pelo par de opostos “masculino/fálico/ativo e feminino/castrado/passivo”. A autora destaca alguns textos onde é possível visualizar a existência dessa concepção e que citaremos a seguir.

O primeiro texto mencionado como alicerce para a concepção de mulher invejosa, é *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006d), agora discutido sob uma ótica diferente da apresentada no tópico anterior do presente trabalho. O artigo vai muito além do estudo da perversão e discute a existência da sexualidade no ser humano, de forma a desconstruir os conceitos relativos à sexualidade provenientes da psiquiatria e sexologia do século XIX, apresentando novas concepções ao tema. Para Freud a sexualidade no ser humano se inicia não na puberdade, e sim na infância.

Partindo do estabelecimento do monismo sexual, que irá permear toda a obra freudiana, a percepção da diferença sexual entre os gêneros estabeleceria a constatação da ausência do pênis nas mulheres, sendo essa falta a gênese do complexo de castração e da inveja de tal atributo genital, e que será o sustentáculo do caráter invejoso das mulheres. Para Freud, a percepção da existência de uma vagina é negligenciada pela menina durante a infância, e ela terá a ilusão de que o seu o clitóris (órgão análogo ao pênis) apesar de pequeno poderá crescer. Nesse modelo de sexualidade freudiana, o pênis possui um lugar central, e além de ser invejado por aqueles que não o tem, sua perda será temida por aqueles que o tem. Somente na puberdade a mulher ganharia consciência da vagina, e transferiria para a mesma a qualidade de zona erógena principal, em detrimento do clitóris, deixado de lado como fonte principal do prazer tal como era na infância. França (2013) chama a atenção que nos textos freudianos essa mudança de zona erógena tem como premissa a aceitação da castração pela mulher. Dentro da lógica da moral vitoriana a repressão do clitóris como zona erógena corresponderia ao abandono de uma sexualidade ativa, contribuindo para a repressão da mesma.

A sexualidade foi não só entendida de forma diversa da corrente de pensamento da época, mas também foi considerada como possuindo um papel importante na constituição de sintomas e de psicopatologias, conforme discutido no texto de 1908, *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908/2006f). Neste artigo, Freud amplia a percepção da influência da cultura sobre a sexualidade, principalmente em relação à sua repressão, com o estabelecimento de limites moralizantes. Também reconhece o papel fundamental da sexualidade na raiz das neuroses, pontuando uma diferença ao afirmar que:

É comum a irmã de um pervertido sexual, a qual em sua condição de mulher possui um instinto sexual mais débil, apresentar uma neurose cujos sintomas expressam as mesmas inclinações das perversões do seu irmão, mais ativo sexualmente. (1908/2006f, 177)

Aqui é possível perceber a diferenciação entre os sexos feita por Freud, pois para ele, apesar de a mulher manifestar sintomas semelhantes aos sintomas de um homem, a etiologia seria diferente em função do papel da repressão na construção dos sintomas. Aliás, observando as construções de Freud sobre o papel da repressão social da sexualidade (na raiz das neuroses e dos sintomas), é possível entendermos que a sua reflexão parte do mesmo esboço da mulher invejosa estabelecido por ele e calcada no monismo sexual e na conseqüente falta da mulher, que contribuem para sua repressão e que dão ao possuidor do falo a capacidade de transgredir as construções sociais de normatização da sexualidade.

Em outro texto da mesma época denominado *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908/2006g), Freud, logo no início alerta que “as observações que se seguem aplicam-se

principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo – isto é, o masculino” (p. 192). Essa afirmação é mais um exemplo do monismo sexual que permeia a construção freudiana da época, inferindo conclusões acerca do feminino a partir da observação do masculino.

No artigo em questão, Freud considera que umas das teorias apresentadas pelas crianças em relação à sexualidade diz respeito a considerarem que na infância da menina, o clitóris é considerado um órgão análogo ao pênis do menino e possui um caráter sexual ativo, masculino, durante o período da infância. Seria necessária então a atuação da repressão para eliminar a sexualidade masculina e permitir o surgimento da mulher.

Essa crença do clitóris como órgão análogo ao pênis não é capaz de suplantar a realidade observada pelas meninas, que mantêm o fascínio pelo pênis e, posteriormente, acabam desenvolvendo grande inveja do órgão sexual masculino, conforme nos mostra Freud na passagem a seguir.

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas(...) (1908/2006g, p. 197)

Reafirmando o quanto o papel da vagina na sexualidade é completamente ignorado pelas crianças na construção de suas teorias, Freud exemplifica com o fato de que a vagina é desconsiderada até pelas crianças no que diz respeito à gestação e parto: a teoria desenvolvida para explicar o nascimento por muitas vezes envolve o ânus como ducto de saída da criança. Se o canal utilizado para o nascimento é o ânus, o homem seria então capaz de dar à luz a crianças também. Essa ignorância nega, segundo Freud, a exclusividade da mulher em gerar e dar à luz a crianças.

Em 1923, Freud retoma a discussão iniciada em 1905 com os Três Ensaios, retomando a concepção de organização sexual infantil estabelecida na época, que serve de esboço para a concepção da mulher invejosa:

Ao mesmo tempo, a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. (Freud, 1923/2006n, p. 158)

Apesar de seus avanços teóricos entre 1905 e 1923, o feminino ainda é apontado como uma parte da constituição humana que necessitaria de maiores estudos. Assim como no texto *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908/2006g), as considerações realizadas no estudo de 1923 também não podem ser generalizadas para ambos os sexos. Em suas próprias palavras, Freud afirma que “infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos” (Freud, 1923/2006n, p. 158).

O papel do complexo de castração na evolução da sexualidade infantil também nos leva para as mesmas conclusões dos textos anteriores. A partir da descoberta da diferença entre os sexos, a criança conclui que a menina possuía um pênis e que o mesmo foi arrancado. O papel do complexo de castração é diretamente ligado à primazia fálica, e somente considerando o papel dessa primazia é que se torna possível entender adequadamente o complexo.

Freud considera que na organização genital infantil, o par de opostos constituídos se firma entre “possuir um órgão genital masculino e ser castrado” (p. 161). Aqui é possível observar o papel do monismo fálico na teoria, pois o par de opostos não se constitui a partir de dois órgãos genitais, mas sim da presença e ausência do mesmo órgão. A influência na teoria é tão extensa que, mesmo ao se tratar da vida adulta, onde existe o reconhecimento do papel da vagina e o estabelecimento da masculinidade e feminilidade, a afirmação que é feita é de que “a vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis” (p. 161).

Vemos, portanto, que o órgão sexual detentor de alguma importância real na construção freudiana é somente o pênis. Além dessa valorização do falo, é possível chamar a atenção para o fato de que o clitóris é considerado inicialmente como um “pênis pequeno que ainda vai crescer”, e a vagina considerada como receptáculo para o pênis. Ou seja, os órgãos sexuais femininos são desprovidos de valor próprio. Como nos diz Nunes (2002), “a primazia dada ao falo ainda reduzia a sexualidade ao registro masculino, deixando o feminino em uma posição de negatividade” (p.43).

A construção do texto e as passagens citadas acima demonstram como a concepção do feminino no texto trabalhado ainda reflete o papel da mulher como possuidora da falta e, conseqüentemente, da inveja do pênis.

Em seu texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/2006o), Freud buscará, pela primeira vez, explicar a diferença do desenvolvimento da sexualidade entre meninos e meninas. Apesar das explicações diferenciadas para os gêneros, retomará a ideia do monismo sexual, admitindo que o processo de desenvolvimento sexual na menina foi deixado de lado, e que o material existente até o momento de sua escrita não era suficiente para apresentar alguma resposta clara sobre esse desenvolvimento. Afirma ainda, que os estágios e mecanismos são semelhantes tanto na menina quanto no menino, existindo em ambos uma organização fálica, um complexo de Édipo e um complexo de castração, embora não atuem de modo semelhante.

A organização fálica nos dois sexos se estabelece tendo como referencial o pênis e se inicialmente a menina nega a castração, afirmando que seu clitóris irá crescer e será um órgão sexual semelhante ao do menino, quando abandona essa crença, é porque entende que o perdeu

por meio da castração. Sua perda não é generalizada para todas as mulheres, que em sua concepção ainda possuem órgãos genitais masculinos. A castração acaba sendo entendida como “uma injustiça feita a ela” (1924/2006o, p. 197), retomando conclusões já apresentadas em seu texto *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908/2006g).

Nesse artigo (1924/2006o) Freud toca em um ponto chave de sua teoria em relação à constituição da mulher: o temor envolvido não se refere a perda do pênis, mas sim a perda do amor dos pais, motivo externo e considerado mais fraco por Freud. O complexo de Édipo na menina não teria então um final abrupto como é concebido no menino. A menina transfere o desejo de ter um pênis para o desejo de ter um bebê do pai, sendo esse desejo gradativamente abandonado frente à impossibilidade da realização do mesmo.

O último trabalho localizado como importante para a construção do esboço da mulher invejosa na obra freudiana é o texto de 1925, *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2006p). O artigo reavalia a construção teórica relativa ao desenvolvimento psicológico das mulheres na psicanálise, admitindo que esse desenvolvimento da sexualidade infantil não poderia ser simplesmente estabelecido a partir do estudo de um único gênero, no caso o masculino, e as conclusões utilizadas para explicar também o gênero feminino, através do estabelecimento de um paralelo entre meninos e meninas.

A elaboração realizada por Freud, longe de apresentar argumentação que se afaste da concepção da mulher invejosa, vem reafirmar sua teoria e evidenciar a atuação da inveja do pênis no desenvolvimento feminino. Durante o texto são analisadas as consequências da inveja no desenvolvimento da menina. A diferenciação sexual e a consequente inveja do pênis afastam a menina de um desenvolvimento ligado a masculinidade, em detrimento do desenvolvimento de uma feminilidade.

Outro ponto discutido com maior profundidade se refere ao desenvolvimento e resolução do complexo de Édipo na mulher. O Édipo feminino é considerado como uma “formação secundária” (Freud, 1925/2006p, p. 285) devido ao seu aparecimento tardio, subordinado ao complexo de castração. Nesse ponto reside uma diferença tida como fundamental na trama edipiana entre o menino e a menina. Segundo Freud “enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p. 285). A castração assumida é que permitiria o aparecimento da feminilidade.

O papel do complexo de castração no desenvolvimento da sexualidade proposto nos permite perceber o papel central que a inveja do pênis possui na construção freudiana. Todo o

desdobramento do feminino apresentado no presente tópico tem como ponto fundamental a existência da inveja como força motriz, desencadeando todo o processo subsequente de desenvolvimento.

Ainda em relação a esse texto de 1925, cabe pontuar que, nessa obra, Freud indica a existência de uma complexa fase pré-edípica na mulher. A constatação aponta para um possível caminho em nossa construção, pois, se no esboço apresentado, a saída feminina do complexo de Édipo não comporta uma organização perversa, o caminho na teoria freudiana poderia estar na análise das construções pré-edípias. Contudo, antes de enveredarmos por esse caminho, acompanhemos a análise dos outros esboços propostos por França (2013).

### 3.2.2 A mulher mãe

A valorização do papel social da mulher como mãe, surgiu em meados do século XIX e estava focado na capacidade reprodutiva, onde tanto as características físicas (como pélvis larga) e características de personalidade (como passividade e fragilidade) passaram a ser valorizadas como ideais de feminilidade. Bem sabemos o quanto essa exaltação da maternidade como papel primordial da mulher acabou impedindo a ocupação por ela de outros papéis sociais (França, 2013), levando inclusive a psicanálise a se constituir a partir das consequências desse papel rígido delegado à mulher, afinal a histeria do fim do século XIX foi uma das consequências da forte repressão sexual da mulher.

Durante o século XIX a mulher ficou restrita ao espaço privado, reduzida às funções reprodutivas da espécie e aos afazeres de esposa e mãe. As crises históricas representavam então uma expressão do mal-estar de uma sexualidade contida, que precisava encontrar caminhos para desaguar. (França, 2013. P. 36)

Como nos diz Nunes (2002):

No início de suas pesquisas, Freud não só adotou a concepção hegemônica nos séculos XVIII e XIX que pressupunha homens e mulheres naturalmente diferentes e complementares, como também compartilhou e se tornou defensor do ideal feminino que valorizava uma imagem de mulher passiva e maternal, cuja vida deveria ficar restrita à esfera doméstica (p. 39).

Apesar da influência direta exercida nos estudos pioneiros da psicanálise em relação a histeria, o lugar da mulher relacionado a maternidade só ganhou espaço na teoria freudiana a partir da década de 1930, seguindo as mudanças culturais que então se iniciaram.

Freud apresenta logo no início de seu texto *Sexualidade feminina* (1931/2006r) questionamentos relacionados à complexidade da sexualidade feminina. Aponta que o esforço feminino se mostra muito maior para a resolução do Édipo e para o estabelecimento de uma sexualidade tida como normal. Em outros trabalhos, o autor apontou para o abandono do clitóris como zona genital principal em prol da vagina, até o momento ignorada. Mas a mudança de

zona genital não é a única mudança necessária para a menina trilhar o caminho esperado para seu desenvolvimento normal. Freud apresenta a necessidade de outra alteração necessário ao desenvolvimento feminino, uma vez que a mãe se constitui como primeiro objeto de amor da criança (independente do sexo), a menina possuiria o trabalho de deslocar esse amor para o pai. As duas modificações (da zona genital e do objeto de amor) aumentam a carga de complexidade da atividade feminina, ao ponto que não é clara a maneira como elas se relacionam.

A mudança de zona genital na menina, do clitóris para a vagina, é considerada como uma particularidade do desenvolvimento feminino, já que não existe processo semelhante no desenvolvimento masculino. A fase onde o clitóris opera como zona erógena atuante é considerado como tendo um caráter masculino, sendo que somente com a mudança para a vagina o desenvolvimento se torna propriamente feminino.

Tanto para o menino quanto para a menina, o primeiro objeto de amor é a mãe, responsável pelos primeiros cuidados da criança, mas ao longo do desenvolvimento chegará o momento em que o pai assumirá o lugar de objeto de amor da menina. Para Freud, essa mudança está diretamente relacionada com a mudança de zona genital, do clitóris para a vagina, pois segundo sua teorização essa mudança é responsável pelo abandono de uma atitude relacionada a masculinidade, abrindo espaço para o desenvolvimento de sua feminilidade. Então, somente quando a menina assume uma posição feminina a mudança do objeto de amor é possível. O desenvolvimento até o Édipo é encarado como mais demorado – e sua resolução mais complicada – que nos meninos, e para Freud sua destruição frequentemente não ocorre, perdurando características relacionadas a ele por toda a vida da mulher.

O abandono da tentativa de paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino é anunciado, e as atenções voltam-se para o progresso da sexualidade na menina, de forma diferente à atenção dada anteriormente. Aqui é possível perceber um processo de diferenciação das perspectivas relacionadas ao desenvolvimento da sexualidade entre as crianças, deixando de lado a comparação, realizada a todo momento, entre a sexualidade masculina e feminina, apesar da sexualidade masculina continuar sendo o modelo principal. Respondendo ao chamado de outros colegas para a complexidade de uma fase pré-edípica<sup>31</sup> Freud passou a dedicar mais atenção à ligação entre a menina e sua mãe, reconhecendo que ela era mais longa do que o esperado, e concluindo que “a intensa dependência de uma mulher

---

<sup>31</sup> A pressão das posições de Melanie Klein (1932/1997) que enfatizavam o quanto a dificuldade do desenvolvimento feminino se devia justamente ao fato de a mãe ser o primeiro e essencial objeto, tiveram um grande peso para que Freud reconhecesse a importância da fase pré-edípica nas meninas.

quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (Freud, 1931/2006r, p. 236).

Assim, em 1931, a fase de ligação com a mãe ganhou uma importância enorme no desenvolvimento feminino, e aliás, muito maior do que no menino. Dessa fase, chamada pré-edípica, surgem respostas para questões de difícil compreensão sobre o desenvolvimento feminino. Entretanto, apesar da ligação amorosa entre menina e mãe ser intensa, estará destinada a sucumbir por diversos fatores.

Durante a época em que a menina está exclusivamente ligada à mãe, é possível perceber comportamentos ativos e passivos em relação a ela. Nas palavras de Freud, “quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa” (1931/2006r, p. 244). Essas reações apresentadas podem indicar a intensidade da criança em relação a masculinidade e feminilidade que assumirá em sua sexualidade. O papel da masculinidade pré-edípica pode se manter constante na vida da mulher através de uma fixação na relação com a mãe. Essa fixação, quando ocorre, pode ser responsável pelo aparecimento de relações possessivas, disputas fálicas e ciúme doentio, gerando problemas de relacionamento na vida adulta. Aqui, ainda se faz presente a teorização sobre o papel da inveja do pênis como agente principal do surgimento do caráter mais invejoso da mulher.

Para Freud, a menina é iniciada na fase fálica a partir dos cuidados da mãe relativos à higiene, onde o contato com os genitais da menina é inevitável. Essa estimulação pode ser entendida pela criança como uma forma de sedução, sendo esse sentimento transferido para o pai a partir do deslocamento de objeto amoroso. O deslizamento do amor direcionado da mãe para o pai ocorre de maneira mais complexa do que simplesmente uma substituição do objeto amoroso. O afastamento da mãe parece estar relacionado com o abandono da estimulação clitoridiana, já que os dois fatores ocorrem em um período cronologicamente curto. Outro fator que aponta para a relação se refere ao fato anteriormente apresentado de que a menina não só substitui o objeto amoroso, mas também substitui a zona erógena principal.

Quando ocorre o abandono da mãe como objeto de amor em favor do pai, a menina também abandona o caráter ativo de sua sexualidade, representado na teorização freudiana pelo clitóris, assumindo a vagina como zona erógena. A partir dessa substituição, é possível compreender o motivo da masturbação cessar a partir do afastamento da mãe, por parte da menina.

Quão mais eficiente for a superação da ligação pré-edípica com a mãe, maior a potencialidade do desenvolvimento da feminilidade por parte da menina. São apontadas então

três saídas possíveis relativas ao complexo de castração e surgimento da feminilidade, sendo a primeira o abandono do clitóris como zona erógena, substituído por uma inibição sexual ou uma neurose; a segunda surge de uma resistência em aceitar a castração e manutenção da fantasia de se ter um pênis, podendo fixar a menina em uma escolha objetal homossexual; e por último, temos a saída considerada normal por Freud, onde a castração é capaz de conduzir para a substituição do objeto e o estabelecimento da feminilidade normal, com a substituição do desejo da posse do pênis pelo desejo de se possuir um filho, substituto simbólico do pênis.

Em certo momento do texto *Sexualidade feminina* (1931/2006r), Freud inicia uma discussão com os autores de sua época que discutem o tema. Não percebemos muitas ocasiões na obra freudiana onde esse diálogo é feito de maneira tão extensa, mas como o próprio autor argumenta, a pesquisa sobre a sexualidade feminina é de difícil acesso, e seu trabalho tem a finalidade de contribuir para a construção de uma teorização sobre o tema.

Retomando a ideia de um funcionamento psíquico diferente entre homens e mulheres, Freud produz um texto com foco na mulher, buscando a compreensão de mecanismos específicos do feminino. Em seu texto *Feminilidade* (1932/2006s), Freud logo no início questiona os conceitos de masculinidade e feminilidade, e as características atribuídas aos mesmos. Masculinidade é comumente entendida como uma atitude ativa, ou até mesmo agressiva, enquanto a feminilidade é vista relacionada à passividade visível que foi corroborada por Freud como vimos em estudos anteriores. O papel social imposto às mulheres ganha visibilidade, ao ser considerado responsável pelos impulsos masoquistas, já que a supressão social da agressividade feminina desvia os impulsos destrutivos para o interior da mulher, ao não permitir sua exteriorização. O papel da psicanálise é entendido neste momento como o de buscar informações e explicações para o desenvolvimento da mulher, e não simplesmente o de descrever o que é uma mulher.

A complexidade do desenvolvimento feminino é explicitada por Freud nesse momento, onde afirma que

a comparação com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menina em mulher normal mais difícil e mais complexo, de vez que inclui duas tarefas extras às quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem. (1932/2006s, p.117)

O desenvolvimento sexual apresentado por crianças de ambos os sexos é considerado de certa maneira semelhante, sem grandes variações nas fases anteriores à fase fálica. A partir da entrada na fase fálica, Freud afirma que “as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menina é um homenzinho” (1932/2006s, p. 118). A atuação do clitóris como equivalente do pênis e a

posterior transferência em sensibilidade e importância para a vagina novamente são comentadas, permitindo o estabelecimento da feminilidade.

Nesse trabalho, Freud retoma também a questão da mudança de objeto amoroso por parte da menina, considerada uma tarefa que “sobrecarrega o desenvolvimento da menina”. As duas mudanças, de zona erógena e de objeto, são exclusivas do desenvolvimento feminino, sendo que essas mudanças, assim como a fase pré-edípica, onde a vinculação é exclusiva à figura materna, são de suma importância para o entendimento da mulher. As relações libidinais da menina com sua mãe persistem e atravessam as fases da sexualidade infantil, incluindo uma parte da fase fálica, até a mudança de objeto amoroso. Freud retoma aqui a questão da sedução por parte do pai, existente nas fantasias histéricas, e apresenta a compreensão de que essa fantasia de sedução é na verdade fruto da substituição do objeto amoroso, sendo a menina de certa forma, seduzida pela mãe através da estimulação consequente da higiene corporal da criança.

Agora as atenções de Freud se voltam para a tentativa de se compreender o real motivo do afastamento da mãe, já que, conforme citado, o vínculo com a mãe é muito mais complexo e duradouro do que o esperado, não sendo possível um abandono de maneira simples. Foram consideradas algumas possibilidades para explicar o fato da ligação, outrora tão poderosa, se findar de maneira abrupta. Um fator que aparece em destaque no raciocínio freudiano é a ambivalência da relação, já que segundo o autor, a desvinculação da mãe é acompanhada de hostilidade e ódio. A mudança de objeto aparece acompanhada de acusações diversas contra a mãe, incluindo ciúmes, proibições, desapontamentos e frustrações, que a princípio poderíamos pensar serem capazes de explicar o afastamento. Mas é possível notar que um processo acusatório semelhante ocorre no menino, e, no entanto, a mudança objetal não ocorre. É necessário então buscar outras razões possíveis para explicar o abandono da mãe como objeto de amor.

Freud localiza o fator principal para o afastamento como pertencente ao desenrolar do complexo de castração, já explicado anteriormente. O autor afirma que a menina acusa a mãe pela castração, sendo de responsabilidade da genitora a falta do pênis na menina. Essa falta é entendida como uma desvantagem, a partir da ótica presente na inveja do pênis. Aqui o autor retoma suas considerações sobre a inveja do pênis, e seu papel no desenvolvimento da menina, explicando de maneira mais extensa os caminhos possíveis para o desenvolvimento sexual feminino, culminando no complexo de Édipo.

Essa fase do desenvolvimento infantil pode ser, de certa maneira, resumida na seguinte passagem

O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio. Na ausência do temor de castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência (Freud, 1932/2006s, p. 129)

Na menina, então, é possível pensarmos em duas fases identificatórias com a figura materna. Anterior ao Édipo, a vinculação se dá de forma afetuosa, sendo que essa fase possui grande importância para o desenvolvimento feminino, já que servirá de preparativo para o surgimento das características femininas. Durante a trama edípica, a mãe passa a ser encarada como rival, e passa a ser hostilizada pela criança, já que em sua fantasia, a mãe foi responsável pela castração.

Cabe ressaltar que no texto *Feminilidade* (1932/2006s), Freud descreve a ocorrência de um mecanismo semelhante à clivagem do ego, na mulher. A diferença ocorreria no fato de que enquanto o menino recusa a castração da mãe, a menina nesse caso recusaria a sua própria ausência de pênis, como é possível ver no trecho abaixo.

O fato de a menina reconhecer que lhe falta o pênis, não implica, absolutamente, que ela se submeta a tal fato com facilidade. Pelo contrário, continua a alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir algo semelhante e acredita nessa possibilidade durante muitos anos; e a análise pode mostrar que, num período em que o conhecimento da realidade há muito rejeitou a realização do desejo, por sabê-lo inatingível, ele persiste no inconsciente e conserva uma considerável catexia de energia. (Freud, 1932/2006s, p. 125)

A questão da inveja do pênis e do complexo de castração surgirá novamente no final da obra freudiana, em *Análise terminável e interminável* (1937/2006t), onde Freud retoma sua concepção de que o desenvolvimento feminino ocorre influenciado pela inveja do pênis. Conclui que o complexo de Édipo e o de castração atuam de maneira inversa na menina do que ocorre com o menino. O Édipo feminino é iniciado a partir da constatação da castração, enquanto, no menino, a ameaça de castração é responsável pela resolução da trama edípica. Não observamos na argumentação de Freud nenhuma nova elaboração teórica, reafirmando as conclusões anteriormente trabalhadas por ele em outros textos. França (2013) pontua que apesar de Freud afirmar que a mulher busca a análise para que “ao final dela, possa receber aquilo que lhe era tão penoso não possuir” (p. 99), a análise atua sempre de maneira inversa, em uma tentativa de se elaborar a castração.

Em *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]/2006v), Freud retoma a questão do desenvolvimento sexual da criança e dos diferentes caminhos trilhados pelo menino e pela menina, a partir da primazia da fase fálica. Aponta novamente as saídas mencionadas em outros

textos para a questão do complexo de castração e do complexo de Édipo, enfatizando a necessidade de mudança de objeto amoroso e desligamento da mãe como uma saída possível, para que a menina não fique marcada por traços masculinos durante sua vida, o que, inclusive, poderá culminar em uma escolha de objeto homossexual.

### 3.2.3 A mulher castradora

Apesar de ser trabalhado por último, a concepção de uma mulher forte e aterradora é a que primeiro aparece na obra freudiana, mais especificamente no trabalho *A interpretação dos sonhos* (1900/2006c), quando Freud descreve o sonho das três Parcas. Na mitologia, as Parcas representam seres capazes de decidir o destino de homens e deuses. O sonho remete a uma memória infantil de Freud, onde sua mãe afirmou que todos eram feitos de barro, e que para o barro voltariam após a morte. Nunes (2002) interpreta que a associação feita por Freud entre o sonho e sua lembrança, faz com que sua mãe apareça como uma figura ligada a vida e a morte, “ao mesmo tempo nutriz e devoradora” (p.51) e por isso assustadora. Esse aspecto aterrador da mulher representa a concepção de mulher castradora na teoria freudiana.

Em *O tema dos três escrínios* (1913/2006h), Freud discorre em relação a um ponto em comum a vários mitos e histórias, a necessidade de escolha de uma entre três mulheres, onde a escolha correta é sempre representada pela terceira. Traçando um paralelo entre os contos escolhidos como exemplo, a terceira mulher possui características para além da beleza. Enquanto as duas primeiras, comparadas com ouro e prata, são brilhantes e chamativas, a terceira mulher é comparada ao chumbo, discreta e calada. Essa “mudez” da terceira mulher é analisada segundo a teoria psicanalítica, e considerada como representação da morte.

Após estabelecer a relação entre a mudez e a morte, Freud associa a terceira mulher das histórias com a terceira Parca, responsável por romper o fio que representa a vida, ou seja, marcar a morte de quem o fio representa. Discorre então sobre a similitude entre as Horas, Moiras (Parcas<sup>32</sup>) da mitologia grega e Nornas, da mitologia germânica e nórdica. Os três grupos de deusas-irmãs são responsáveis pelo controle do tempo e, conseqüentemente, do destino. As Horas eram responsáveis pela passagem do tempo na natureza, sendo que as três irmãs representam as três estações conhecidas na época, primavera, verão e inverno. As Nornas representam o passado, presente e futuro, sendo a terceira irmã, responsável pelo futuro, também responsável pelo destino de homens e deuses. Já as Moiras eram responsáveis por

---

<sup>32</sup> A denominação Parca corresponde a nomenclatura da mitologia romana, enquanto Moira é a denominação da mitologia grega.

fabricar, tecer e romper o fio da vida. A ordem normal da natureza e a ordem natural dos homens caminhavam para uma direção imutável, a morte.

A inelutável severidade da Lei e sua relação com a morte e a dissolução, que haviam sido evitadas nas encantadoras figuras das Horas, estavam agora caracterizadas nas Moiras, como se os homens só houvessem percebido toda a seriedade da lei natural quando tiveram de submeter suas próprias personalidades a ela (...). As Moiras foram criadas em resultado de uma descoberta que advertiu o homem de que ele também faz parte da natureza e, portanto, acha-se sujeito à imutável lei da morte. (Freud, 1913/2006h, p. 322)

A severidade da revelação faz com que, segundo Freud, a Deusa da Morte seja substituída na imaginação do homem pela Deusa do Amor. Sob esse aspecto, ele chama a atenção para as deusas orientais, que possuem esse duplo papel de criação e destruição, demonstrando plausibilidade em seu raciocínio. Ao ocorrer a substituição pelo seu inverso, “o homem supera a morte, que reconheceu intelectualmente”. (Freud, 1913/2006h, p. 323). O texto freudiano se encerra com a consideração dos diversos papéis assumidos pela mulher, sendo um deles o papel que remete a morte, representação atemorizadora da mulher, e por isso considerada como representação da mulher castradora. Nas palavras do autor:

Poderíamos argumentar que o que se acha representado aqui são as três inevitáveis relações que um homem tem com uma mulher – a mulher que o dá à luz, a mulher que é a sua companheira e a mulher que o destrói; ou que elas são as três formas assumidas pela figura da mãe no decorrer da vida de um homem – a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e por fim, a Terra Mãe, que mais uma vez o recebe. (Freud, 1913/2006h. P 325)

Seguindo a linha proposta por França (2013), temos o texto *Sobre o Narcisismo: Uma introdução* (1914/2006i), um dos textos fundamentais da obra de Freud. Nesse artigo, ele apresenta a possibilidade de se estudar o narcisismo a partir da observação da vida erótica dos seres humanos. É estabelecido duas escolhas objetais possíveis que guiarão a relação amorosa, interessando-nos a escolha denominada narcísica. Em relação a escolha objeto feminina, Freud nos diz que:

As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhe são impostas em sua escolha objeto. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. (1914/2006i, p. 95)

Essas mulheres seriam, de certa maneira, incapazes de amar outra pessoa que não elas mesmas. Além de reservarem para si seu amor, ainda exigem do outro uma parcela da capacidade dele de amar. Freud considera que o narcisismo de uma pessoa exerce influência em outras pessoas, gerando um certo fascínio em relação ao narcisista. Dessa maneira, essa mulher narcisista encontraria homens dispostos a venerá-la. Essa relação torna a mulher misteriosa e o homem subjugado, deixando-o em uma posição fragilizada e a mulher em uma posição forte, e por isso castradora.

Em *O tabu da virgindade* (1918 [1917]/2006j) Freud discorre sobre o costume de tribos e povos primitivos em relação à virgindade feminina. Enquanto na sociedade ocidental da época considerava ser de responsabilidade do marido o desvirginamento e ruptura do hímen da mulher, nesses povos foram encontrados costumes e rituais onde o desvirginamento ocorria antes do casamento, mas não necessariamente através de um ato sexual. Para o autor, tais costumes não significam de maneira alguma que a virgindade não teria significado ou valor nessas sociedades.

Freud estabelece as possíveis motivações para a existência do tabu em relação à virgindade e a necessidade dos referidos rituais. A primeira explicação considera que o sangue advindo do rompimento do hímen pode remeter a ideias sádicas e de assassinato, já que o sangue é considerado como a origem da vida, resposta precária, considerando a existência de outras cerimônias envolvendo o derramamento de sangue nas mesmas sociedades. O autor então parte para a segunda explicação possível, onde os rituais teriam como função diminuir a ansiedade e o temor em relação aos novos acontecimentos, no caso o matrimônio, ou seja, atuam de maneira a diminuir a existência de uma ameaça, contida na primeira relação sexual. As duas explicações apresentadas podem atuar de forma complementar, onde o horror ao sangue poderia aumentar a sensação de ameaça do novo acontecimento, e por isso deve ser eliminado.

A terceira explicação apresenta um panorama mais abrangente, ao considerar que para os povos primitivos, não seria a primeira relação sexual ou a virgindade o tabu, mas sim a vida sexual como um todo, e conseqüentemente a mulher poderia ser considerada também como um tabu.

Toda vez que o homem primitivo tem de estabelecer um tabu, ele teme algum perigo e não se pode contestar que um receio generalizado das mulheres se expressa em todas essas regras de evitação. Talvez este receio se baseie no fato de que a mulher é diferente do homem, eternamente incompreensível e misteriosa, estranha, e, portanto, aparentemente hostil. O homem teme ser enfraquecido pela mulher, contaminado por sua feminilidade e, então, mostra-se ele próprio incapaz. (Freud, 1918 [1917]/2006j, p. 206)

A passagem apresentada acima nos leva a crer que a mulher nesse contexto seria motivo de tabu por representar uma ameaça para o homem. França (2013) comenta que a mente primitiva tem como característica a projeção de sua própria hostilidade em objetos considerados estranhos e misteriosos. Talvez por isso a mulher seja considerada como hostil, já que por ser incompreensível sirva de receptáculo para a hostilidade interna do homem, e por isso acabe sendo considerada um tabu. O defloramento da mulher poderia então despertar a hostilidade dela contra o marido, e por isso deve ocorrer de forma ritualística, a fim de impedir que isso ocorra.

Ao discutir o conceito de *Unheimlich*, em texto *O estranho* (1919/2006l), Freud define-o da seguinte maneira “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (1919/2006l, p. 238). O familiar deixa-o de ser a partir de algo novo, e por isso se torna estranho e assustador. Analisando a etimologia da palavra *heimlich* (“familiar” em alemão), a mesma é aproximada gradativamente de seu oposto *unheimlich*. O estranho surge então do conteúdo familiar afastado da consciência, que de alguma forma retorna e causa o pavor.

Durante o texto, são apresentados vários exemplos relativos ao estranho, mas no que tange nossa discussão, cabe comentar apenas o último exemplo por ele citado. Freud afirma que “acontece com frequência que os neuróticos do sexo masculino declaram que sentem haver algo estranho no órgão genital feminino” (1919/2006l, p. 262). A vivência de estranhamento em relação à genitália feminina remete ao caráter assustador que uma mulher pode assumir. França aponta que

Os órgãos femininos são fonte de angústia porque já foram *heimlich* (a vagina e o útero foram geradores de vida), mas agora são *unheimlich* porque podem convidar à fusão, à desdiferenciação, enfim, a morte (2013, p. 110)

O estranhamento do órgão genital feminino também pode ser pensado como uma reação ao temor da possibilidade da hostilidade feminina, conforme discutido anteriormente e, conseqüentemente, uma reação ao temor da castração.

Como último exemplo da mulher castradora, temos o artigo inacabado *A cabeça de Medusa* (1940 [1922]/2006w) onde Freud retoma de maneira direta o temor da castração a partir da passagem mitológica da Medusa. A cabeça da Medusa é comparada com os órgãos sexuais femininos, sendo que a sua visão causa horror e paralisa o menino. A constatação da diferenciação sexual atemoriza na criança de tal maneira que Freud concorda com a associação realizada por Ferenczi (citado por Freud, 1923/2006n) de que visão dos órgãos sexuais femininos seria equivalente ao “símbolo mitológico do horror - a cabeça da Medusa” (p.158).

### *Conclusão*

Em 1932, no artigo *Feminilidade* (1932/2006s) Freud explicita a mudança de entendimento em relação ao desenvolvimento da sexualidade feminina e admite que a construção da concepção do desenvolvimento sexual na teoria psicanalítica tinha privilegiado o sexo masculino, a partir da concepção do monismo fálico, em suas próprias palavras:

Em épocas recentes, começamos a aprender um pouco acerca dessas coisas, graças à circunstância de várias de nossas excelentes colegas de análise terem começado a trabalhar a questão. A discussão desse aspecto adquiriu atração especial, a partir da distinção entre os sexos. Pois essas senhoras, sempre que alguma comparação parecia mostrar-se desfavorável ao seu sexo, conseguiram expressar a

suspeita de que nós, analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era feminino, e que esse fato estava sendo responsável pela parcialidade de nossas pesquisas. (Freud, 1932/2006s p.117)

Birman, em seu livro *Gramáticas do erotismo* (2001) aponta a enorme dificuldade encontrada por Freud para construir sua teorização sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina, e que acabou recebendo a marca das "múltiplas contradições e ambiguidades" (p.17), perceptíveis nos textos aqui citados. Uma prova irrefutável de que as contradições permaneciam foi o fato de que após toda a reconsideração feita por Freud em 1937, em *Análise Terminável e Interminável* (1937/2006t) é retomado o entendimento de que o desenvolvimento feminino sofre mesmo influência da inveja do pênis, demonstrando que a concepção de mulher invejosa ainda permaneceria atuante em suas reflexões.

#### 4 OBSCURIDADES DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO PERVERSO

No presente capítulo, buscamos uma discussão atual sobre a temática já apresentada a partir de um viés psicanalítico e trabalhado em formato de tópicos, estreitando alguns entendimentos e abrindo espaço para a elaboração de algumas conclusões.

Diretamente relacionado ao nosso tema, tanto em relação ao conceito de perversão como também ao fenômeno dos serial killers está o conceito de psicopatia, que, apesar de ser um conceito de difícil manejo, devido as influências e distorções que está sujeito, não deve ser deixado de lado em nossa discussão. A psicopatia pode ser considerada um fenômeno próximo da perversão, sendo muitas vezes usado como sinônimo. Como será demonstrado posteriormente, alguns autores também percebem diferenças na psicopatia em relação a homens e mulheres<sup>33</sup>. Já Huss (2011) aprofunda a diferenciação da psicopatia entre os gêneros, apresentando outras características específicas de cada sexo. Nas palavras dele

O estudo da psicopatia entre as mulheres é importante devido aos achados consistentes de que existem diferenças significativas na prevalência e expressão dos transtornos externalizáveis (abuso de substância, transtorno da personalidade antissocial) e internalizáveis (depressão, ansiedade) entre homens e mulheres (Robins e Regier, 1991). Conseqüentemente, os pesquisadores começaram a examinar a prevalência, manifestações comportamentais e os correlatos clínicos da psicopatia em mulheres e encontraram algumas similaridades, mas também algumas diferenças em relação às suas contrapartes masculinas. (p. 108)

Arrigo e Griffin (2004) apontam em seu artigo uma correlação entre psicopatia e crime, através de uma série de estudos. Apesar de não se apresentar questionamentos acerca da correlação, os trabalhos que baseiam essa conclusão foram realizados com populações masculinas, sendo que para os autores, a associação entre psicopatia e o assassinato perpetrado por mulheres não é clara, já que a falta de estudos na área não permite a generalização dos achados para o público feminino. A psicopatia é vinculada na maior parte dos casos ao comportamento criminoso predatório, mais visível em homens.

Sem dúvida alguma, a grande dificuldade em relação aos possíveis diagnósticos e classificações desses casos se dá pela raridade desses quadros em situações clínicas, pois como descreve Shine (2006), os indivíduos que se incluíam nessas categorias não sentem que precisam de ajuda ou sequer reconhecem um adoecimento, fazendo com que a solicitação de atendimento venha da parte de terceiros. Além do mais, bem sabemos, que mesmo quando frequentam tratamentos psicoterápicos ou psiquiátricos, esses sujeitos raramente se conectam,

---

<sup>33</sup> Alguns autores, como Shine (2006), Nesca, Dalby e Bakersville (1999) e Hare, Hart e Harpur (citado por Torre & Silva, 2006) apontam uma diferença relativa a frequência do aparecimento do quadro, sendo sua prevalência mais frequente nos homens do que nas mulheres.

transferencialmente, com o profissional. Então, ao nos aproximarmos da temática, a primeira necessidade que sentimos é de afastar a nebulosidade entre os conceitos.

A psicopatia, com o significado que concebemos atualmente, pode ser considerada uma terminologia recente, cunhada apenas no século XIX. Sua utilização se deu principalmente pelo saber psiquiátrico, sendo foco de estudos e modificações conceituais por parte de vários psiquiatras do século XIX (Santos, 2013).

Inicialmente, dentro da psiquiatria, a terminologia foi utilizada para descrever qualquer sofrimento mental, ganhando seu sentido moderno em 1891, por Koch, um psiquiatra alemão (Henriques, 2009). Após 50 anos da concepção de Koch, a psicopatia ganha um contorno mais detalhado, com o trabalho de Hervey Cleckley em 1941. Seu livro *The mask of sanity* descreve características ainda hoje entendidas como pertencentes ao transtorno. Atualmente, o termo Psicopatia, dentro do contexto psiquiátrico, foi substituído pelo Transtorno de Personalidade Antissocial, nos manuais de classificação DSM-V e CID-10, e versões anteriores. O transtorno, no DSM-V, é caracterizado por um “padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros, o qual surge na infância ou no início da adolescência e continua na vida adulta”. (American Psychiatric Association, 2014, p. 659).

Apesar da aparente similitude adotada pelos manuais de classificação, entre psicopatia e transtorno de personalidade antissocial, os termos ainda geram discussão. Cleckley (1988) considera psicopatia, sociopatia e transtorno de personalidade antissocial como fenômenos distintos, reforçando sua crença na classificação de psicopatia como um transtorno separado. Arrigo e Shipley, (2001) falam sobre a confusão existente entre os termos, demonstrando que até mesmo a descrição da psicopatia, sua origem e sua condução, varia entre autores.

Como aponta Calheiros (2013), alguns autores consideram que o termo psicopatia está ainda mais relacionado com o crime e a violência do que a personalidade antissocial, podendo a psicopatia ser entendida, por vezes, como uma manifestação extremada do transtorno. Santos (2013) atenta para o fato de que as classificações atuais, presentes nos manuais, possuem um caráter fundamentalmente descritivo acerca do comportamento, em detrimento de uma compreensão do caráter sintomático das manifestações apresentadas.

Atualmente, existe uma discussão sobre onde se localiza, dentro da psicanálise, o conceito de psicopatia. Tal discussão já ocorreu dentro da psiquiatria, com a psicopatia assumindo lugares diversos, até ser definitivamente classificada como um transtorno de personalidade, como aponta Henriques (2009). Segundo Shine (2010, p.57) “o termo psicopatia – e suas variantes – foi tomado de empréstimo do campo da psiquiatria por vários psicanalistas,

reproduzindo, no meio psicanalítico, a mesma difusão de sentidos quanto ao que se queria dizer com tal termo”.

Por se tratar de uma nomenclatura advinda da psiquiatria, é necessária uma análise comparativa entre as características do fenômeno com as organizações psíquicas existentes na teorização psicanalítica. Para isso, inicialmente será feita uma breve revisão sobre o funcionamento dessas organizações.

Dentro da psicanálise é, de certa maneira, um consenso a existência de três organizações psíquicas distintas, propostas por Freud. A neurose, psicose e perversão, correspondem a arranjos psíquicos com características e mecanismos próprios, formando bases para a relação entre a pessoa e o mundo externo.

Nesse momento, descartamos a possibilidade da psicopatia se manifestar como uma possível montagem neurótica, já que a organização psíquica possui um maior contato com a realidade, e conseqüentemente, uma maior submissão a lei. Tais características se mostram, de certa maneira, contrárias às características apresentadas pelo psicopata. Voltaremos nossa atenção então para a psicose e a perversão.

A psicopatia, assim como a perversão, mantém um maior contato com a realidade, não apresentando indícios de delírios. Para Shine (2010), a psicopatia se confunde com a psicose pelos dois termos já terem sido utilizados como categorizações genéricas de doenças mentais diversas, distantes dos seus sentidos atuais. O autor considera que “a psicopatia não entra na categoria das psicoses” (p.15).

Nos aproximamos então do entendimento de que a psicopatia se aproximaria da perversão. Mas faz-se necessário também entender que a perversão e a psicopatia não devem ser tratadas como conceitos sinônimos, apesar de apresentarem aspectos semelhantes e sofrerem influência da moral e do senso comum, deturpando seu estudo e definição. Os dois termos representam saberes distintos, e seu encaixe não é feito com facilidade.

Dentre os autores que propõem essa discussão entre os conceitos, não existe um consenso de onde a psicopatia se encaixaria na teoria psicanalítica. Sua localização varia entre psicose, perversão, um fenômeno a parte das organizações psíquicas (Shine, 2010) ou até mesmo não existindo dentro da teoria psicanalítica como uma categoria nosográfica significativa (Sierra-Rubio, 2014). Ferraz (2014) apresenta uma ideia interessante, da possibilidade de uma perversão ser “psicopática” ou “não psicopática”, considerando o ponto crucial de diferenciação o consentimento apresentado pelo objeto foco da atuação. Se a manifestação da perversão é consentida, e estabelecida uma parceria perversa, essa perversão

não possui traços psicopáticos. Mas se não existe o consentimento da realização do ato, a perversão em questão é “psicopática”.

A partir de uma concepção continuísta dos arranjos psíquicos, adotaremos a concepção descrita por França (2010), considerando que as características comuns encontradas na psicopatia também podem ser encontradas na perversão:

A psicanálise contemporânea considera a perversão uma questão de grau e estilo e nela encaixa todos os traços que acabamos de citar para a psicopatia: a inteligência arguta; a capacidade de sedução; a atuação repetitiva e sem mediação da linguagem; a ausência de emoção, conflito ou culpa; a transgressão tanto da regra moral quanto da social. (p.41)

A partir dessa concepção, possuímos o entendimento de que a perversão pode se organizar de tal forma a apresentar um quadro de psicopatia, sendo esse arranjo o foco de nosso trabalho<sup>34</sup>. No entanto, não consideramos a psicopatia como uma manifestação exclusiva da perversão, podendo também se manifestar na psicose em casos mais extremos, onde a fantasia e a realidade perdem completamente as suas bordas (França, 2010).

Questão que também merece nossa atenção no momento, a fim de diminuirmos as possíveis confusões é a relação entre perversão e perversidade. Devido aos seus significados no senso comum, muitas vezes os termos são tratados como sinônimos, sendo entendidos de forma indissociada. No entanto, conforme foi comentado por Roudinesco (2008), a similitude entre as terminologias não é recente, remetendo à Idade Média. Nessa época, o indivíduo era considerado, entre outras nomenclaturas, como amaldiçoado, criminoso e demoníaco, classificações ainda associadas à perversão e à perversidade. Para a autora, esta associação entre perversão e perversidade existe em nossa sociedade pelo “desvio” ter ocupado o lugar do “mal”, sendo o enfoque patológico utilizado como uma forma de explicar a maldade, a perversão e a perversidade. Esse entendimento nos permite pensar que os dois conceitos apesar de terem possuído um significado próprio, originalmente diverso, acabaram sendo igualados. Em suas palavras:

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente, mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. (p. 11).

Piera Aulagnier-Spairani (1967/2003) comenta a teorização de Henri Ey, afirmando que a definição que ele faz de perversidade dentro da psiquiatria seria, de maneira geral, uma

---

<sup>34</sup> É importante ressaltar que, apesar de relacionadas ao crime, não necessariamente a psicopatia e perversão apresentam comportamentos criminosos, sendo possível a existência de organizações psíquicas perversas sem a presença de delitos.

perversão, uma vez que trabalha o conceito de uma perversidade moral (considerada por ele como sendo não patológica)<sup>35</sup> que envolve a existência da capacidade de escolha do indivíduo.

Eiguer (1999) considera que a perversidade é próxima do que ele denomina de perversão de caráter, onde os desvios apresentados são rígidos e não causam nenhum tipo de mal-estar no portador da perturbação, mas podem causar sentimentos negativos em terceiros. Esse desvio poderia ser considerado então como egosintônico, já que a ideia e o comportamento apresentados são plenamente aceitos pelo indivíduo que os apresenta.

Kernberg (1995) considera que a relação entre as duas concepções existe apenas em casos mais graves da perversão. A perversidade seria uma característica da organização perversa apenas em alguns casos, não podendo ser atribuída a todo caso de perversão.

Em outro trabalho, Kernberg (2006) ainda comenta sobre a contribuição da psicanálise para obscurecer o entendimento dos termos, relacionando-os com suas atuações em síndromes específicas da transferência. Para o autor, em grandes trabalhos de teóricos psicanalíticos, os termos foram utilizados sem se estabelecer uma diferenciação clara entre eles, perpetuando a ausência de limites entre os termos.

Alberti (2005) comenta que apesar da dificuldade de diferenciação na origem dos termos, que deixou margem para a associação indiscriminada entre perversão e perversidade, a literatura científica, a partir do século XIX, estabeleceu um lugar específico para a perversão, distanciando-se do conceito leigo de perversidade. No entanto, apesar dos avanços, ainda ocorrem confusões, pois diagnósticos de perversão são dados devido à presença de atos de perversidade. A autora então explicita que mesmo existindo a proximidade entre os dois, não devemos tratar os conceitos como indissociáveis, pois é preciso estar atento para o fato de que pode existir perversão sem perversidade, e perversidade sem perversão.

Apesar das opiniões se mostrarem diversas, elas não são distantes, sendo possível pensar em um ponto em comum entre elas: tais conceitos não devem ser entendidos levianamente como sinônimos, e nem entendidos como indissociáveis. Ou seja, os dois termos podem apresentar grande semelhança, e até mesmo coexistir em uma mesma definição, mas devem representar fenômenos distintos. Não querendo nos estender por mais tempo em questões auxiliares, realizaremos apenas mais um esclarecimento, agora de maneira breve.

---

<sup>35</sup> Conceituar a perversidade como patológica obscurece, na concepção do autor, a escolha e a voluntariedade do ato.

Apesar da não existência de uma distinção dentro da teoria psicanalítica, cabe clarificar que a busca do trabalho tem como foco a chamada perversão moral, caracterizada por Eiguer (1999) na introdução de seu livro *Pequeno tratado das perversões morais*:

Ao contrário dos perversos sexuais, nos quais o desvio é limitado à esfera sexual, os perversos morais são perturbados em múltiplos aspectos da sua vida psíquica, quer relacional quer afectiva quer mesmo intelectual. Caracterizam-se pela maldade, pela ausência de sentido moral, pela aptidão para as relações sociais – que ajuda à manipulação e mesmo à subordinação dos outros -, pela tendência e facilidade em mascarar as suas intenções, em guardar segredo. Embora pareçam, muitas vezes, frios e calculistas, não estão menos à mercê de tormentos, e é precisamente para se libertarem deles que se entregam a excessos. Portanto, as suas proezas proporcionam-lhes uma intensa satisfação e, por vezes, um sentimento de triunfo que chega a ir até a exaltação e ao júbilo. (p. X)

O autor pontua que tanto a perversão sexual quanto a perversão moral podem se manifestar em uma mesma pessoa, não sendo mutuamente excludentes. Apesar de diferenciá-las a partir dos comportamentos manifestos, fica entendido que as duas manifestações dizem respeito a uma mesma organização psíquica. Perez, Próchno e Paravidini (2009) compactuam dessa visão, afirmando que a perversão pode se manifestar também em um contexto social, e não somente no contexto sexual. Benvenuto (2015) considera que a perversão está ligada à moralidade de cada cultura e época, pois explora a lei vigente para a obtenção de prazer, extrapolando um caráter puramente sexual da perversão.

Em nosso trabalho, a perversão sexual também é trabalhada, já que muitos autores não estabelecem nenhuma separação entre os tipos possíveis de manifestações perversas. A perversão sexual e a perversão moral são, pelo menos dentro das construções teóricas, indissociadas.

Feitas as considerações iniciais e delineamentos pertinentes, retomaremos nosso foco e buscaremos nas ideias de autores pós-freudianos, evoluções no conceito de recusa que nos permitam uma ampliação do arcabouço teórico relativo à perversão, a partir do estudo do conceito da recusa.

#### **4.1 A escuta contemporânea da perversão**

Tentaremos organizar o tópico de maneira a apresentar as ideias de autores pós-freudianos sobre a perversão, principalmente as construções que apresentam uma interpretação diversa da clássica, buscando estabelecer avanços ou outros entendimentos sobre o tema. No entanto, não pretendemos aqui trabalhar de forma exaustiva as concepções dos autores. A proposta do tópico consiste em identificar os pontos teóricos que apresentam conteúdo ou interpretação novos em relação à teorização freudiana clássica. De início, Penot (1992) nos avisa da complexidade da questão a que vamos nos debruçar. Em suas palavras:

Depois de ter percorrido, no primeiro capítulo, toda a obra de Freud, em busca do termo *Verleugnung*, pudemos avaliar como o conceito da recusa da realidade, que lentamente nele foi se constituindo, não chega, no entanto, a se deixar circunscrever facilmente. De fato, esta relativa indeterminação poderia ser resultado da própria enormidade dos problemas que a questão da recusa tende a levantar dentro da teoria psicanalítica (p. 60)

Tendo em mente o alerta de Penot sobre a dificuldade de nossa tarefa, iniciaremos a compilação proposta.

Mannoni, em seu texto “Eu sei, mas mesmo assim” (1973) explicita que o conceito de *Verleugnung* surge realmente em 1927, em função de uma crença existente no fetichismo, e poderia ser entendido como um repúdio à realidade. O autor localiza dentro da obra freudiana a recusa da castração materna como modelo inicial para todas as outras situações de repúdio à realidade, mas conforme nos aponta Cesar (2009), a concepção apresentada por ele apresenta uma ampliação do entendimento presente no texto freudiano de 1927. A clivagem, exemplificada aqui pelas expressões “eu sei” e “mas mesmo assim” está presente na clínica psicanalítica, mas a atuação da *Verleugnung* é disfarçada, e pode ser entendida pelo analista como uma atuação do recalque.

Penot (1992) dedica-se a discussão do conceito de recusa, buscando aprofundar a noção de recusa da realidade, permitindo um estudo sobre o narcisismo e sobre o sistema de pensamento envolvido na recusa. Estabelece uma revisão aprofundada da construção do conceito na obra freudiana. Parte do princípio que para Freud, a recusa necessariamente se refere a uma recusa da realidade, afirmando que as recusas surgem como “tentativas imperfeitas de deslizar o ego da realidade” (p. 27).

O autor afirma que dentre as possíveis traduções, prefere o termo “recusa”, por entender que o processo psíquico correspondente envolve a rejeição sem o conhecimento do que foi rejeitado, sendo recusa o termo que para ele melhor explicita essa relação. Em momento posterior de sua escrita, considera a expressão “não admitir” como uma tradução melhor do que desmentir para o termo *Verleugnen*.

Em sua interpretação da obra freudiana, a atuação do mecanismo não é simplesmente a recusa de algo, mas sim uma “relação de rejeição entre duas partes clivadas do ego, que não se admitem mutuamente” (p. 24). Com isso, afirma posteriormente que a representação desagradável não é apagada, e sim que sua significação é invalidada. Estabelece assim uma oposição entre recusa e recalque, já que no recalque, a ocorre a subtração da representação da consciência. Como afirma mais adiante, a recusa lidaria com a questão no presente, já que os recalques se tornaram ineficientes. Sobre a construção de Penot, Peixeiro (2006) fala

A dimensão de desorganização e cisão do sujeito que a recusa desencadeia faz pensar que algo pode não ter operado consistentemente na constituição narcísica do sujeito. A problemática da recusa

parece ter seus fundamentos em uma dificuldade de dar sentido, que estaria conjugada com o passado anterior a uma história individual, acreditando-se que o não significado adviria daquilo que no discurso parental estava fora do jogo simbólico. (p. 68)

Nesse aspecto, Cesar (2009) pontua que a grande contribuição de Penot foi a de perceber a existência de um momento anterior, levando em consideração a existência de um discurso parental capaz de criar uma realidade herdada pela criança. Esse discurso é capaz de engessar a criança em uma percepção desprovida de experiência.

Ao discutir o papel da recusa na menina dentro da teorização freudiana, Penot nos indica que a recusa atua de “maneira fundamentalmente diferente do menino” (p. 18). Apesar de pontuar essa diferença, o autor não se aprofunda na discussão, não realizando nenhum avanço teórico nesse aspecto.

A construção, durante sua obra, aproxima a recusa do trauma, sugerindo que as representações marcadas pela recusa possuem um caráter traumático. O mecanismo atuaria na “manutenção pura e simples de um estado de não-ligação psíquica, com todo o potencial traumático que isso possa comportar” (p. 32). Essa forma de atuação da recusa rompe a circulação da significância, impedindo a significação da representação. As zonas onde ocorrem a abolição de sentido das representações será terreno propício para o estabelecimento de uma compulsão à repetição, entendida como comportamento traumático. Apesar de sua atuação, o autor considera que a recusa falha na tentativa de reduzir a carga traumática das representações.

Seria pouco dizer que a recusa “fracassa” em reduzir a carga traumática das representações em causa: confere-lhes antes uma virulência tal que as pereniza pelo próprio apagamento das ligações simbólicas. De um lado e de outro da não articulação de sentido, assim instaurada na clivagem do ego, a potencialidade traumática irá se manifestar livremente. (p. 32)

Pelo raciocínio apresentado por Penot, pensamos ser possível de que a recusa atua na simbolização, mas não é capaz de apaziguar o conteúdo traumático e mantê-lo longe da consciência. Essa função seria assumida pela compulsão à repetição. Discutiremos a relação entre recusa, compulsão à repetição e trauma posteriormente nesse capítulo.

As contribuições do psicanalista André Green surgem a partir de seu extenso trabalho teórico, sendo que dos autores trabalhados nesse tópico, Green é o que mais se destaca por suas inovações. Segundo Candi (2010), Green, ao transformar a noção de limite em um conceito, possibilitou uma ampliação teórica da obra freudiana. O limite atuaria como um dos elementos fundantes do aparelho psíquico em sua concepção. Existiriam duas delimitações do aparelho psíquico que permitiriam seu funcionamento de maneira adequada, sendo a primeira entre o mundo interno e o mundo externo, e a segunda entre conteúdos conscientes e conteúdos inconscientes. Quando ocorre uma falha nos limites, o sujeito não mais consegue distinguir de

maneira clara os conceitos de “bom e mau” e de “real e imaginário” (Cesar, 2009). A elevação do limite ao estatuto de conceito vem na tentativa de ampliar o alcance da terapia analítica e do limite do analisável, para lidar com casos fronteirícios.

Além da conceituação do limite no cerne do psiquismo, o trabalho do negativo proposto por Green pode ser entendido como

o conjunto das operações psíquicas em relação às quais o recalque é o protótipo, dando posteriormente origem a variações: A *Verleugnung*, a forclusão, a condenação. (...) o trabalho do negativo não se liga somente ao eu e a seus mecanismos de defesa, mas se estende às demais instâncias do aparelho psíquico – há o não do eu, o não do superego e o não do id. (Cesar, 2009, pp. 177-178)

O negativo possui significados diversos, sendo que em sua obra *O trabalho do negativo*, Green (2010) nos apresenta inicialmente três definições distintas. O primeiro sentido dado ao negativo corresponde a “oposição ativa a um positivo”, sendo que nessa oposição, o que se busca a destruição da outra entidade. O segundo sentido também realiza uma oposição, mas não existe o embate entre as entidades inversas, sendo que as mesmas podem inverter de posição. O terceiro sentido do negativo diz respeito a um estado de existência imperceptível aos sentidos, remetendo à noção de *ausência e latência*.

Após breve explicação sobre os sentidos apresentados, introduz um quarto item, onde o negativo possui valor de “nada”, remetendo ao “tendo sido o que não é mais” ou “não tendo jamais chegado à existência”.

Garcia (2007), demonstrando a complexidade das definições, afirma que “a expressão trabalho do negativo, em psicanálise, articula essas várias acepções e se refere a manifestações tão diversas quanto o recalque, a forclusão, a alucinação negativa e a negação” (p.127).

O que André Green propõe não é apenas uma atualização nos mecanismos de defesa, mas sim uma reestruturação do aparelho psíquico através do duplo-limite e do trabalho do negativo.

Bass (2000) propõe uma revisão da teoria freudiana a partir de uma abordagem desconstrutivista. Ao analisar o texto freudiano do fetichismo, o autor sugere uma inconsistência na argumentação freudiana, que inviabilizaria sua generalização. Propõe uma extensão da teoria freudiana, ao produzir uma teoria onde tem como defesa fundamental a recusa da diferença. Considera que Freud em seus últimos trabalhos já havia iniciado um movimento similar, afirmando que

Assim que a patologia de certas organizações de realidade puderam ser demonstradas como sendo uma operação defensiva, pode-se começar a formular outras visões de realidade, mente e tratamento. Freud, na verdade, começou a considerar essa questão no final de sua vida. Permanece em

grande parte desvalorizado que em alguns de seus últimos textos ele começou a repensar a centralidade da repressão em favor de uma teoria baseada na recusa e cisão.<sup>36</sup> (p. 7)

Bass trabalha a ideia de vários autores durante sua construção teórica, e, ao falar sobre o que chama de “pacientes concretos”, que possuem, em certos momentos, dificuldade de diferenciação entre mundo externo e mundo interno, chama a atenção para o lugar onde se localiza o fetiche. Seguindo as ideias de Renik, afirma que o fetiche seria uma forma intermediária de pensamento localizada entre a neurose e a psicose. Essa forma permitiria um grau incomum de convicção sobre uma ideia tranquilizadora. Bass considera o fetiche sendo uma manifestação dessa concretude, sendo a recusa a defesa responsável.

O autor chama a atenção para o que considera como uma inconsistência na construção freudiana. Se a recusa atua criando uma cisão do ego, onde uma parte nega e outra reconhece a realidade, no fetiche o que ocorre é uma oscilação entre duas fantasias, e não entre uma fantasia e a realidade, já que as posições adotadas são relativas a castração e não-castração, duas posições fantasísticas. A diferenciação sexual é entendida na construção freudiana a partir da fantasia do monismo fálico, e dela deriva a fantasia de castração. Por se tratar de duas fantasias, aponta que se baseia no entendimento de que o fetiche não depende de uma percepção consciente, mas sim de um registro inconsciente e da recusa da diferença, entendimento que considera como o fundamento de sua teorização.

A recusa da diferença e a clivagem são consideradas como fundamentos de toda a defesa, suplantando o lugar originalmente delegado à repressão. Tal entendimento descola os mecanismos do modelo fetichista freudiano, permitindo sua atuação em qualquer organização psíquica.

Green (1991) aponta para a existência de uma dupla diferença contida no complexo de Édipo, onde além da diferença anatômica, é pontuada a diferença entre as gerações. Se no Édipo ocorre uma dupla diferenciação, a recusa atua duplamente, negando essas duas facetas. A menção à questão geracional existente no Édipo, nos remete a obra de Flávio Ferraz, mais especificamente seu trabalho *A recusa do tempo* (2005). Nesse artigo, o autor retoma a obra de Freud, pontuando uma mudança significativa na obra freudiana em relação a recusa. Conforme já mencionado por Bass, Ferraz também percebe que o próprio Freud estabelece uma ampliação do conceito de recusa, ao transforma-la de uma recusa da castração, para uma recusa da realidade. O mecanismo atuaria frente a uma percepção traumatizante, e não só frente ao trauma

---

<sup>36</sup> Tradução nossa: Once the pathology of certain reality organizations can be shown to be a defensive operation, one can begin to formulate other views of reality, mind and treatment. Freud actually started to consider this question at the end of his life. It remains mostly unappreciated that in some of his very late texts he began to rethink the centrality of repression in favor of a theory based on disavowal and splitting.

da castração. Sendo assim, se trataria de um mecanismo anterior ao surgimento da trama edípica.

Não podemos circunscrever a recusa ao fenômeno da castração fálica, mas temos de admitir que se trata de um mecanismo defensivo precoce, do qual a criança lança mão já nos tempos que precedem o conflito edípico tal como descrito por Freud. Nestes momentos, encontra-se em funcionamento uma recusa estrutural (Ferraz, 2005, p. 14)

A recusa presente no perverso também atuaria de maneira a recusar a passagem do tempo, sua falibilidade e por fim, recusar a possibilidade da morte.

A não-evolução da organização libidinal, tal como já propunha Freud, é fundamentalmente, então, uma exclusão da temporalidade. A fixação em um certo comportamento e a sua repetição sem fim são, deste modo, expressão desta exclusão. (p.20)

Figueiredo (2008) discute o conceito de *Verleugnung* a partir do estudo sobre o trauma e casos limítrofes. O autor aponta que o mecanismo pode ter uma incidência e atuação muito mais amplo do que formulado originalmente na teoria freudiana.

Considera que o mecanismo de defesa atua impedindo a significação de uma determinada experiência, e não a experiência em si. Por esse motivo, o autor prefere utilizar o termo “desautorização” como tradução para *Verleugnung*, já que o termo “recusa” sugere, em sua opinião, ignorar a experiência traumática, enquanto, em sua opinião, “desautorização da percepção” é o termo que mais destaca “a interrupção de um processo pela eliminação da eficácia transitiva de um dos seus elos” (p.59). Em suas palavras

A realidade do acontecimento traumático não é, assim, totalmente ignorada, o que poderia ser sugerido pelo termo “recusa”: o que se passa é que ela não recebe a autorização para se transformar em experiência em um campo subjetivo relativamente unificado e ramificado, aberto as metabolizações, metaforizações e disseminações. Nessa medida, o episódio traumatizante desautorizado não impõe uma transformação radical no conjunto da experiência (que tende a permanecer intacto), mas passa a existir em uma área separada, paralela e incomunicável, ele também intacto e inacessível (p.19-20)

Figueiredo retoma o texto de Mannoni explicitando que a experiência não é desmentida (“Eu sei”), mas que esse saber é privado de sua consequência, preservando a posição subjetiva (“mas, mesmo assim”).

O conteúdo desautorizado é destituído de significância e não de significado. A cena não perde seu significado, ela é impedida de gerar certas conclusões ou de reativar lembranças, ou seja, a desautorização não impede a retenção da cena, e sim a elaboração posterior, a capacidade de ser metaforizada. Peixeiro (2006) entende a construção de Figueiredo “como se a percepção não deixasse de conservar sua figurabilidade, mas ela ficaria enquistada, sem permitir ligação, o que justamente a atribuiria de sentido” (p. 69) Figueiredo considera que tal percepção desautorizada possui um grande potencial traumático, fazendo um paralelo de suas conclusões com o fetiche na teoria freudiana. “Trata-se de uma percepção alucinada como forma de

estancar o processo perceptivo, obturar as faltas e oferecer ao observador uma experiência de completude, totalidade e auto-suficiência.” (p.69)

A percepção desautorizada ganha uma roupagem de “ultrapositiva”, tamponando a falta com a fixação da atenção, que impede a formação de uma corrente de significantes. O processo atua como defesa ante a percepção traumática. Figueiredo retoma o entendimento de Bass ao afirmar que, a *Verleugnung* atua contra os “processos de diferenciação” e contra o traumático, não sendo um mecanismo exclusivo de nenhuma organização psíquica, reforçando a ampliação do entendimento original de Freud, que considerava sua existência no fetiche e na psicose.

Dos autores apresentados até o momento, é possível perceber que as interpretações partem de um entendimento em comum. Para todos os autores, o modelo fetichista pode ser entendido como limitante, já que a atuação dos mecanismos é, segundo o entendimento deles, muito mais ampla. A *Verleugnung* e a clivagem do ego atuam desde vivências ansiogênicas ou traumáticas até como base para as defesas do aparelho psíquico. O que todos os autores concordam é que os mecanismos possuem uma área de atuação consideravelmente maior do que a interpretação clássica, que mantinha uma ligação exclusiva ao fetiche, como muitas vezes se interpreta a obra freudiana. Essa ampliação de atuação nos permite o entendimento de que, apesar da vivência traumática ter sido representada na obra freudiana pelo temor da castração, a recusa se dá em relação a qualquer vivência traumática, podendo ocorrer anteriormente ao conflito edípico. Essa percepção nos permite descolar a recusa e a clivagem da questão anatômica, e entender seu funcionamento de maneira muito mais ampla.

Outros autores que lidam com a perversão apresentando também avanços teóricos, inclusive mais relacionados ao nosso tema do que os apresentados até o momento, como Chasseguet-Smirgel e Stoller, serão discutidos no último tópico do capítulo.

## **4.2 O enigmático impulso compulsivo**

Outro conceito psicanalítico a ser trabalhado é a compulsão à repetição. Sua importância na pesquisa reside na constatação da necessidade de repetição do ato presente nos perversos, assim como a presença de comportamentos ritualísticos nos serial killers, indicando a existência de uma necessidade de repetição de seus atos. Apesar do conceito, dentro da psicanálise clássica, naturalmente nos remeter à organização neurótica, acreditamos em sua existência também na perversão.

A teorização freudiana a respeito da compulsão à repetição tem como meta a obtenção de prazer ou alívio, mesmo que a repetição em si seja percebida como desprazerosa. Freud

(1914/2010a) considera que é possível que algo reprimido reapareça não como lembrança, mas como ato. “Quanto maior a resistência, tanto mais o recordar será substituído pelo atuar (repetir).” (p.201). Ao considerarmos que a perversão funda seu caminho a partir da vivência de uma experiência traumatizante, é possível pensar na repetição presente na perversão como uma forma de substituição da lembrança do trauma pela atuação. Isso também nos ajudaria a entender, junto com a ausência do perverso no processo analítico, a dificuldade, para não dizer impossibilidade, em se elaborar o ritual presente nas perversões.

Em seu texto *Os criminosos por sentimento de culpa* (1916/2010b), Freud diz “tais ações [crimes] foram realizadas sobretudo porque eram proibidas e porque sua execução se ligava a um alívio psíquico para o malfeitor” (p.284). Freud se refere nesse momento aos criminosos que possuíam uma culpa anterior ao crime, e que suas formulações sobre o tema não deveriam incluir os criminosos que não experimentavam culpa pelos seus atos, fato que ocorre na perversão. Mas ao pensarmos na necessidade da realização de um ato proibido e no alívio mental como os fatores que levam ao crime, as concepções se assemelham.

Kaplan (1991) considera que o perverso não tem outra escolha a não ser realizar seu ritual. Esse ritual gasta uma quantidade considerável de energia e tempo, e que ele é uma maneira de se combater a ansiedade, as emoções e afetos esmagadores originados da infância. A autora considera que a perversão envolve algo muito maior do que somente o sexual. Ela considera como uma encenação que envolvem dois fatores, a condução em segredo tem a finalidade de proteger o perverso da vergonha e o caráter desafiador e transgressor busca afastar os sentimentos assustadores. Tais teorizações nos permitem pensar na possibilidade de que a atuação perversa busca de certa maneira um alívio mental.

Retomando a fala de Penot (1992) apresentada no tópico anterior, o perverso poderia ser acometido da compulsão à repetição, já que, ao se recusar uma percepção tida como traumática, a ausência de significação da representação se manifesta “como local de predileção da compulsão à repetição, que assumirá, espontaneamente, o caráter “demoníaco” (p.32). Podemos entender que para o autor, a atuação da recusa sobre o conteúdo traumático propiciaria o surgimento de uma compulsão à repetição. Apesar de não se ter essa indicação no texto, podemos supor que, como mencionado por Freud e Kaplan, a compulsão surgiria como uma forma de manter essa representação inconsciente.

Podemos nesse momento nos aproximar do que Winnicott (1956) chama de “Tendência anti-social”, uma defesa em reação a uma privação sofrida pela criança, possuindo duas direções possíveis segundo o autor, o roubo e a destrutividade. Essa privação possui um caráter

traumático, e a tendência anti-social necessariamente aparece como resposta ao que foi privado. “A tendência anti-social resulta sempre de uma privação e representa a reivindicação da criança para retornar ao estado de coisas existente quando tudo estava bem. ” (Winnicott, 1963, p.277)

Para o autor, a tendência anti-social deve ser entendida como uma expressão de esperança, como uma tentativa de se recuperar o que se foi privado. A compreensão de que essa defesa se manifesta como uma forma de esperança é fundamental para a realização de um tratamento, que visa a correção da falha ambiental que originou a privação. Quando essa tentativa de correção falha, Winnicott sugere “Caso todas essas medidas fracassem, o jovem adulto será considerado um psicopata (...). Pode ter-se estabelecido uma tendência para repetir crimes, para o que se usa o termo reincidência” (1956, p.139).

Ferraz (2006) também comenta a teorização de Winnicott, e sugere que com a consolidação de ganhos secundários do comportamento anti-social o prognóstico se torna desfavorável, e que por esse motivo Winnicott não acredita em uma modificação do quadro do psicopata.

Essa tendência para repetir crimes, citada por Winnicott, pode ser entendida como uma manifestação da compulsão a repetição, proposta por Freud. É possível observar que essa característica está presente nos *serial killers*, já que muitos dos casos apresentam a necessidade de um comportamento ritualizado para o cometimento dos crimes.

Ainda sobre a relação da compulsão à repetição com o trauma, podemos citar a concepção proposta por Roussillon (1999). O autor apresenta um modelo que considera complementar à teorização freudiana ao descrever um mecanismo de defesa que denominou como traumatismo primário. Esse mecanismo se divide em três tempos distintos, sendo o primeiro a invasão do psiquismo infantil por uma quantidade de excitação superior ao que ela consegue suportar, o segundo uma falha ambiental em apaziguar a angústia da criança e no terceiro tempo, a partir da frustração e ódio o trauma propriamente dito é instaurado. Esse traumatismo gera uma clivagem do ego, na tentativa de um afastamento da experiência traumática. Esse trauma então é revivido através de uma atuação compulsiva, agindo como uma forma de defesa.

Bonnet (2008, citado por Belo & Bacelete 2012) considera que na perversão, ocorre uma “internalização de objetos perseguidores, que excitam e atacam o ego do sujeito, levando-o a responder a estas sensações através da violência” (p. 521). Essa violência apresentada como resposta, permite que o sofrimento provocado o remeta a suas angústias. Isso se torna possível através do mecanismo denominado identificação projetiva, cunhado por Melanie Klein. Os

afetos presentes no perverso são então projetados no objeto dominado, e permite uma tentativa de controle desses afetos por parte do mesmo.

Cabe pontuar que Stoller (1975/1986) não considera necessária a utilização de um conceito como a compulsão à repetição para explicar a repetição na perversão. Em suas palavras o autor afirma

Nós não precisamos de um construto obscuro como ‘compulsão à repetição’ para explicar a repetição; na perversão, se repete porque repetir agora significa que se escapará de um velho trauma, e porque vingança e orgasmo merecem repetição. Essas são razões suficientes<sup>37</sup>. (p.7)

Devemos admitir que a visão do autor é interessante e inovadora, e compartilhamos do entendimento de que a repetição irá prevenir o reaparecimento do conteúdo traumático, mas percebemos esse ato como algo compulsivo, do qual o perverso não tem realmente escolha. De certa maneira, existiria um sofrimento que se alivia com a repetição do ato.

### **4.3 Perversão: montagem ou estrutura**

O estudo da perversão não encontra consenso entre as correntes psicanalíticas no que diz respeito à sua concepção teórica e ao seu manejo clínico. Conforme Netto (1999), o conceito pode ser considerado um dos mais complexos dentro da teoria psicanalítica, sendo sua definição uma das mais difíceis. Aliado a isso, questões moralistas obscureceram, durante muito tempo, a produção científica sobre o tema. O termo perversão, ainda hoje, denota algo pejorativo, estando arraigado em seu sentido popular algo semelhante à depravação e à maldade. “Apesar dos grandes avanços quanto a tolerância no âmbito das ciências psicológicas, não nos devemos iludir imaginando que a humanidade evoluiu tanto assim em sua tolerância quanto aos crimes e perversões sexuais” (Sellers, 2000, p. viii)

Conforme já mencionado no capítulo anterior, apesar de seu aparecimento desde os primórdios da teorização psicanalítica, o termo perversão só ganhou contornos claros com o texto *O Fetichismo*, de 1927. É nessa fase da teorização freudiana que o termo ganha destaque e complexidade dentro da teoria. O fetichismo surge como modelo possível de abarcar e delinear as manifestações de cunho perverso.

Cabe nesta etapa de nosso raciocínio buscar um maior esclarecimento sobre uma questão recorrente nas pesquisas psicanalíticas atuais: seria a perversão uma organização psíquica plena, assim como a neurose e a psicose, ou sua manifestação se daria apenas por ‘montagens’, sendo apenas um dos muitos componentes das organizações neuróticas e

---

<sup>37</sup> Tradução nossa: We do not need a steamy construct like ‘repetition compulsion’ to explain the repeating; in perversion, one repeats because repeating now means that one will escape the old trauma and because revenge and orgasm deserve repeating. Those are reason enough.

psicóticas. Perez, Próchno e Paravidini (2009) diferenciam os conceitos de estrutura e montagem, caracterizando-os como

Por estrutura podemos entender um conjunto de um sistema de elementos que obedecem a leis internas de funcionamento de modo que se um dos elementos se mover, a lógica que regula o conjunto também modifica os demais elementos da estrutura. Por outro lado, montagem seria a reunião de partes de modo que possam funcionar e cumprir um fim utilitário. (p.188)

Essa especificação nos ajuda a entender a estrutura como algo muito mais complexo, onde os elementos que a compõem se influenciam mutuamente, e a montagem como algo mais fluido e pontual, influenciando apenas a parte atuante em sua composição. “Nesse sentido, a perversão ganha estatuto de estrutura, posto que aparece como um modo de solução específico do desejo” (Perez, Próchno e Paravidini, 2009, p. 194)

Apesar da construção freudiana, e do entendimento de alguns autores de que Freud já considerava a perversão uma estrutura, Netto (1999) entende que somente com a teorização lacaniana a perversão alcança o status de estrutura, como a neurose e psicose. Segundo Pires et al (2004), as partes de uma estrutura são influenciadas por uma lei geral que rege o conjunto. “Cada elemento depende dos outros e só pode ser o que é *na e pela* sua relação com eles.” (p.44)

O conceito de montagem perversa é entendido por Pires et al (2004), seguindo o raciocínio de Calligaris e Piera Aulagnier, como algo que ocorre em uma relação entre neuróticos ou entre neuróticos e perversos. Essa concepção se afasta do conceito de montagem utilizado por outros autores, já que diz respeito a uma forma de funcionamento entre duas pessoas e não uma montagem psíquica.

Ferraz (2011), assim como outros autores (Oliveira, 2008, Perez, Próchno & Paravidini, 2009, Santos, 2013), ainda considera que uma montagem perversa pode corresponder a uma defesa contra a psicose.

Uma montagem sintomática perversa pode aparecer com a finalidade de estancar o desenvolvimento de uma angústia psicótica, como que colmatando uma falta que, de outro modo, torna-se escancarada quando se submerge na desorganização e na fragmentação do ego na psicose. (p. 42)

Apesar da discussão proposta por alguns autores citados anteriormente, entendemos ser, de certa maneira, um consenso de que a perversão pode se manifestar de forma mais pontual, como montagem, ou de forma mais complexa, como estrutura ou organização, sendo contraproducente pensar na perversão somente como estrutura ou somente como montagem. Como explicitado anteriormente, a perversão possui vasta capacidade de organização e manifestação, podendo aparecer tanto no contexto clínico como fora dele, de maneira pontual e utilitária, ou de maneira mais complexa, organizando o psiquismo.

Atualmente não concebemos ser possível estabelecer um único e fechado grupo de características para representar todas as possíveis manifestações de qualquer uma das organizações psíquicas. Podemos observar a existência de inúmeras manifestações que seriam consideradas como perversões, sendo essa característica verdadeira para as neuroses e psicoses também. Kernberg diz que

Tanto na literatura psicanalítica inglesa como francesa, se acha o termo estrutura perversa, que implica em uma organização única e particular de personalidade, ou uma constelação de características de perversão que, como vimos, não faz justiça ao amplo espectro de organizações de personalidade em que a perversão aparece<sup>38</sup> (2006, p. 27)

As organizações ultrapassam o conceito de estruturas fechadas, permitindo que características de uma organização esteja presente em outra. Preferimos a utilização do termo organização em vez de estrutura por entendermos que o segundo termo denota o entendimento de algo mais cristalizado e imutável do que o primeiro, que permite diferentes configurações dentro do mesmo conceito. Tal concepção pode por um lado dificultar a elaboração de um diagnóstico, mas, por outro lado, nos permite uma compreensão mais aprofundada do aparelho psíquico a ser estudado ou trabalhado, já que permite entender o psiquismo como possuidor de um amplo espectro de possibilidades de organização.

O surgimento de um maior interesse acerca das perversões, mobilizou uma compreensão que fez com que a perversão perdesse força como organização psíquica e ganhasse status de defesa ante o esfacelamento da psicose.

Em seu texto *O Fetichismo* (1927/2006p), Freud já demonstra o caráter defensivo que o estabelecimento de um fetiche pode assumir. Ao surgir como uma reação ao temor da castração, o fetiche atua, a partir da recusa, impedindo que o aparelho psíquico seja invadido por algo insuportável, capaz de esfacela-lo. Assim, a clivagem será um recurso para impedir o aniquilamento do Eu.

Como nos fala Ferraz (2011), Freud, desde 1923, iniciou a construção da concepção do caráter defensivo que a perversão pode assumir, “particularmente contra a angústia, a depressão e a fragmentação psicóticas.” (p.42). Para Ferraz é possível estabelecer o entendimento de que a perversão é, de certa maneira, hierarquicamente superior à psicose, ao que diz respeito à organização do ego.

Perez, Próchno e Paravidini (2009) explicitam que a relação entre ego e realidade é prejudicada em quadros patológicos. Os autores observam a ocorrência desse distanciamento

---

<sup>38</sup> Tradução nossa: “in both British and French psychoanalytic literature one finds the term perverse structure, that implies a particular and unique personality organization or psychodynamic constellation characteristic of perversion that, as we have seen, does not do justice to the broad spectrum of personality organizations in which perversion appears”.

tanto na psicose quanto no fetichismo. A diferenciação feita pelos autores surge do entendimento de que na psicose ocorre um desligamento completo da realidade, enquanto no fetichismo esse desligamento nunca é completo. Em seu artigo, um dos casos trabalhados apresenta a montagem perversa como defesa ante a psicose, com o aparecimento do delírio quando as atuações perdiam força. A montagem atuaria como uma defesa contra a angústia e a fragmentação.

Os dois trabalhos citados demonstram uma diferenciação entre perversão e psicose, e não consideram que a perversão exista apenas como uma manifestação da defesa contra uma ruptura egóica. As duas organizações se manifestam de modo diferente e possuem ligações distintas com a realidade.

Os autores falam da montagem perversa atuando como defesa, onde a repetição da atuação age com a finalidade de afastar os sintomas psicóticos. Em uma linha de pensamento semelhante, Ferraz (2011) fala sobre o papel do acting-out, repetido compulsivamente para manter o equilíbrio. Kaplan (1991) afirma que “a perversão é realizada por alguém que não tem outra escolha, uma pessoa que de outra maneira seria tomada por ansiedades, depressão ou psicose.” (p.10)<sup>39</sup>. Tal pensamento corrobora com a afirmação feita por Ferraz, citada anteriormente.

A partir das concepções apresentadas é possível entender de maneira clara o caráter defensivo que possui a perversão. A construção da organização psíquica que eventualmente levaria ao estabelecimento de uma psicose é refreada, estabelecendo uma perversão.

Cabe pensar que, apesar de existirem casos onde o impedimento da atuação permite o aparecimento de sintomas correspondentes a um quadro de psicose, a complexidade existente em uma perversão não nos permite classifica-la apenas como defesa, pelo menos não em todos os casos. Pensamos que os casos onde ocorre o aparecimento de sintomas psicóticos poderiam corresponder a uma organização psicótica com uma montagem perversa atuando como defesa, permanecendo o entendimento de que a perversão é também uma organização psíquica.

#### **4.4 A difícil demarcação entre o diagnóstico de perversão e de psicose**

Apesar de termos estabelecido como foco teórico a organização perversa, por suspeitarmos de sua maior relação com o fenômeno das *serial killers*, não podemos nos furtar

---

<sup>39</sup> Tradução nossa: “A perversion is performed by a person who has no other choices, a person who would otherwise be overwhelmed by anxieties or depression or psychosis”

a reservar um espaço em nossa discussão para a trabalharmos uma questão que invariavelmente afeta nosso objeto de estudo, a difícil demarcação de fronteiras entre a perversão e psicose.

Em sua obra, Freud não estabelece uma diferenciação clara entre *Verleugnung* e *Verwerfung*, sendo que sua diferenciação se deu somente com a teorização lacaniana, que substituiu o termo rejeição, relativo à psicose, por forclusão (Ferraz, 2011).

Cabe buscar meios para realizar uma diferenciação entre as organizações psíquicas e seus mecanismos. Um mecanismo presente nas duas organizações é a clivagem do ego, sendo interessante observar suas características em cada organização. Chasseguet-Smirgel (1991) explicita que a característica fundamental que diferencia a clivagem perversa da clivagem psicótica é a existência simultânea das atitudes paradoxais frente à castração. A clivagem na psicose possui uma atuação mais ampla do que na perversão, distanciando o sujeito da realidade. Sequeira (2009), considera que

a diferença entre perversão e psicose está nos conflitos e contradições decorrentes da castração. O psicótico tende a substituir a realidade, enfatizando a negação da castração; já o perverso unifica, simultaneamente, a negação da castração e seu reconhecimento através do fetiche ou outros substitutos. (p.223)

É possível pensar então, a partir de uma visão continuísta das organizações psíquicas, que o perverso possui um maior contato com a realidade do que o psicótico. A psicose então, poderia ser considerada um modo de funcionamento mais primitivo, como afirma Ferraz (2011)

o estado psicótico seria ontogeneticamente mais regredido do que o estado perverso, tanto no plano do estabelecimento da objetividade como da objetividade. A precariedade da objetividade psicótica evoluiria, na perversão, para a aquisição de um objeto com características transicionais, mas ainda não independente do eu. (p.46)

É ainda Ferraz (2005) que nos chama a atenção para o fato de que na construção freudiana, a recusa aparece ligada tanto a psicose quanto a perversão.

O conceito de *recusa*, portanto, surge em Freud atrelado à ideia específica de recusa da castração, mas vai ganhando outros contornos, especialmente quando referida à psicose. Se no fetichismo – modelo teórico prototípico da perversão em geral – é a castração o objeto precípua da recusa, na psicose ele se amplia em direção à realidade *lato sensu*. A recusa comporta, portanto, vários objetos, o que lhe confere faces variadas que, todavia, não lhe retiram a unidade conceitual. (p.15)

A partir das concepções apresentadas, localizamos a psicose como a organização psíquica que mais se afasta do contato com a realidade, permitindo assim a existência das alucinações. A perversão se encontra mais ligada à realidade, mas sua atuação se dá de maneira subordinada às fantasias que a permeiam.

Cabe mencionar que, de maneira geral, os autores trabalhados nos avanços teóricos da teoria da perversão o fizeram a partir do atendimento e estudo dos chamados casos-limites, ou *borderline*. Tais casos geralmente são localizados na fronteira entre a neurose e a psicose, e os estudos relacionados a eles poderiam nos dar pistas de como melhor definir a borda entre as

organizações psíquicas. Vamos então voltar nossa atenção para a teorização envolvendo o conceito de borderline.

Para discutir o Transtorno de Personalidade Borderline, iremos nos nortear pela obra de Mauro Hegenberg, *Borderline* (2013) onde o autor nos apresenta de maneira ampla o conceito de borderline.

Como nos fala Hegenberg (2013, p.21) “nomear simplesmente ‘borderline’, supondo-se falar do mesmo quadro clínico, é arriscar-se à confusão”, pois os entendimentos em relação ao termo são variados, sendo necessário entender como o conceito está sendo utilizado dentro da teoria. Assim como o conceito de psicopatia, o borderline não se encaixa em nenhuma organização psíquica de maneira a permitir um consenso sobre sua correspondência dentro da teoria psicanalítica, sendo muitas vezes considerado como um quadro clínico a parte, com características próprias.

Para o autor, o diagnóstico se diferencia do antissocial por reconhecer seus erros e angustiar-se com eles, características ausentes no antissocial, que sempre busca um responsável para seus erros e fracassos. Mas o borderline apresenta algumas características em comum, reforçando a proximidade entre as duas enfermidades. Ambas possuem traços acentuados de narcisismo e falta de empatia, mas as causas dessas características se mostram diferentes. Hegenberg cita que a dificuldade do borderline em perceber as necessidades do outro ocorre por uma incapacidade de lidar com o que vem do outro, já que suas energias estão voltadas para a manutenção de sua estrutura egóica fragilizada. O investimento libidinal maciço em seu próprio Ego gera o narcisismo e a falta de empatia, sendo a impulsividade outra característica em comum com a perversão. O perverso apresenta dificuldade em conter seu desejo, pelo mesmo possuir valor de lei. Já o borderline tem dificuldade de controle de impulsos por experiência, a todo momento, o sentimento de vazio e desesperança. A impulsividade surge na busca de emoções capazes de suplantar os sentimentos de vazio e falta de realizações. Se manifesta geralmente com a apresentação de comportamentos de risco, como drogadicção, vício em jogos e comportamentos imprudentes. A impulsividade também pode se manifestar pelo consumo compulsivo de comida, álcool ou outra substância. O preenchimento conquistado por esses comportamentos é tênue, obrigando o sujeito a buscar novamente a emoção ou sentimento vivenciado na situação.

A agressividade é outra característica presente no borderline que superficialmente o aproximaria do antissocial e até da perversão. Mas necessário observar mais cuidadosamente, já que a agressividade apresentada pelo borderline muitas vezes se assemelha mais à passagem

ao ato da psicose do que a atuação perversa. A baixa tolerância a frustração e a agressividade que a acompanha são consequências da fragilidade das funções egóicas, incapazes de apresentar outras soluções para a situação vivenciada. Cabe ressaltar que essa agressividade, em uma boa parte dos casos, se manifesta na forma de uma autoagressividade e automutilação.

Não raro percebemos na clínica casos de pacientes diagnosticados como portadores do Transtorno de Personalidade Borderline que apresentam comportamentos de automutilação, manifestado por um comportamento compulsivo de cortes na pele. O comportamento geralmente ocorre em momentos de maior angústia, podendo ser entendido como uma forma de percepção dos limites corporais. Essa percepção atuaria contra o sentimento de iminente esfacelamento egóico. O suicídio também aparece como manifestação da agressividade aliada com a impulsividade e o constante sentimento de vazio, elevando consideravelmente o risco de suicídio entre pacientes borderline, em relação à população em geral.

Já para Kernberg (1995), a organização borderline se mostra muito mais ampla, abrangendo outros transtornos de personalidade, incluindo o transtorno de personalidade antissocial. O autor fala que “condições borderline devem ser diferenciadas, de um lado, das neuroses e patologia de caráter neurótico e, de outro, das psicoses, em particular da esquizofrenia e dos transtornos afetivos maiores” (p.5). Essa localização do borderline, tendo de um lado a neurose, e de outro a psicose, nos faz pensar na localização da perversão nas organizações psíquicas. O que o autor nos indica, inicialmente nos permite pensar que borderline e perversão ocupam lugares semelhantes, entre a neurose e a psicose. O autor suprime a organização perversa de seu trabalho, e propõe a existência de uma organização borderline no lugar. Essa elevação do borderline à organização psíquica nos ajuda a entender a complexidade e amplitude que o autor considera existir no fenômeno borderline.

Kernberg estrutura seu conceito de *organização borderline da personalidade* a partir de três critérios, sendo eles “difusão da personalidade, nível de operações defensivas e capacidade de teste da realidade” (Hegenberg, 2013, p.46). O primeiro critério corresponde a desorganização do *self*, sua falta de integração. No segundo critério, o autor avalia o primitivismo dos mecanismos defensivos utilizados, entendendo que as defesas se baseiam no mecanismo da clivagem. Por último, o teste da realidade corresponde à capacidade de separação entre *self* e mundo externo. Essa capacidade estaria preservada em um paciente borderline, o que o diferenciaria de um paciente psicótico.

Kernberg (1995) considera que borderline e psicose compartilham do mesmo mecanismo defensivo. “as estruturas borderline e psicótica são encontradas em pacientes que

mostram predominância de operações defensivas primitivas centradas no mecanismo de cisão [splitting]” (p.7). Em outro aspecto, do teste da realidade, o autor aproxima dessa vez o borderline ao neurótico, apontando que na psicose esse teste é consideravelmente menor. Hegenberg concorda com a diferenciação entre borderline e psicose, sendo que no primeiro as fronteiras do ego se mantem, o que não ocorre no segundo.

Lebrun (2015) parte de outra visão e considera que os borderlines correspondem ao que ele classifica como “perversão ordinária”, que não corresponde ao conceito de uma perversão clássica, mas sim a uma estrutura de “aspecto perverso”. O perverso ordinário se diferencia do perverso clássico por não possuir de fato uma estrutura, sendo a negação utilizada como forma de se evitar a responsabilidade de sujeito. Seria, segundo o autor, uma “neurose<sup>40</sup> de caráter perverso” (p. 40)

Penot também encontra uma aproximação com as neuroses, e afirma que “Atualmente, podemos observar, em muitos sujeitos ditos borderlines, nos quais a recusa da realidade se manifesta através de vivências funcionais bastante semelhantes às das neuroses traumática, das quais Freud se ocupava em 1920” (Penot, 1992, p. 31)

Eiguer (1999), assim como Kernberg, localiza os “estados-limite” entre a neurose e a psicose, aparentemente apresentando então uma semelhança importante com o conceito de perversão segundo nosso entendimento, sua localização. Entretanto, o autor não deixa claro qual os critérios classificatórios que permitiria esse posicionamento. Caso consideremos que o critério adotado seja o do princípio da realidade, já que, como mencionado acima, é esperado que o borderline tenha mais contato com a realidade do que o psicótico, mas pela fragilidade do seu ego, esse contato é menor do que o contato de um neurótico, permanecendo entre as duas organizações psíquicas. Apesar dessa percepção, pelas opiniões apresentadas até o momento, não é possível estabelecer nenhuma opinião mais concreta de qual o lugar do borderline dentro da psicanálise. Conforme citado anteriormente, a vastidão de significados do termo não nos permite um estudo mais aprofundado, já que diferentes autores entendem o fenômeno de diferentes maneiras. Cabe pontuar que os autores estudados, ao trabalhar os limites e bordas das organizações psíquicas, focam suas atenções na borda entre a neurose e psicose, nos permitindo apenas realizar suposições a partir do conteúdo por eles apresentado.

Por mais que tentemos, não é possível estabelecer uma única definição sobre a fronteira entre a psicose e a perversão. Vimos que a perversão se mantem mais ligada a realidade do que a psicose, mas como também já foi mencionado, a perversão pode atuar como uma defesa contra

---

<sup>40</sup> Lebrun explicita que essa neurose seria diferente das neuroses encontradas no tempo de Freud.

o esfacelamento do ego, mascarando uma organização psicótica com uma montagem perversa. A continuidade das organizações psíquicas – e as inúmeras configurações do psiquismo devido a atuação das montagens – nos impede de estabelecer bordas definidas para a realização de um diagnóstico, só sendo possível hipotetizar o diagnóstico a partir da singularidade de cada caso.

#### **4.5 A especificidade da perversão na mulher**

Quando se trata da existência da perversão nas mulheres, a produção teórica se mostra escassa. E, conforme nos diz França (2014b), ao se buscar material psicanalítico sobre o tema da perversão feminina, encontramos poucos autores dispostos a discuti-lo, em geral encontramos apenas a existência de uma negativa da existência do fenômeno, existindo pouco material referente ao tema. Welldon (2008) explicita que como não se espera encontrar a perversão na mulher, não existe investigação voltada a procurá-la. Na mesma linha, Louise Kaplan, psicanalista estadunidense, (1991) considera que a perversão feminina não se pauta pela existência de comportamentos sexuais manifestos, e por esse motivo, falhamos em encontrar sua manifestação, já que o foco da busca está no lugar errado. Para as autoras mencionadas, ao buscar a perversão feminina, partimos dos pressupostos errados, resultando no fracasso da investigação. Interessante mencionar que Freud teve um entendimento similar ao discutir a sexualidade infantil, chegando a apontar que não se concebeu a existência da sexualidade infantil antes de sua teorização devido ao fato de que os teóricos anteriores aos seus estudos não imaginaram tal possibilidade, e por isso não realizaram nenhum tipo de investigação acerca dessa hipótese.

Springer-Kremser et al. (2003), identificam três posicionamentos dentro da teoria psicanalítica em relação à perversão feminina. O posicionamento inicial é fundamentalmente composto pela teorização freudiana e por Karl Abraham. Os autores possuem uma concepção falocentrista, tendo a inveja do pênis como base para a construção do conceito de perversão. Devido a esse entendimento, a perversão feminina não aparece como foco de estudos dos autores mencionados.

O segundo posicionamento se estabelece a partir de uma crítica as teorias sobre o desenvolvimento sexual feminino existentes, expandindo sua conceituação para além da questão anatômica. Autores franceses, como Chasseguet-Smirgel, estabeleceram o núcleo do conflito perverso a partir da idealização patológica e o emaranhamento com a analidade da mãe. Outro autor considerado representante dessa corrente é Robert Stoller. Segundo a teorização do autor, a perversão corresponderia “a forma erótica do ódio”, e é representada por uma fantasia

hostil de vingança que transforma o trauma infantil em triunfo do adulto. Última autora citada como pertencente a essa corrente é Louise Kaplan, que, influenciada pela teorização de Stoller considera fatores socioculturais e estereótipos relacionados ao gênero em sua construção sobre a perversão feminina.

O terceiro posicionamento surge com o entendimento proposto por Estela Welldon de que a perversão feminina se fundamenta na capacidade reprodutiva da mulher. A perversão feminina teria como alvo os órgãos envolvidos na reprodução, suas simbolizações ou seus “produtos”, os filhos. “Se a integração entre imagem corporal e representação genital se basear em percepções sádicas e distorcidas, as representações mentais do espaço interno serão também distorcidas<sup>41</sup>” (Springer-Kremser et al., 2003, p. 111).

Considerando que os autores iniciais, Freud e Abraham não estabelecem nenhuma teorização para a perversão feminina, consideramos desnecessário estabelecer comentários mais aprofundados sobre suas obras neste tópico. Discutiremos as duas últimas posições consideradas pelos autores, focaremos nossa atenção no que eles chamam de segundo e terceiro momento da perversão feminina.

Chasseguet-Smirgel (1975) comenta que o encaminhamento para perturbações de caráter, perversões e psicoses ocorre anterior a resolução do complexo de Édipo para a menina. Ao discutir a sexualidade feminina, a autora afirma que

Se, ao contrário, as primeiras experiências se revelam más, e se o segundo objeto não apresenta nenhum traço favorável à projeção do aspecto bom do objeto, está aberto o campo para as mais graves perturbações (perturbações de caráter, perversões, psicoses). (p. 114)

A autora trabalha com a ideia de que tanto as mulheres quanto os homens nunca abandonam o medo da castração, já que o mesmo diz respeito a um golpe ao narcisismo da criança nas representações que conservam um significado fálico. Então mesmo que a castração, no sentido freudiano, já tenha ocorrido nas mulheres, existem outras equivalências fálicas que sustentam esse temor. Essa concepção descola a questão anatômica da castração, permitindo uma igualdade entre meninos e meninas.

Bass (2000) pontua que Chasseguet-Smirgel considera que a negação da diferenciação sexual gera uma substituição da realidade por fantasias anais idealizados. O pênis deixa de ser o ponto focal, sendo a equivalência obtida a partir de um regresso à fase anal.

Stoller (1973/1997) apresenta de forma detalhada um caso de uma mulher que acreditava possuir um pênis, e, apesar dos diagnósticos de psicose que recebeu durante a vida,

---

<sup>41</sup> Tradução nossa: If these perceptions are conceived as sadistic, distorted and incorrect, the mental representations of this inner space will be distorted as well.

o autor não se apega a essa hipótese, já que o comportamento apresentado por ela não corresponderia a de uma psicose. O autor considera a atuação do mecanismo da clivagem para permitir a vivência fantasiosa da percepção do pênis e, busca de forma sistemática analisar as diferentes facetas do caso. A mulher apresentava fantasias de assassinato e fala sobre o papel dos pais na criação de alguns sintomas de sua paciente. A partir desse trabalho, Stoller desenvolve melhor as questões relativas a identidade de gênero, influenciando seus trabalhos posteriores.

Outro trabalho de Stoller que merece nossa atenção é seu livro *Perversion: the erotic form of hatred* (1975/1986), onde o autor afirma que a perversão é resultado de uma interação entre hostilidade e desejo sexual, e atua na tentativa de converter o trauma infantil em triunfo adulto. O que determinaria se um ato é perverso é a fantasia motivadora do ato. Reconhece a existência da perversão feminina e considera que suas raízes são uma desordem de gênero, afirmando que,

já na obra de Freud é possível ter essa percepção. Freud também postulou que a perversão era – usando meu conceito – uma desordem de gênero; isto é, perversão resulta de uma tentativa ou de prevenir a castração, ou, in mulheres, realizar uma reparação para o ‘fato’ da castração (p.93).

Kaplan (1991) segue uma linha similar a Stoller sobre o papel da identidade de gênero na perversão. No entanto, considera que a perversão diz respeito a desespero e fixação, sendo que o perverso não possui outra escolha a não ser realizar o ato. A perversão feminina não se manifestaria como a perversão masculina, através de atos sexuais manifestos, e por isso não percebemos sua existência.

Welldon (1988/2013) afirma que só é possível compreender a perversão feminina se ignorarmos a perversão masculinas. Esse cuidado é necessário para que seja adotada uma nova perspectiva, já que uma comparação entre as duas perversões geraria resultados artificiais e incorretos. A autora considera que a sexualidade é parte da manifestação perversa em ambos os sexos, mas na mulher essa manifestação se daria também pela capacidade reprodutiva. A autora considera então que a perversão na mulher pode ser expressa através da maternidade, onde a atitude perversa em relação à criança atuaria como uma vingança em relação à sua própria mãe.

Dentre os autores citados, podemos notar um avanço nas teorizações existentes, geralmente associando a perversão a um trauma, não necessariamente ao temor da castração, e permitindo seu surgimento na mulher. Autores como Kaplan e Welldon surgem buscando um maior entendimento especificamente da perversão feminina, apesar de não avançarem tanto em suas teorizações. A concepção de perversão de Welldon pode ser resumida na fala de Carpintero (2014), ao relatar que, a partir de sua experiência clínica, reconhece a existência de sentimentos

e atividades em mulheres que poderiam ser considerados perversos. Mas estabelece a ressalva de que existe uma diferença entre os mecanismos envolvidos no psiquismo de homens e mulheres, e a maneira como essa perversão é atuada.

A hipótese é que a perversão feminina é muito diferente da perversão masculina porque a meta está dirigida para si mesma, seus corpos ou o que elas consideram como uma extensão de si mesmas, seus bebês. Isso contrasta com a perversão masculina, onde o destino da ação sádica se dirige para um objeto externo<sup>42</sup>. (p.160)

A partir de todas concepções apresentadas, tentaremos realizar uma discussão acerca das particularidades da mulher perversa.

As considerações de Freud nos permitem entender que aparentemente o tema da perversão, mais especificamente a perversão feminina não constituía um tema de interesse central para o autor. Carpintero (2014) considera que a falta de uma conceituação psicopatológica e de uma elaboração metapsicológica mais clara para a perversão, na teorização freudiana, não deve ser considerada uma negligência, mas sim, de que a perversão é parte integrante de todo aparelho psíquico, a partir do entendimento de que todo desejo é perverso, por possuir caráter sexual.

Ao adotar o temor da castração como ponto central da resolução do Édipo, a teoria freudiana se distancia da possibilidade da organização psíquica perversa na mulher, já que segundo sua teorização, a mulher não teme a castração por já se considerar castrada. Como nos diz Carpintero “Classicamente se sustenta que as mulheres não podem ter perversões sexuais porque elas não têm pênis<sup>43</sup>” (2014, p. 159). Barros e Mendonça também corroboram essa visão, ao afirmar que “na psicanálise (...) sustenta-se que não poderia haver mulheres na estrutura perversa uma vez que elas não têm como desmentir (*Verleugnung*) a castração.” (2013 p.219).

A visão apresentada pelos autores acima mencionados corresponde a visão clássica acerca da perversão. Entendemos que essa concepção se mostra muito limitada, já que retomam a questão anatômica da teorização freudiana sem o estabelecimento de uma atualização teórica ou mesmo cronológica. Benvenuto (2015) aponta uma crítica à visão clássica, já que para ele, a perversão está diretamente relacionada a lei vigente, pois é a partir de sua transgressão que ocorre o prazer. Com isso, sua manifestação varia de acordo com cada cultura e época conforme citado anteriormente. O falocentrismo que fundamenta a argumentação clássica, base da teoria freudiana sobre a castração e o complexo de Édipo, foi criticado e perdeu força nas construções

---

<sup>42</sup> Tradução nossa: la hipótesis es que la perversión femenina es muy diferente de la perversión masculina porque la meta está dirigida hacia sí mismas, a sus cuerpos, o hacia lo que ellas consideran como una extensión de si mismas, sus bebés. Esto contrasta con la perversión masculina, donde el blanco de la acción sádica se dirige hacia un objeto externo.

<sup>43</sup> Tradução nossa: “Clásicamente se sostiene que las mujeres no pueden tener perversiones sexuales ya que no poseen pene”.

teóricas dos autores pós-freudianos, conforme pudemos ver nas concepções sobre a perversão já apresentadas. Essa construção é então considerada como influenciada pela época em que foi desenvolvida, sendo necessária uma atualização de seu entendimento para a sociedade atual.

Alguns outros autores irão pensar a recusa como uma reação frente a uma percepção traumatizante, atuando em momentos anteriores ao complexo de Édipo. Pereda (1996, citado por França, 2010) teoriza a existência de uma “recusa estrutural”, com atuação anterior ao conflito edípico. A partir dessa lógica, é possível pensar em uma manifestação da recusa não ligada à questão anatômica.

Pensar a recusa de uma forma mais ampla, não necessariamente ligada ao complexo de Édipo, nos permite um distanciamento do modelo anatômico proposto por Freud, e conseqüentemente uma ampliação da utilização do mecanismo, de forma que o gênero não mais exerce uma influência crucial na questão. Como afirma França (2010, p. 43) “com o desenvolvimento da psicanálise, a órbita da castração só foi se ampliando, e a ‘recusa’ passou a ser o protótipo e a origem de outras recusas da realidade”. Considerar a recusa como um mecanismo de atuação mais ampla, permite pensarmos em sua atuação na mulher, e vislumbrarmos a possibilidade da perversão iniciar sua organização em um momento diverso do complexo de Édipo.

Buscando concepções atuais sobre manifestações que poderiam ser consideradas como perversas, chegamos a uma questão sobre uma manifestação descrita pela psiquiatria. Seria possível pensar na Síndrome de Munchausen<sup>44</sup> como uma manifestação da perversão feminina? Segundo a teorização apresentada por Welldon, esse entendimento é possível. A criança se torna o destino da ação sádica da mãe, sendo uma extensão do corpo da mesma. A concepção apresentada por Welldon, e corroborada por Carpintero nos aproxima da corrente teórica que considera a Síndrome de Munchausen por Procuração (SMPP) como o modelo de manifestação da perversão feminina.

A Síndrome de Munchausen foi descrita em 1951 por Richard Asher, um médico inglês, e descrita como uma desordem psiquiátrica onde adultos apresentam históricos médicos dramáticos e aparentam doenças agudas, que se revelam como sendo falsas (Rosenberg, 1987). Atualmente a síndrome é considerada, dentro da psiquiatria, um transtorno factício, sendo descrita por Barros e Teixeira (2015) como

Transtorno psiquiátrico caracterizado entre os transtornos factícios, em que o paciente, de forma compulsiva, deliberada e contínua, causa, provoca ou simula sintomas de doenças, sem que haja uma

---

<sup>44</sup> A grafia pode variar.

vantagem óbvia para tal atitude (...) difere da simulação porque nessa última o indivíduo tem um objetivo consciente, enquanto na primeira a sua motivação é inconsciente e de difícil identificação (p.172)

Já na Síndrome de Munchausen por Procuração, as características<sup>45</sup> gerais se mantêm, mas o objeto é modificado. Segundo Feldman e Brown (2002), a maneira como a síndrome se manifesta tem se mostrado semelhante em diversos países do mundo. Os casos registrados demonstram que na maioria das vezes, a mãe sofre a síndrome e atua no corpo do filho, simulando ou fabricando sintomas. (Rosenberg, 1987; Hotchkiss, 1997; Feldman & Brown, 2002; Sheridan, 2003; Fujiwara et al, 2008)

A síndrome foi inicialmente<sup>46</sup> descrita por Meadow (1977), analisando dois casos onde as mães fabricavam os sintomas das crianças, adulterando amostras de exames, e conseqüentemente as submetendo a procedimentos médicos desnecessários. Os dois casos tiveram sérias conseqüências para a saúde das crianças. Anteriormente à constatação da fabricação dos sintomas por parte das mães, as mesmas eram consideradas cuidadosas e amorosas com seus filhos. Sheridan (2003) aponta para o fato de que vários autores consideram que os responsáveis pela SMPP também sofrem da Síndrome de Munchausen. Em seu estudo a autora considera que aproximadamente 30% dos perpetradores possuem características que sugerem a existência da Síndrome de Munchausen.

Meadow (1982) chama a atenção para a dificuldade de se realizar um diagnóstico para as mães acometidas dessa síndrome, já que seus comportamentos aparentavam normalidade fora os envolvidos no transtorno. O comportamento descrito da mãe, não era aberrante, ou levantava alguma suspeita, sendo muitas vezes consideradas dedicadas ao filho, não se ausentando do hospital. A partir dessa descrição é possível hipotetizar que a atuação de produção de sintomas não seria originada de uma organização psicótica, já que existe uma preocupação em se esconder a autoria dos sintomas, de se portar de maneira socialmente adequada e passar uma imagem de normalidade. Tais características demonstram ligação e preocupação com a realidade, se distanciando da possibilidade de serem frutos de um delírio. Tal hipótese encontra fundamento na revisão de literatura realizada por Rosenberg (1987), onde a maioria dos autores estudados indicam que o perpetrador não era psicótico.

---

<sup>45</sup> Rosenberg (1987) explicita que a definição da SMPP exclui casos em que ocorre somente um tipo de abuso. Apesar desse esclarecimento, a distinção entre a síndrome e envenenamento intencional, infanticídio, entre outras possibilidades não é claramente definida.

<sup>46</sup> Steinschneider (1972) descreveu um relato de caso que posteriormente foi considerado como SMPP, mas somente em 1977 a síndrome foi conceitualizada. O caso em questão se refere a Waneta Hoyt, Serial Killer que assassinou seus cinco filhos, dois deles participantes do estudo de Steinschneider.

Outra hipótese possível de ser estruturada a partir das informações é que o imaginário popular em relação a maternidade, e sua idealização obscurece a percepção de algum comportamento aberrante ou prejudicial. A crença da existência de um instinto materno obscurece a noção de que uma mãe pode causar mal para seu filho (Hotchkiss, 1997).

Embora a motivação dessas mães possa ser ganhar atenção, achar um nicho para si, ou despistar os médicos, isso não explica o fator existente na mãe que permite a ela transformar a motivação em ações algumas vezes diabólicas. Para isso ocorrer deve existir uma desordem da empatia da mãe para a criança. (...) O que aconteceu no início da vida das mães que perpetram a Síndrome de Munchausen por Procuração que permite que elas se dissociem de seus filhos tão friamente?<sup>47</sup> (Rosenberg, 1987, p. 557-8)

Segundo Hotchkiss (1997), dois autores, Scheirer e Libow, em sua obra *Hurting for Love* propõem que uma mãe que sofre de SMPP utiliza seu filho como objeto fetichizado, caracterizando a maternidade como uma perversão nesses casos. Hotchkiss considera a teorização apresentada pelos autores como falocêntrica, sendo o comportamento da mãe originado em uma forma de inveja do pênis.

Como discutido anteriormente, a partir da teorização freudiana, a mulher, ao não temer a castração, não estabelece um fetiche, já que ela não pode perder o que não tem. Mas segundo Hotchkiss, a experiência clínica não corrobora com a visão estabelecida a partir da teorização freudiana, existindo vários relatos de fetiches em mulheres.

Apesar de poder ser pensado como um avanço teórico, essa aproximação deve ser entendida com ressalvas. A mudança de meta é capaz de fornecer explicação para uma parcela dos casos, mas de forma alguma se mostra capaz de fornecer uma explicação geral para o fenômeno da perversão na mulher. A teoria se mostra limitada ao desconsiderar os casos em que, assim como na perversão masculina, o destino da ação sádica corresponde a um objeto externo. Infelizmente, não encontramos teorizações que especificamente abarquem essa possibilidade.

Somamos ao conteúdo anteriormente apresentado, a concepção apresentada por Queiroz (2002), que assim como Benvenuto, sugere que o conceito de perversão, dentro da teoria psicanalítica, não deve ser considerado como imutável e cristalizado, pois o modo de sua apresentação se modifica com o passar do tempo. Podemos perceber em nosso percurso que a

---

<sup>47</sup> Tradução nossa: While the motivation of these mothers may be to get attention, to find a niche for themselves, or to outwit the doctors, this does not explain the factor in the mother that permits her to translate the motivation into sometimes diabolical action. For this to occur there must be a disorder of empathy of the mother for the child. (...) What happened in the early lives of mothers who perpetrate MSBP that permits them to dissociate from their children so chillingly?

teoria tem se modificado constantemente, e, apesar de não encontrarmos teóricos que buscam entender a perversão feminina de maneira ampla, em toda a sua complexidade, podemos considerar, com algum grau de certeza, que as concepções dos autores pós-freudianos nos permitem vislumbrar dentro da teoria a existência da organização perversa na mulher. Apesar desse direcionamento, ainda buscamos as construções teóricas que nos auxiliarão a alcançar nossa meta.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: REVISITANDO A PERVERSÃO FEMININA

Ao encerrarmos esse momento de escrita da dissertação podemos apenas pontuar o tímido avanço que fizemos num tema tão complexo. Desde os delineamentos iniciais da pesquisa já era possível antever que o direcionamento precisaria ser construído gradativamente, sendo que cada passo, confirmaria a pertinência das questões para as quais buscávamos respostas. A amplitude do tema e a sede de tudo ler sobre o assunto, muitas vezes nos deixou perdidos num emaranhado de informações superficiais e que nos faziam correr o risco de não aprofundarmos nossas investigações. Chegamos a aventar a hipótese de conseguirmos entrevistar mulheres que estavam sendo acusadas de terem praticado assassinatos, no entanto, as poucas tentativas de encontrar um caminho jurídico para tal, logo nos mostraram que esta seria uma caminhada quase impossível. Foi preciso então, que nos adequássemos à realidade de que somente teríamos acesso aos dados fornecidos pela imprensa. Aliás, organizar uma apresentação sistematizada dos dados da mídia que comprovavam a existência de mulheres *serial killers*, foi o passo que nos permitiu delimitar a direção que a pesquisa precisaria tomar: extrair dos escritos psicanalíticos elementos que nos possibilitasse compreender o funcionamento psíquico da perversão feminina.

A partir da revisão da literatura, pudemos perceber que na própria psicanálise clássica, era possível encontrar elementos para pensarmos a organização perversa na mulher. A afirmação de Valas (1990), onde o mesmo afirma que no início da teorização freudiana, a mulher possuía a essência das perversões, por uma menor contenção dos instintos sexuais por parte do processo civilizatório, por um bom tempo serviu de esteio às nossas ansiedades. E mesmo que essa constatação tenha se perdido com o estabelecimento da primazia fálica e do monismo sexual no processo de desenvolvimento, esperamos ainda reencontrar elementos para prosseguir naquele caminho que nos mostrava que devido a uma saída menos abrupta do Édipo, o superego feminino possuiria menos rigor perante a lei do que o superego masculino, e que o “processo civilizatório” continuaria a ter menos influência na mulher. Apesar de que tais concepções, situadas nos primórdios da psicanálise, ainda estavam afastadas de qualquer articulação com a possibilidade de existência da perversão, e que na contemporaneidade tal concepção nem se sustente mais, elas não deixam de funcionar como um andaime provisório até que tenhamos outros caminhos fecundos para prosseguirmos com a nossa certeza de que há mulheres perversas. Afinal, sequer encontramos nas contribuições fornecidas por autores contemporâneos, elementos que nos permitiam comprovar essa assertiva, pois as explicações

que encontramos sobre a perversão feminina não nos satisfazem, pois vinculam a perversão das mulheres a atuações dirigidas ao seu próprio corpo ou ao que consideram como extensão de seu corpo, ou seja, seus filhos.

Não podemos aceitar que a atuação das mulheres perversas se limite ao seu próprio corpo, afinal, os inúmeros casos das *serial killers* nos permitem afirmar que a atuação das mulheres é mais ampla e diversa do que a teoria atual é capaz de explicar. No entanto, a precariedade das informações sobre os casos e as limitações teóricas existentes no momento não nos permitem estabelecer maiores conclusões sobre a temática do funcionamento mental quer seja das mulheres perversas ou das mulheres *serial killers*. Portanto, continuaremos pesquisando, refletindo e buscando estabelecer comparações que nos permitam averiguar se o assassinato serial é, na mulher, uma manifestação de sua organização perversa. Prosseguiremos com a hipótese de que pelo menos uma boa parte dos casos corresponderia a uma perversão, mas sabemos que somente com maiores argumentos teórico/clínicos será possível comprovar essa suposição. Temos certeza de que, de modo algum, o trabalho está concluído, pois dele existirão vários re-começos. Fundamentalmente, o que construímos foi um ponto de partida a ser visitado em nossos trabalhos futuros, quando esperamos conseguir abandonar as suposições e imprecisões, e delinear com mais assertividade as construções possíveis no campo da perversão feminina. Esperamos que o trabalho apresentado possa contribuir para o fomento de discussões sobre essa temática, jogando luz em um assunto tão polêmico e ao mesmo tempo tão ignorado.

A coragem para prosseguir virá tanto do nosso compromisso interno com o assunto, quanto das inspiradoras palavras de Freud na abertura de seu artigo *Caminhos para a Psicanálise* (1919/2010c):

nunca nos gabamos da completude e inteireza de nosso saber e de nossa capacidade; estamos prontos, agora não menos que antes, a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, aprender novas coisas e mudar em nossos procedimentos o que puder ser melhorado. (p.210)

Entendemos essa passagem não só como um convite que Freud nos faz não apenas para perceber os limites existentes na teoria, mas também a capacidade de expansão que a mesma possui. Bass (2000) retoma essa concepção apontando que a expansão teórica é possível, mas somente se confrontarmos as questões que se apresentam nas bordas da psicanálise. Sentimos que nosso trabalho busca um confronto com a borda, ao lidar com a questão da perversão na mulher.

## REFERÊNCIAS<sup>1</sup>

Aamodt, M. G. (2015). Serial Killer statistics. Recuperado em 18 de março de 2016, de <http://maamodt.asp.radford.edu/Serial%20Killer%20Information%20Center/Serial%20Killer%20Statistics.pdf>

Alberti, S. (2005). A perversão, o desejo e a pulsão. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 5(2), 341-360.

American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Arantes, M. A. A. C. (2013). *Tortura: Testemunhos de um crime demasiadamente humano*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 45(3), 325–344.

Arrigo, B. A., & Griffin, A. (2004). Serial Murder and the case of Aileen Wuornos: Attachment theory, psychopathy, and predatory aggression. *Behavior Sciences and the Law*, 22(3), 375-393.

Aulagnier-Spairani, P. (1967/2003). A perversão como estrutura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6(3), 43-69.

Barros, R. M. M., & Mendonça, L. G. S. F. (2013). Mulher perversa? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(2), 218-231.

Barros, D. M., & Teixeira, E. H. (Orgs.). (2015). Casos Especiais. In *Manual de Perícias Psiquiátricas* (pp. 149-174). Porto Alegre: Artmed.

Bass, A. (2000). *Difference and Disavowal: The trauma of eros*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Benvenuto, S. (2015). Do Perversions exist? *Psychoanalytic Discourse*, 1(1), 7–14.

---

<sup>1</sup> De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Belo, F. R. R., & Bacelete, L. (2012). Sofrimento psíquico na perversão: O caso Dexter. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 519-528.

Birman, J. *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

Brasiliense, D. R. (2010). Mentis perigosas: A normatização midiaticizada mora ao lado. *Revista EPOS*, 1(2), 1-20.

Calheiros, M. G. (2013). *Psicopatia e perversão: Características comuns e diferenciais, processo de passagem ao acto e perfil criminal*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

Candi, T. (2010). *O duplo limite: O aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.

Carpintero, E. (2014). *El erotismo y su sombra: El amor como potencia de ser*. Buenos Aires: Topía Editorial.

Casoy, I. (2014a). *Serial Killer: Louco ou Cruel?* Rio de Janeiro: DarkSide Books.

Casoy, I. (2014b). *Serial Killer: Made in Brazil*. Rio de Janeiro: DarkSide Books.

Cesar, F. F. (2009). *Asas presas no sótão: Psicanálise dos casos intratáveis*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.

Chasseguet-Smirgel, J. (1975). A culpa feminina. In *A sexualidade feminina – Novas pesquisas psicanalíticas* (T. Pontes, trad.). Petrópolis: Editora Vozes.

Chasseguet-Smirgel, J. (1991). *Ética e estética da perversão* (V. Jaques, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Cleckley, H. M. (1988). *The Mask of Sanity* (5<sup>a</sup> ed.). Augusta, GA: C.V. Mosby Co.

Eiguer, A. (1999). *Pequeno tratado das perversões morais* (J. D. Nogueira, trad.). Lisboa: Climepsi.

Farrel, A. L., Keppel, R. D., & Titterington, V. B. (2011). Lethal Ladies: Revisiting what we know about female serial murderers. *Homicide Studies*, 15(3), 228-252.

Farrel, A. L., Keppel, R. D., & Titterington, V. B. (2013). Testing existing classifications of serial murder considering gender: An exploratory analysis of solo female serial murderers. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 10(3), 268-288.

Feldman, M. D., & Brown, R. M. (2002). Munchausen by Proxy in an international context. *Child Abuse & Neglect*, 26(5), 509-524.

Ferraz, F. C. (2005). A recusa do tempo. In C. P. França. *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferraz, F. C. (2006). A abordagem psicanalítica das tendências anti-sociais. In C. Cohen, F. C. Ferraz, M. Segre, *Saúde Mental, Crime e Justiça* (pp. 81-96, 2ª ed.). São Paulo: Edusp.

Ferraz, F. C. (2008). *Perversão* (5ª ed.) São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferraz, F. C. (2011). As montagens perversas como defesa contra a psicose. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 29(1), 41-48.

Ferraz, F. C. (2014). Perversão, hostilidade e abuso. In C. P. França (Org.), *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar* (pp.153-162). São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L. C. M. (2008). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Foucault, M. (1991). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.

França, C. P. (Org.). (2010). Emanações da caixa de Pandora. In *Perversão: As engrenagens da violência sexual infantojuvenil* (pp. 39-48). Rio de Janeiro: Imago.

França, C. P. (2013). *Disfunções Sexuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

França, C. P. (Org.). (2014a). Existe Criança Perversa? In *Tramas da perversão: A violência sexual intrafamiliar* (pp. 125-151). São Paulo: Escuta.

França, C. P. (Org.). (2014b). A mulher pedófila: impasses e desafios. In *Tramas da perversão: A violência sexual intrafamiliar* (pp. 209-222). São Paulo: Escuta.

Freud, S. (2006a). Carta 52. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1896).

Freud, S. (2006b). Carta 69. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1897).

Freud, S. (2006c). A interpretação dos sonhos (primeira parte) In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp.15-363). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (2006d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (2006e). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (2006f). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 167-186). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1908).

Freud, S. (2006g). Sobre as teorias sexuais das crianças. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 189-204). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1908).

Freud, S. (2006h). O tema dos três escrínios. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 313-325) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1913).

Freud, S. (2006i). Sobre o Narcisismo, uma introdução. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2006j). O tabu da virgindade. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 197-215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1918 [1917]).

Freud, S. (2006k). Uma criança é espancada. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (2006l). O estranho. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 235-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (2006m). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1920).

Freud, S. (2006n). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 155-61). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (2006o). A Dissolução do Complexo de Édipo. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 191-99). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1924).

Freud, S. (2006p). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 273-86). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1925).

Freud, S. (2006q). Fetichismo. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 151-60). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1927).

Freud, S. (2006r). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 231-51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1931).

Freud, S. (2006s). Feminilidade. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 113-34). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1932).

Freud, S. (2006t). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1937).

Freud, S. (2006u). A divisão do ego no processo de defesa. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 291-6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1938).

Freud, S. (2006v). Esboço de Psicanálise. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1940[1938]).

Freud, S. (2006w). A cabeça de Medusa. In *Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 289-290). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1940[1922]).

Freud, S. (2010a). Recordar, repetir e elaborar. In *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2010b). Os criminosos por sentimento de culpa. In *Obras completas* (P. C. Souza, trad. Vol. 12, pp. 284-286). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1916).

Freud, S. (2010c). Caminhos da teoria psicanalítica. In *Obras completas* (P. C. Souza, trad. Vol. 14, pp. 210-219). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

Fujiwara, T., Okuyama, M., Kasahara, M., & Nakamura, A. (2008). Characteristics of hospital-based Munchausen Syndrome by Proxy in Japan. *Child Abuse & Neglect*, 32(4), 503-509.

Garcia, C. A. (2007). Os estados limite e o trabalho do negativo: uma contribuição de A.Green para a clínica contemporânea. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(1), 123-135.

Green, A. (1991). *O complexo da castração*. Rio de Janeiro: Imago.

Green, A. (2010). *O trabalho do negativo* (Murad, F. trad.). Porto Alegre: Artmed.

Green, T. (2012). *Inquisição: o reinado do medo* (C. Cavalcanti, trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.

Greig, C. (2010). *Serial Killers: Nas mentes dos monstros*. São Paulo: Madras.

Gurian, E. (2011). Female serial murderers: Directions for future research on a hidden population. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 55(1), 27-42.

Hegenberg, M. (2013). *Borderline* (7<sup>a</sup> ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Henriques, R. P. (2009). De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 285-302.

Hotchkiss, S. (1997). The child as fetich: Theoretical considerations on the etiology of Munchausen by Proxy Syndrome. *Clinical Social Work Journal*, 25(3), 315-322.

Huss, M. T. (2011). *Psicologia Forense: Pesquisa, prática clínica e aplicações* (S. M. M. Rosa, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Kaplan, L. J. (1991). *Female Perversions: The temptations of Emma Bovary*. New York: Doubleday.

Keeney, B. T., & Heide, K. M. (1994). Gender differences in serial murderers: A preliminary analysis. *Journal of Interpersonal Violence*, 9(3), 383-398.

Kelleher, M. D., & Kelleher, C. L. (1998). *Murder most rare: The female serial killer*. Westport; CT: Dell Publishing.

Kernberg, O. F. (1995). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kernberg, O. F. (2006). Perversion, perversity, and normality: Diagnostic and therapeutic considerations. In D. Nobus, L. Downing (Orgs.), *Perversion: Psychoanalytic perspectives/perspectives on psychoanalysis* (pp.19-38). London: Karnac.

Klein, M. (1997) Estágios iniciais do conflito edipiano. In: *Obras Completas*, v.1. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1932)

Kramer, H., & Sprenger, J. (1484/2015). *O martelo das feiticeiras* (P. Fróes, trad., 26ª ed.). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, trad., 4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Lebrun, J. P. (2015). La perversión ordinaria... ¡aún! *Desde El Jardín de Freud*, (15), 37–47.

Mannoni, O. (1973). Eu sei, mas mesmo assim.. In *Chaves para o Imaginário*. (L. M. P. Vassalo Trad.). Petrópolis: Vozes.

Meadow, R. (1977). Munchausen syndrome by proxy the hinterland of child abuse. *The Lancet*, 310(8033), 343-345.

Meadow, R. (1982). Munchausen syndrome by proxy. *Archives of Disease in Childhood*, 57(2), 92-98.

Morton, R. J. (Ed.). (2008). *Serial murder: Multi-disciplinary perspectives for investigators*. Washington, DC: United States Department of Justice, Federal Bureau of Investigation.

Myers, W. C., Gooch, E., & Melo, J. R. (2005). The Role of Psychopathy and Sexuality in a Female Serial Killer. *Journal of Forensic Sciences*, 50(3), 652-657.

Netto, G. A. F. (1999). Perversões ou perversão. *Estilos da Clínica*, 4(6), 156-164.

Newton, M. (2005). *A enciclopédia de serial killers: um estudo de um deprimente fenômeno criminoso, de "anjos da morte" ao matador do "zodíaco"*. (A. L. M. Ferreira, trad.). São Paulo: Madras.

Nesca, M., Dalby, J., Baskerville, S. (1999). Psychosocial profile of a female psychopath. *American Journal of Forensic Psychology*. 17(2), 63-77.

Nunes, S. A. (2002). O feminino e seus destinos: Maternidade, enigma e feminilidade. In J. Birman, *Feminilidades* (pp. 35-57). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Oliveira, R. A. (2008). O funcionamento perverso da mente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), 154-161.

Peixeiro, M. H. (2006). A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena. *Psyche*, 10(18), 67-80.

Penot, B. (1992). *Figuras da Recusa – Aquém do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Perez, M. T., Próchno, C. C. S. C., & Paravidini, J. L. L. (2009). Perversão: uma estrutura, uma montagem ou outra coisa? *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(1), 187-207.

Peters, E. (1989). *Inquisition*. Berkeley, CA: University of California Press.

Philbin, T., & Philbin, M. (2011). *O Livro Completo sobre os Serial Killers: histórias assustadoras sobre os seres mais perversos que existem entre nós* (L. W. Ono, trad.). São Paulo: Madras.

Pires, A. et al (2004). Perversão, estrutura ou montagem? *Reverso*, 51, 43-50

Pires, J. D. A. (2013). A Inquisição e a feitiçaria: a ritualização do interrogatório e da tortura. *História e Cultura*, 2(3), 560-573.

Queiroz, E. F. (2002). A perversão no feminino. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 5(3), 92-108.

Roland, P. (2010). *Por dentro das mentes assassinas: A história dos perfis criminosos* (A. F. Cabral, trad.). São Paulo: Madras.

Rosenberg, D. A. (1987). Web of deceit: a literature review of Munchausen syndrome by proxy. *Child Abuse & Neglect*, 11(4), 547-563.

Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Roussillon. R. (1999). *Agonie, clivage et symbolization*. Paris: Presses Universitaires de France.

Santos, M. J. M. (2013). *Sob o véu da psicopatia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Sellers, T. (2000). Introdução. In R. V. Krafft-Ebing, *Psychopathia sexualis: As histórias de caso* (C. Berliner, trad., pp. VII-XXI). São Paulo: Martins Fontes.

Sequeira, V. C. (2009). Pedro e o lobo: o criminoso perverso e a perversão social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 221-228.

Sheridan, M. S. (2003). The deceit continues: an updated literature review of Munchausen Syndrome by Proxy. *Child Abuse & Neglect*, 27(4), 431-451.

Shine, S. K. (2006). O Psicopata e a moral. In C. Cohen, F. C. Ferraz, M. Segre, *Saúde Mental, Crime e Justiça* (2ª ed., pp. 81-96). São Paulo: Edusp.

Shine, S. K. (2010) *Psicopatía* (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sierra-Rubio, M. Á. (2014). Psique: Sobre el status de la psicopatía en psicoanálisis. *Boletín Científico Sapiens Research*, 4(1), 21-25.

Silvio, H., McCloskey, K., & Ramos-Grenier, J. (2006). Theoretical consideration of female sexual predator serial killers in the United States. *Journal of Criminal Justice*, 34(3), 251-259.

Soares, G. A. D. (2011). A criminologia e as desventuras do jovem Dado. *Segurança, Justiça e Cidadania: O panorama dos homicídios no Brasil*, 3(6), pp. 11-30.

Springer-Kremser, M., Leithner, K., Fischer, M., & Löffler-Stastka, H. (2003) Gender and perversion – what constitutes a “Bad Mother”. *Archives of Women’s Mental Health*, 6, 109-114.

Stoller, R. J. (1997). *Splitting: A case of female masculinity*. New Haven, CT: Yale University Press. (Trabalho originalmente publicado em 1973).

Stoller, R. J. (1986). *Perversion: The erotic form of hatred*. Londres: Karnac Books. (Trabalho originalmente publicado em 1975).

Susini, M. L. (2006). *O autor do crime perverso* (P. Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Steinschneider, A. (1972). Prolonged apnea and the sudden infant death syndrome: clinical and laboratory observations. *Pediatrics*, 50(4), 646-654.

Thomson, O. (2002). *A assustadora história da maldade*. São Paulo: Ediouro.

Torre, R. O. & Silva, D. H. (2006). *Perfiles Criminales*. Buenos Aires: Dosyuna Ediciones Argentinas.

Valas, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Vronsky, P. (2007). *Female serial killers: how and why women become monsters*. New York: Berkley Books.

Welldon, E. V. (2008). O mito da maternidade glorificada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 113-123.

Welldon, E. V. (2013). *Madre, virgen, puta: Um estudio de la perversión femenina*. Madrid: Psimática Editorial. (Trabalho originalmente publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (2002a). Tendência anti-social. In *Privação e Delinquência* (A. Cabral, trad., pp. 275-90). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2002b). Psicoterapia de distúrbios de caráter. In *Privação e Delinquência* (A. Cabral, trad., pp. 275-90). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1963).